

OS CAVALHEIROS DE LUCIFER



CRISTHIAN COUTO



PARTICIPAÇÕES

CRISTHIAN RUAN COUTO (AUTOR)

SHUTTERSTOCK (MODELO CAPA)

Copyright © 2021 by Cristhian Couto

Todos os direitos reservados.

Os Cavalheiros de Lúcifer.

Todos os personagens e acontecimentos neste livro, com exceção dos claramente em domínio público, são fictícios, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma – meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação – sem a permissão expressa, por escrito, do autor e do editor.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Dados Internacionais da Catalogação (CIP)

Couto, Cristhian, 1999

Os Cavalheiros de Lúcifer / Cristhian Couto. 2ª ed. – Rio Grande Do Sul, 2019.

1. Ficção brasileira. 2. Horror. 3. Romance.

cristhiancouto@gmail.com



2ª Edição

OS CAVALHEIROS DE
LUCIFER



CRISTHIAN COUTO

PRÓLOGO

10 anos antes... Era um dia chuvoso lá fora onde a escuridão reinava na cidade, mas dentro do Hotel Versace as luzes iluminavam à passarela. Um concurso para jovens estilistas apresentarem o seu material às grandes influências da moda, os donos das maiores companhias de grifes. Um desses jovens se chamava, Álvaro Val. Considerado por muitos como o sinônimo da beleza, preto, com cabelos curtos e ondulados em cima, seus olhos escuros só o deixavam ainda mais atraente. Ainda acadêmico na faculdade de moda possuía um desejo insano por conquistar o seu lugar na sociedade.

A última passagem na passarela era de seus estilistas acompanhados de suas modelos. Álvaro entrou vestindo um belíssimo terno vermelho com estampa floral enquanto sua modelo vestia um exuberante traje na cor vinho, um terno acompanhado de uma longa saia com abertura na perna esquerda. O garoto se posicionou junto com a sua amiga ao lado dos demais concorrentes enquanto olhavam para os seus avaliadores que lhe fitavam com olhares ameaçadores, mas Álvaro estava confiante afinal tinha dado tudo de si por meses e possuía a intuição que seria recompensado.

As avaliações começaram, os jurados não estavam nenhum pouco preocupados com os seus comentários, pois, diziam diretamente o que os concorrentes tinham que ouvir, mesmo de forma considerada brutal. Nesse instante Álvaro começou a ficar nervoso, o suor escorria pela sua face enquanto ele mantinha o seu sorriso, até que chegou à sua vez. A primeira a falar foi uma grande mulher, estilista com uma ótima reputação.

- Álvaro, você é muito jovem. – Ela exclamou com os punhos pousados na mesa enquanto seus olhos castanhos o fitavam sem piedade. – Mas, isso não é de mínima importância, afinal muitos dos nossos maiores estilistas possuíam um dom desde cedo para a criação. No seu caso eu não vejo isso, na verdade, sua estética não é moderna e muito menos inovadora, creio que nem mesmo alguém da classe mais inferior da sociedade iria usar uma de suas criações. Sem ofensas.

Naquele momento era como se o garoto fosse posto no meio de um alvo no circo enquanto os palhaços lhe atiravam facas, no entanto, nesse circo todas elas lhe acertavam de uma maneira que acabaria com ele para sempre. O sorriso em seu rosto desapareceu, e seu coração pulsava desenfreadamente a ponto de ter um ataque cardíaco.

- Concordo com Afro. – O jurado ao lado também se pronunciou. – Não vejo técnica no seu trabalho, Álvaro. Talvez você opte por trocar de curso, ir para uma área que se encaixa melhor no seu perfil. Posso lhe aconselhar jornalismo, pois, carisma tens.

O clima no salão se tornou extremamente frio, até mesmo os demais concorrentes ficaram com pena do jovem rapaz que sem sombras de dúvidas foi o mais retalhado.

- Tudo bem! – A apresentadora que guiava o concurso entrevistou, pois, reparou nos olhos lacrimejantes do garoto. – Infelizmente Álvaro não passou para a próxima fase, mas lhe desejamos muita sorte nessa longa trajetória. Continuaremos em breve com a próxima fase, moda verão.

Álvaro seguiu junto com os outros concorrentes pela passarela e quando chegou no camarim desabou em frente ao espelho. Seus olhos eram como uma cachoeira, sua pele queimava mais que o fogo de uma lareira. Ele pousou suas mãos em cima da bancada e encarou sua imagem no espelho. Sua modelo e amiga apareceu correndo e lhe deu um aconchegante abraço, porém, naquele instante não era o suficiente para cobrir toda a dor.

- Não ligue para o que eles falaram. – Ela soou calma em seu ouvido. – Você é especial Álvaro, sabe que possui talento. Irá conseguir em uma próxima vez. Não desista!

Com delicadeza as mãos do garoto empurraram as de sua amiga, ele girou na cadeira e encarou ela de frente, já sem nenhuma esperança.

- Morgana. – Álvaro falou. – Aquelas pessoas lá dentro eram os maiores e mais respeitáveis influenciadores da moda atualmente. Depois do que falaram minha carreira está destruída, não há mais volta. Acabou!

- Mas...

Antes que Morgana pudesse continuar ele se levantou e colocou uma de suas mãos em sua boca, e assim sua amiga murchou e entendeu que nada o que falasse iria adiantar.

- Preciso ficar sozinho. – Ele disse. – Mas, obrigado por estar comigo.

O jovem rapaz deixou o recinto e prosseguiu pelos corredores do Hotel Versace que estava praticamente vazio, pois, só se escutava lá dentro o barulho do som alto enquanto os concorrentes riam e brindavam os comentários positivos que recebiam dos jurados. Isso só deixou Álvaro ainda mais destruído, mas nessa dor também havia raiva. Ele aceitava perder, no entanto, jamais aceitaria tamanha humilhação.

Passou pela grande janela do ambiente, observou lá fora a grande tempestade caindo na cidade e era exatamente como ele estava se sentindo, no meio de uma das piores tempestades de sua vida da qual pensou que nunca mais poderia sair. As luzes no corredor começaram a piscar dando evidência que faltaria energia. Álvaro agora sem nenhuma sutileza empurrou a porta do banheiro e adentrou, parou na frente da pia. Suas mãos agarraram a borda com uma força tremenda, seus olhos enxugados em lágrimas agora estavam vermelhos como sangue. Em um ato explosivo ele bateu com seus punhos contra o vidro que trincou.

- Deus. – Ele sussurrou para si mesmo. – Eu desejo à morte.

A luz escureceu e Álvaro adentrou na escuridão exterior, como se não bastasse a sua interna, e isso o deixou mais irritado. Mas, quando ela retornou algo estranho aconteceu, uma voz cortante soou ao lado.

- Não achas que é muito jovem para clamar pela morte?

O garoto se surpreendeu, pois, julgou que estava sozinho no local. Se virou para o lado e encontrou a misteriosa figura escorada na parede ao canto bem onde a luz não chegava, mas quando ele se aproximou se tornou nítido e a sua aparência deixou Álvaro um pouco desconcertado. Alto, cabelo curto negro, boca vermelha como o sangue, sobrancelhas grossas, uma leve barba que tapava sua pele branca. Trajado em um terno escuro como a noite, de grife e muito caro reparou Val. Por cima da sua camiseta social preta um colar prateado reluzia, uma cruz de cabeça para baixo.

- Desculpe, pensei que estava sozinho. – Álvaro ficou tímido e se virou para o lado mais escuro do banheiro para que o estranho não o visse chorar, no entanto, um ato falho afinal o sujeito viu tudo o que ele já havia feito.

- Nunca estamos sozinhos. – Um sorriso temeroso surgiu no desconhecido, em sua mão direita ele girava os seus anéis prateados enquanto fitava o garoto. – Mas, ainda não me respondeu ao meu questionamento.

Val encarou o sujeito e não sabia muito como reagir a ele, no entanto, prosseguiu.

- Meu único motivo de viver acabou. – Ele se sentia livre de uma forma estranha para falar sobre a situação. – Creio que a morte seria a minha melhor amiga no momento.

A figura deu dois passos à frente e o encarou.

- Acho que eu posso ser melhor amigo do que ela. – Ele disse. – Ou melhor, posso ser um anjo em sua vida e realizar o seu desejo.

- Acredito que não pode. – Álvaro soou firme, no entanto, confessou para si que as palavras do desconhecido lhe causaram impacto.

As luzes continuaram a oscilar.

- Eu sei o que você deseja Álvaro Val. – Os olhos esverdeados fitaram o garoto que quase caiu quando ouviu seu nome, afinal ele nunca tinha visto o sujeito ou ao menos não se recordava. – Fama, dinheiro, reconhecimento. E talvez vingança contra aqueles que lhe deixaram nesse estado. Eu posso lhe oferecer tudo isso e muito mais.

Álvaro olhou para o seu reflexo no espelho rachado e sentiu-se tentado a proposta do sujeito, se perguntou se ele conseguiria dar tudo isso que prometeu. No momento também se recordou do que sua mãe falava, nunca confie em estranhos. Mas, mesmo com uma dúvida atrás decidiu se arriscar.

- Ninguém me daria tudo isso sem um preço. – Se virou com cuidado e encarou o sujeito que estava próximo demais dele. – Qual é o seu?

O sorriso do homem fez um calafrio percorrer pelas suas costas.

- Meu preço não é nem comparável ao que eu lhe irei proporcionar.

O sujeito com sutileza pegou na sua mão e por algum motivo Val se sentiu seguro e ao mesmo tempo em perigo. Virou a palma de sua mão e desenhou uma cruz invertida na palma de Álvaro que mesmo não sendo religioso entendia o sinal.

- Você venderia sua alma para – O coração do rapaz quase saltou do peito quando ele começou a frase e parou no meio acompanhado de um leve sorriso com o canto dos lábios. – Lúcifer?

Álvaro viu as chamas dentro dos olhos daquele ser, nesse instante ele viu que não poderia ser humano. Será que todas aquelas histórias que contavam era realmente verdade? Já tinha ouvido falar de pessoas que vendiam suas almas em troca de algo. Val não acompanhava nenhuma religião depois que seus pais morreram em um trágico acidente e cada vez mais se afastou da igreja, para ele não seria um empecilho.

- Em troca eu serei um dos maiores estilistas do mundo? – Ele questionou.

O grande homem caminhou suavemente pelo lado de Álvaro, pousou suas enormes mãos no ombro do rapaz e o fitou através do reflexo.

- Você será, minha criança. – Lucífer respondeu com entusiasmo. – Um dia todos conhecerão o seu nome, Álvaro Val. E irão lamentar por ter lhe esnobado nesta noite.

O jovem limpou as lágrimas e elas cessaram. No seu olhar não havia mais aquilo doce e inocente, a partir daquela noite ele nunca mais seria o mesmo afinal agora havia vendido sua alma para Lucífer e talvez o preço no futuro lhe fizesse se arrepender de tal momento.

Capítulo I

Me ofereça algo que eu queira ser

Glamour retrô, Hollywood, sim

Vivemos pela fama

“The Fame.” Lady Gaga. [\[1\]](#)

As pessoas podem tentar se enganar, no entanto, todos sabemos o que movimenta o mundo. Sim, o dinheiro. Quem o têm possui o controle da sociedade e de como as coisas funcionam. Esse foi um dos motivos pelo qual vendi minha alma para Lúcifer. Já faz cerca de dez anos se me recordo bem, conquistei fama, poder em pouco tempo, algo jamais visto na indústria da moda. Gostaria que realmente fosse só isso, mas só eu sei o quanto tive que pagar por isso. Sacrifiquei qualquer lado bom que possuía, me tornei um indivíduo altamente perigoso, um assassino.

As luzes iluminam a metrópole, a lua esta noite está esplêndida. De onde estamos dá para avistar todos os demais prédios a nossa volta, inferiores. Meu prédio é o mais moderno e luxuoso até então. Minha sacada é tão enorme que se iguala a uma praça, nela estão todos eles, as figuras mais emblemáticas da moda, da internet, todos abismados com a minha nova coleção de inverno. As modelos desfilam no ambiente projetado. A última a seguir na passarela é a melhor e mais bonita mulher que já conheci, Morgana. Seus longos cabelos loiros deslizam pelas suas costas enquanto desfila, seu andar foi muito elogiado pela crítica se comparando até mesmo com a insubstituível, Gisele Bündchen. Deixei a roupa mais especial para ela, a saia xadrez azul e a jaqueta de couro, orna perfeitamente com sua imagem avassaladora.

Entro na frente das minhas modelos enquanto aceno para os demais convidados que começam a cochichar entre si, e pela minha experiência sei que estão totalmente contentes com a nova coleção. Dentro de alguns dias estarei nas capas das principais revistas globais, isso tem se tornado como uma rotina em minha vida.

- Muito obrigado a todos que vieram acompanhar o lançamento da nova coleção da Val. – Seguro uma taça de champanhe em uma mão e o microfone em outra. – Todos irão receber em suas residências uma peça da coleção como um presente meu.

Eles me saldam e eu gosto disso, a forma como me tratam como se fosse algo superior a um homem, talvez um Deus. Além disso, ver o sorriso de satisfação

deles por ter uma criação minha faz tudo ter sentido, por um breve momento.

- Aproveitem a festa. – Exclamo com um sorriso e saio a francesa.

Me escoro na borda do edifício enquanto aprecio a minha companhia com a bebida em minha mão, estou tão envolvido nessa coisa frenética de multidões que as vezes me esqueço como é bom ficar só nem que seja por um instante. Pois, logo avisto ninguém menos que Gabriell o novo dono da Chanel. Trajado em um perfeito casaco laranja.

- Escondido, Val. – Ele sorri para mim. – Como criador da melhor coleção de inverno deveria estar aproveitando a sua festa.

- Você como proprietário de uma das maiores marcas do mundo e concorrente não deveria estar dizendo isso, não acha? – Exclamo.

- Sabe muito bem que somos mais que isso. – Gabriell rebate.

Apenas aceno com a taça em sua direção. Eu e a Gabriell tivemos um relacionamento que durou incríveis um ano, foi o maior tempo que eu consegui me envolver com um homem. Ele era considerado o namorado perfeito, atencioso, carinhoso, no entanto, quando se esconde uma vida nas sombras não podemos nos dar o luxo de alguém chegar perto demais para descobrir nossos segredos. Minhas saídas a cada um mês o deixavam furioso, sempre pensava que estava o traindo, mas a verdade é que estava fazendo o trabalho para o meu maior sócio, Lucífer.

- Como vai a nova coleção? – O questiono.

- Lançaremos em algumas semanas. – Chanel é sincero. – Mas, nada que irá tirar o foco disso aqui que você nos presenciou agora. Por algum motivo todos te adoram, você exala essa simpatia, talento. Não consigo explicar.

- Dizem que eu fui abençoado por um anjo.

Olho para ele entre a borda da taça.

- Com certeza foi. – Ele acena para mim com toda certeza não levando a sério, mas quem levaria? Nem mesmo eu se não fizesse parte disso tudo. – Infelizmente está na minha hora, mas acredito que iremos nos ver em breve. Até mais Sr. Val.

Aceno para ele e o observo deixar a sacada.

- Você ainda o ama, estou certa?

Morgana surge de repente com a sua sinceridade cortante.

- É muito visível? – A questiono.

- Tão visível quanto a sua aparição em qualquer rua da cidade.

Olho de canto para ela e sorrio. Eu aprecio a companhia de Mog, estive ao meu lado desde aquela catástrofe que foi o meu primeiro desfile e nunca desisti de mim, sempre disse que eu iria vencer e no final foi realmente o que aconteceu. O que ela não sabe é o que eu faço para manter todo esse reinado. Creio que se soubesse nunca iria querer mais falar comigo, e com razão. Mas, como retribuição sempre levei ela junto nos meus desfiles como o ato principal e assim se firmou na carreira como modelo, no entanto, por seu mérito e não por um maldito pacto.

Visto o meu roupão vermelho e sento-me em frente ao espelho em meu quarto. Retiro meus anéis e pulseiras de diamante e admiro meu reflexo. Ao canto toco na foto quando era apenas um acadêmico de moda e não um rei da indústria. Nos primeiros anos não me senti culpado pelo pacto, afinal estava apenas conhecendo o dinheiro e quando se consegue um pouco você anseia por mais e mais, é como um vício em droga, a fama lhe causa isso, uma dependência. Porém, agora mais do que nunca eu fico me perguntando se tudo realmente vale a pena, será que eu nunca tive talento ou Lúcifer apenas me abençoou com o reconhecimento? Uma pergunta que nunca terei a resposta.

Prossigo pela sala, todos os convidados já foram embora. Ouço um barulho de vidro se estilhaçando e sigo até a cozinha, pelo horário era para eu estar só e isso me deixa um tanto receoso. Na cozinha encontro um dos funcionários da noite em frente a pia observando uma das taças quebradas enquanto suas mãos tremem. Quando ele olha para mim notando a minha presença expressa tensão.

- Senhor, Val. – Sua voz soa trêmula. – Me perdoe por tudo. Se quiser pode descontar do meu salário, mas por favor não ligue para a empresa informando sobre isso. Não posso perder esse emprego.

Reconheço uma péssima atuação de longe, mas prossigo.

- Está tudo bem. – Sorrio para ele e observo o seu crachá, ele é bem robusto e possui uma aparência rústica. – Não me importo com essas taças, mas você está bem?

Ele fica parado me olhando por longos segundos.

- Diego. – O chamo mais uma vez.

- Não senhor, está tudo bem. – Ele sorri para mim e suspira. – Graças a Deus não vai relatar, não sei como posso agradecer tamanha generosidade.

Observo no calendário da geladeira, dia cinco. Como programação de todo mês amanhã é o dia que necessito entregar a encomenda de Lúcifer. Assim sendo, me escoro na bancada e deixo que o roupão caia levemente para o lado deixando parte da minha coxa a mostra. É preciso agir, pois, o Diabo não gosta de esperar.

- Você possui filhos Diego? – O questiono.

- Não, senhor. – Ele me responde quase pausando, pois, eu sei para onde o seu olhar está fixado. – Não está nas minhas intenções ter filhos.

É claro que não está porque você é ambicioso e um filho impediria isso, digo para mim mesmo.

- Interessante, visionário diria.

Caminho com sutileza sem desviar o olhar da minha presa e me posiciono em frente ao funcionário, poucos centímetros nos separam. O meu roupão abre na frente e deixo o meu corpo aparecer quase que totalmente. Desta vez Diego não disfarça e olha dos meus pés à cabeça até estar fixado em meus olhos. Sinto os seus sentimentos, depois do pacto meus sentidos ficaram mais aguçados para perceber a tensão sexual. Além do mais ele pode achar que me engana, mas sei bem as suas intenções. Nenhum funcionário deveria trabalhar até esse horário, Diego já possuía outras intenções. Ficar até mais tarde sozinho com o dono do apartamento foi algo proposital, certamente ele já deve ter ouvido alguns boatos sobre eu sair com funcionários, algo que não posso negar. Sem sombra de dúvidas Diego é ambicioso e almeja algo em troca. O que não possui ideia é que ele está jogando com o pior dos jogadores.

- Depois daqui vai para onde, Diego? – O questiono.

- Para meu apartamento. – Ele fala pausadamente. – Nada de especial.

- Que ótimo. – Me aproximo bem dele. – Eu tenho um lugar para ir, mas não gostaria de ir sozinho. Deseja me acompanhar?

- Acredito que não estou vestido adequado para um evento.

O homem está jogando comigo, eu sei bem que ele entendeu a mensagem.

- Somente nós dois.

Olho fixamente para ele e chego tão próximo que encosto minha perna na sua, Diego levanta sua cabeça e respira ofegantemente. Sua outra mão desliza pela minha perna com ferocidade e agarra com firmeza, sinto o meu corpo queimar.

- Aceito o seu convite.

Homens são fáceis de se manipular, é só colocar um motivo sexual a sua frente que não há nenhum tipo de relutância. Assim, mais uma vítima é presa e essa vai cair pela sua própria ambição.

Capítulo II

Eu não queria matá-lo

Mas é tarde demais para voltar atrás agora

Não sei o que eu estava pensando

Agora ele já está morto

“Man Down.” Rihanna^[2]

A noite lá fora é fria, no entanto, cada vez mais me sinto próximo das chamadas.

- Sua família mora na cidade?

Questiono Diego que está no banco traseiro.

- Não. – Seu sorriso é um pouco amarelado, noto que ele não gosta de tocar no assunto, mas mesmo assim me encara. – Meus pais estão mortos há um bom tempo, desde que sai de Moscow nunca retornei, perdi o contato total com meus parentes.

Pelo retrovisor do veículo Qatar me observa, e sei o que ele está pensando. A vítima perfeita. Dentre todos esses anos poucos deram trabalho ao meu amigo. O homem não é uma pessoa ruim, no entanto, alguns dólares em uma maleta podem fazer até o indivíduo mais honesto se corromper.

- E você?

- Chegamos.

Para a minha salvação chegamos ao local. O que eu aprendi durante todos esses anos no pacto é que devemos saber das vítimas apenas o essencial porque quanto mais relação que você cria mais difícil fica para finalizar o ato.

A Mansão Adão fica no meio da floresta longe de qualquer lugar da cidade. Um edifício antigo que foi restaurado, mas que mesmo assim mantém a sua essência. As pedras negras reluzem sob a luz do luar. Nós saímos do veículo e aceno para Qatar voltar em breve. Noto nas expressões de Diego uma certa desconfiança, mais ao longe há as proteções que cercam a propriedade.

- Não gostou? – Toco em sua mão e faço seu olhar ficar vidrado ao meu, passando assim minha segurança e o fazendo ser atraído pela minha voz suave.

- Sombrio. – Um sorriso surge em sua face. – Eu amei!

“Você não gostou, mas vai entrar aí dentro porque deseja transar comigo e quem sabe conseguir algo como extorsão.” Reflito.

Toco na porta com a minha digital e ela abre revelando o luxuoso ambiente amadeirado. A lareira já está acesa, observo na prateleira uma garrafa de Whisky aberta e um copo mais ao longe. Eles estão aqui, como o esperado. Me aproximo da prateleira e sirvo os dois copos com a bebida, uma entrego ao meu visitante.

- Um Whisky Jubileu de Diamante. – Diego aprecia coisas caras.
- Essa não é a melhor coisa que você terá esta noite.

Passo na sua frente e sigo pela grande escadaria, a sua mão acompanha a minha cintura e prosseguimos rumo ao segundo piso. Quando chegamos no corredor avistamos roupas jogadas, cueca, calcinha, entre outros tipos de vestimentas. Neste instante as linhas de expressão surgem na testa de Diego.

- Não se preocupe, não arrombaram a casa. – Sorrio de lado. – É somente o meu irmão trazendo mais uma de minhas cunhadas para casa, amanhã será outra.
- Não sabia que tinha irmãos. – Ele reflete.
- Não é de sangue.

Puxo o seu corpo fortemente antes que mais uma pergunta venha em minha direção como uma flecha. Fecho a tranca do quarto e ligo a luz, o lustre ilumina todo o ambiente. Mas, prefiro deixar em meia fase, uma vez, que a lua é o nosso presente. Além do mais assim não preciso encarar muito a sua face, não pelo fato de não ser atraente.

Suas mãos são brutas e ele não se importa de rasgar minha camiseta, pois, sabe que eu tenho dinheiro suficiente para comprar toda a sua linha. Deslizo meu corpo pela grande cama enquanto sinto seu pesar em cima do meu, o seu beijo é quente e adocicado. Em instantes nossos desejos explodem. O som no outro quarto é ouvido, mas faço com que Diego escute apenas o meu barulho. Empurro ele para baixo e observo suas expressões, pelo menos vai morrer com uma boa lembrança. Eu sou como um último parceiro sexual na vida desses escolhidos, e isso me deixa um pouco melhor.

Depois de algum tempo com tudo terminado me sento em frente a prateleira e fico observando o meu reflexo. Manuseio a minha adaga e avisto Diego levantando-se, ainda sem vestimenta. Ele para de pernas abertas em cima da cama com um sorriso cafajeste, mas agora não consigo mais brincar. O visitante acena para mim e levanto-me, prossigo em sua direção. Me aproximo dele ficando bem à sua frente, suas mãos tocam as minhas pernas e novamente ele desperta.

- O que acha de aproveitar mais? Temos a noite inteira.

- Com certeza, amor.

Empurro o seu pescoço para trás e ele sorri de prazer, com rapidez acerto um golpe na região. Minha lâmina desliza pela sua garganta não dando a chance de o homem raciocinar. Logo, o seu corpo está imóvel no meio do meu tapete dourado agora manchado pelo sangue do visitante. Me abaixo e retiro a tornoeleira do defunto, no pingente há uma cruz, Lúcifer adoraria ver isso. Caminho em direção a prateleira e puxo a gaveta. Coloco com cuidado a tornoeleira no meio de anéis, colares, pequenos retalhos de tecido, todos pertencentes as minhas vítimas. De alguma forma preciso me recordar que elas existiram, não consigo ignorar a sua existência mesmo que os demais me chamem de insano, pois, são grandes provas dos assassinatos. Coloco a minha cabeça no travesseiro, fecho os meus olhos e me questiono por quanto tempo ainda terei que sustentar isso.

Acordo com o barulho da chuva caindo na Mansão Adão. Levanto-me e observo a floresta lá fora, por mais que já seja dia o tempo nublado invade o local. Observo o meu quarto e tudo está limpo em perfeita ordem. Visto o meu roupão e desço as escadas da residência. Quando chego na cozinha lá está ele, sua pele extremamente branca assim como as suas sobrancelhas, e aquele olhar azulado. Um típico albino.

- Nevasca. – Cumprimento-o.

- Álvaro. – Ele acena para mim.

Sento-me no banco e ele prontamente me joga uma panqueca no recipiente. Nevasca gosta de fazer as coisas manualmente, talvez seja porque é dono de uma das empresas de maiores produtos e inovações em tecnologia a nível global. Fazer as coisas um pouco a moda antiga deve ser um momento de ar livre.

- Precisava deixar as roupas no corredor? – O questiono após comer um pedaço de sua comida, o que pode ser considerado indelicado.

- Sabe que eu posso ser um pouco agressivo.

Nevasca lança aquele olhar com total intuição para mim, por mais que tenhamos nossos casos no passado não me sinto confortável em falar sobre isso.

- Os outros já acordaram? – Pergunto.

- Menos Teseu. – Ele me responde.

Estranho, penso. Afinal Teseu sempre é um dos primeiros a acordar, no entanto, não decido me preocupar. Prossigo com meu prato pela Mansão até avistar todos eles na sala principal em frente à lareira. O grande homem de cabelos ruivos deitado no sofá, Apolo de Mel, um ator famoso. Na cadeira de balanço com a perna cruzada observando o fogo com aquele seu olhar pequeno e observador, Ross,

proprietário de uma reconhecida companhia automobilística. O último deles sentado no chão lendo um antigo livro enquanto ajeita os seus óculos, um dos rostos mais angelicais que já se viu, mas nós sabemos que não é nada disso, Baby Kil, um popstar. Somente falta Teseu, o grande jogador famoso de futebol, conhecido como o rei das festas.

- Bem-vindo, Álvaro. – Baby exclama com sua voz suave sem ao menos olhar para mim, uma de suas habilidades, uma vez disse que é sensível ao perfume das pessoas.

- Bom dia, Cavalheiros.

Nos chamamos de Cavalheiros de Lúcifer. Todos assumimos nossos lugares na sociedade no mesmo dia. Nosso senhor nos trouxe para a Mansão pela primeira vez há dez anos, disse que aqui seria o lugar onde muitas vidas seriam ceifadas. Nem foi preciso explicação para entender o nome da residência, Adão, um grande ato blasfemo. Foi acordado então que a cada dia 6 de cada mês nós teríamos que atrair uma vida até a sua residência e ceifar ela em seu nome, mas é claro antes deveríamos guiá-la pelo prazer da pele. Ainda não entendemos o motivo de ser somente neste local as mortes, no entanto, diante do oferecido não nos questionamos tanto. O que sabemos é que após o trato feito com o nosso sangue em seu livro ele não poderia ser desfeito, e se desobedecemos às suas ordens pagaríamos muito caro por isso. Dessa forma agimos e começamos a colher o fruto pelo sangue derramado.

- Mais um mês concluído. – Apolo fica de pé, estica seus enormes braços e lança um grande sorriso. – Mal posso esperar para voltar a gravar.

- Está fazendo que papel atualmente? – Nevasca o questiona atrás de mim. – É claro se o grande ganhador do último Oscar pode revelar, vossa senhoria.

- Muito engraçado Floco de Neve. – De Mel lança um trocadilho e Nevasca semicerra os olhos em sua direção. – Mas, estou interpretando um Assassino em Série, o nome do filme de chama Acampamento de 85.

- E a vida ficcional se mistura com a realidade. – Exclamo e todos riem, no entanto, não fiz o comentário como motivo de uma piada.

- Teseu ainda não desceu? – Ross para de observar a lareira e questiona. – Já bati no quarto dele umas quatro vezes.

A porta da frente é aberta e logo Qatar está em pé a nossa frente com um pano limpando suas mãos, ele é o responsável por fazer os cadáveres evaporarem. Fui uma vez até a floresta ver como ele fazia e me arrependi com o que avistei. A

partir desse dia prefiro apenas concluir o trabalho e ficar dentro da Mansão, além disso, a floresta não me causa sentimentos agradáveis.

- Qatar. – Falo com ele. – Você limpou o quarto de Teseu?

- Não. – O motorista me responde rapidamente. – Na verdade, nem consegui entrar em seu quarto. Julgo que está deitado até mais tarde, depois finalizo o trabalho.

- Pátria não é assim.

Me assusto quando a figura de Baby surge ao meu lado. Ele larga o seu livro e sobe as escadas, o acompanho, pois, também sei que não é um ato comum de Teseu. Batemos em sua porta várias vezes seguidas, não há respostas.

- Com licença.

Como um Viking Apolo bate contra porta que cai no solo emitindo um grande barulho, pelo jeito as cenas de ações o ajudaram muito. Logo quando entramos avistamos Teseu deitado no solo apenas com uma cueca e um leve corte na cabeça, ao seu lado um vaso de flores estilhaçado.

- Por Lúcifer. – Baby sussurra e corre até ele pegando em seu pescoço e batendo com sutileza em sua face. – Teseu, vamos acorde. Tragam uma água!

Passo pelo Cavaleiro e sigo até a janela, passo a mão pelo caco, o vidro está quebrado. Por mais nublado que esteja eu consigo avistar um pano rosa de um vestido de alta costura preso na ponta do telhado. Sabemos o que houve.

Após a jogada do líquido em seu rosto Teseu acorda amedrontado pulando dos braços de Kil.

- O que houve? – Ele nos questiona.

- A pergunta é nós que fazemos. – Nevasca soa ríspido. – Somente não me diga que...

- Ela escapou para à floresta!

De repente somos jogados dentro de uma lareira ainda vivos. Todos olham uns para os outros perplexos, mas eu não deixo transparecer. No entanto, minhas mãos soam e meu coração dispara. Apenas me seguro na borda da madeira da janela.

- Espere. – Apolo exclama. – Você deixou uma das presas fugir?

Ele olha em minha direção por longos segundos e após desvia o olhar para De Mel. O sangue em sua cabeça já está seco, mas quando o suor desce pela sua testa ele acompanha. Passa a mão nos seus cachos dourados e sussurra:

- Sim.

- Lucífer vai nos matar. – Baby exclama enquanto cruza pela porta.

Capítulo III

Eu só estou procurando por alguns amigos de verdade

Tudo o que eles fazem é me decepcionar

“Real Friends” Camila Cabello.^[3]

As últimas horas foram infernais, Teseu foi um irresponsável por deixar uma presa fugir colocando todos em risco e isso não foi o pior. Pátria simplesmente negou aos Cavalheiros o nome da mulher que ele havia levado deixando todos em fúria, disse que daria um jeito de resolver as coisas colocando alguns de seus mercenários à caça. Apesar disso já faz mais de 48 horas que não possuímos nenhuma notícia. A essa hora a mulher pode estar prestando queixas na polícia, quem sabe o que ela viu.

Pego uma das taças de vinho quando o garçom passa e observo o salão lá embaixo onde todos os convidados estão, trajados na melhor vestimenta com o intuito de chamar mais atenção e ser o foco do evento. Uma data marcada convidando as pessoas da mais alta sociedade da cidade com a intenção de arrecadar fundos para ONG’S. Mas, todos sabemos que não é para o benefício de pessoas carentes, é para todos esses milionários aparecerem.

De relance enxergo Teseu lá embaixo ao lado de sua esposa, Michele. Ele empurra seus cachos para o lado enquanto sorri, porém logo deixa sua mulher com os demais, pois, tem que atender uma ligação. Apenas bebo todo o vinho.

- Não deveria se preocupar. – Olho para o lado e lá está Nevasca trajado em um terno preto que lhe cai perfeitamente. Ele segura a sua taça e se vira diretamente para mim. – Aliás não entendo o porquê de você estar tão preocupado, já conversamos tantas vezes, tem meio que um leve caimento para moral... Talvez se isso acabasse seria melhor para você.

Encaro os seus olhos azuis e apenas bebo mais uma bebida, desvio do seu olhar. Posso dizer que Nevasca possui razão em determinado ponto, mas a verdade é que nem mesmo eu sei o que eu quero. Talvez se tudo fosse revelado seria melhor, no entanto, não iria apreciar ficar atrás de grades, ou estar com Lúcifer, pelo menos não agora. Possuo sentimentos bons, porém, eles estão guardados atrás da minha ambição.

- Acredito que todos vivemos nesse dilema. – Ele lê meu pensamento.

Ouvimos o barulho de gritos eufóricos e é claro que teria que ser ele. Lá está Baby rodeado das suas fãs enquanto tira fotos nas mais diversas posições e

expressões.

- Acho que nem todos. – Sussurro.

Sinto o meu telefone vibrar e há uma mensagem de Teseu em nosso grupo. “Não se preocupem pessoal, tudo resolvido” e um emoji de sorriso no final. Lá embaixo ele acena discretamente para nós com um sorriso, não retribuo o gesto. Apenas Nevasca que brinda comigo mesmo não sendo recíproco.

- Viu Álvaro. – Ele coloca uma mão em meu ombro. – Você se preocupa demais com as coisas. Aproveite a festa, está deslumbrante, o vermelho é a sua cor, meu amor.

Nevasca passa por mim e sua mão levemente desliza pelas minhas costas indo em uma região proposital. Observo ele descendo as escadas ao encontro dos demais cavalheiros. Está diferente, se fosse o antigo Nevasca estaria preocupado mesmo com o sumiço da mulher. Reconheceria um tecido de alta costura de longe, apenas uma mulher da alta sociedade poderia usar aquilo e quando alguém da elite some todos percebem.

Sento-me no bar na companhia de mais bebidas, criei poucos amigos nesses últimos anos, provavelmente a única verdadeira seja Morgana. Tento procurar ela pelo salão, no entanto, não há nenhum sinal seu. Mas, logo alguém se aproxima.

- Gabriell, que prazer vê-lo aqui. – Exclamo.

- Sei quando está sendo irônico. – Ele diz. – Também, não gosto tanto dessas reuniões com todo esse pessoal do governo. O bom disso é que vendemos nossas coleções, por isso mesmo estou sendo agradável com aquela cavaleira do apocalipse que é a filha do Prefeito.

Chanel acena para a menina do outro lado com um grande sorriso e manda um beijo. Após quando os dois se viram ele me encara e revira os seus olhos.

- Dieu me sauve. – Ele sussurra em francês.

Levo mais uma bebida rumo a minha boca.

- Está quieto hoje. – Gabriell repara e está certo. – Parece preocupado com algo...

- Um pouco. – Confesso sem dizer o motivo. – Também, porque todos os meus amigos me abandonaram nesse momento.

Gabriel se escora na cadeira com as pernas cruzadas enquanto faz expressões apavoradoras quando um homem passa, extremamente malvestido.

- Fico comovido pela parte de todos os amigos, não estou incluso. – Olho para ele e lanço um leve riso, pois, sei que é brincadeira. – Mas, até entendo.

Depois que Morgana decidiu ir para o interior curtir a natureza.

Suas sobrancelhas arqueiam e ele bebe seu drink.

- Como assim? – Não compreendo.

- Você não viu o último tuite dela? – Chanel me observa. – Não está mesmo bem, quem fica longe das fofocas do twitter.

Pego o meu celular e desbloqueio enquanto Gabriell fica me observando. Sigo até o perfil de Morgana e logo no topo está a sua última escrita que foi há cerca de 48 horas, “Viajando para o interior, preciso me conectar com a natureza e me desconectar do mundo, até qualquer hora meus seguidores.” Bloqueio a tela novamente e fico reflexivo, minha amiga saiu do interior porque odiava lugares afastados das grandes metrópoles e agora no auge de sua carreira decide retornar. Confuso. Mas, deveria ter lhe mandado mensagem, no entanto, estava totalmente focado no problema criado por Teseu.

- Não tenho saído muito nesses últimos dias. – Confesso para ele.

- Eu sei. – Chanel abaixa os ombros e suspira. – A última vez que o vi foi naquele evento da sua nova coleção, até mesmo eu e Morgana te chamamos para sair, mas estava completamente incomunicável. Fomos sozinhos, abriu um lugar bem longe da cidade, poucos sabem ainda, acontecem muitas viagens...

Entendo o seu falar. Agora estou um pouco mal, pois, estive completamente desligado do mundo.

- Olhe, isso é na entrada.

Gabriell mostra a imagem em seu celular, o ambiente de entrada ao fundo se assemelha a um corredor pegando fogo. No entanto, não é isso o que me chama mais atenção. Sou bruto e pego o celular da mão de Chanel. Amplio a imagem nele e deslizo um pouco para o lado focando em Morgana trajada em um curto vestido rosa, aquele mesmo tecido que estava na ponta do telhado da Mansão Adão.

- Isso foi tirado cerca de dois dias atrás, certo?

Só questiono para confirmar.

- Sim. – Gabriell pega o celular da minha mão antes que caia no chão. – Nossa Álvaro, você está bem? De repente ficou tão pálido.

- Me desculpe Gabi, mas preciso resolver uma questão.

Chanel compreende e acena para mim. Pego meu celular e escrevo uma mensagem aos Cavaleiros “Por favor todos me encontrem na última sala do salão.” Passo pelas pessoas e elas me cumprimentam, forço o possível para

retribuir com simpatia. Esquivo dos grandes pilares e prossigo pelos corredores me afastando da grande multidão.

Adentro na sala e seguro minhas duas mãos na borda da mesa, estou tremendo. Somente ouço quando o último adentra e a porta é trancada.

- Então. – Apolo exclama. – Qual é a boa nova?

Meu corpo é dominado pelos instintos selvagens. Bato com a taça na borda da mesa e ela quebra perfeitamente deixando grandes pontas. Me viro e encontro Teseu em frente à porta, sigo como um Touro em sua direção e bato com força em seus pulmões o jogando contra a madeira enquanto aponto o vidro na sua jugular.

- Você está louco Álvaro? – Nevasca grita e após abaixa o tom.

- Que droga está acontecendo aqui? – Apolo suspira.

- Diga que não foi ela. – Olho firme em seus olhos clamando pelo não, mas a cada hesitação sua eu possuo certeza. – Vamos Teseu, me diga.

Ele abaixa a sua cabeça e uma lágrima escorre pela sua bochecha.

- Sinto muito, Álvaro.

Minha mão treme com o vidro encostado na sua pele, sei que se pressionar ele morrerá esvaído em instantes. No entanto, explodo de outra madeira e a taça quebra em minha mão. Jogo o vidro para o lado e caio de joelhos no chão enquanto o sangue escorre entre os meus dedos. O grito é inevitável e quando faço me sinto partir.

- Álvaro. – Nevasca me chama. – Alguém pode explicar o que está acontecendo?

- Ele matou Morgana. – Sinto como se tivesse perdido o chão, ereto apenas soo como uma máquina. – A mulher da Mansão era Morgana, minha melhor amiga!

- Pelos portões de Lúcifer. – Ross estanha os seus olhos. – Como você foi capaz disso? Responda Pátria.

As costas de Teseu deslizam pela porta e ele para sentado à minha frente enquanto passa as mãos pela sua cabeça enquanto chora.

- Eu estava muito bêbado. – A sua voz me causa ânsia. – Não enxergava as coisas muito bem, mas era quase final de noite, não havia conquistado nenhuma vítima ainda e então ela se aproximou de mim. Não lembrei da sua face e acabei atraindo Morgana até a Mansão. Estava com uma grande quantia de Alcool no corpo e quando fui tentar assassinar ela eu errei o golpe e então Morgana me acertou e fugiu.

Levanto e me afasto dele ficando atrás da mesa.

- Agora entendo por que disse que resolveria sozinho o caso. – Nevasca o encara de braços cruzados, está bravo. – Não queria que soubéssemos quem era. Você traiu nossa confiança absurdamente Teseu. Nunca machucamos aqueles próximos uns dos outros.

- Como a encontrou? – Ross é o que aparenta estar mais furioso, e entendo. A primeira vez que apresentei ele a Morgana logo despertou algo em seu peito.

- Meus homens. – Teseu responde. – Ela estava quase no fim da floresta, mas conseguimos chegar a tempo e fina... – Sua voz tranca e seu olhar segue até mim. – Eu nunca vou me perdoar por isso Álvaro. Mas, não tenho o que fazer.

Teseu foi o pior dos canalhas, ele assassinou Morgana e ainda possuiu a coragem de mandar mensagem hoje dizendo que estava tudo resolvido quando na verdade tudo acabou naquela mesma noite. Eu sinto vontade de trucidá-lo.

- Pátria está certo.

Baby gira a sua pulseira de diamante no braço enquanto todos o observam.

- Sim, ele foi um estúpido, traidor por ter assassinado Morgana. No entanto, depois que ela fugiu não tinha mais o que fazer a não ser matá-la. Se ficasse viva iria expor Teseu e como consequência todos da sociedade. Agora temos apenas que seguir em frente.

- Seguir em frente? – Bato na mesa e não me importo se meus machucados doem, a raiva é a minha anestesia. – Eu perdi a pessoa mais importante da minha vida por causa desse alcoólatra. E agora, você vai fazer o que? Manipular as redes sociais e falar que Morgana está no interior? Isso é patético. Por quanto tempo?

- Fale mais baixo Val. – Apolo fala para mim e eu lhe lanço um olhar pior do que ele pode aturar, assim sendo, desvia seu olhar de mim. - Morgana é extremamente famosa. Em pouco tempo todos irão perceber. A mídia irá atrás dela, os seus fãs também. Por que você não manipulou para parecer como se ela estivesse sido assassinada na cidade e não sumido por causa da maldita natureza?

Não estamos mais discutindo sobre Morgana realmente, eles estão preocupados nos erros que Teseu pode ter cometido.

Pátria se levanta e nos observa com as mãos tremendo, estranho, aquele garoto que sempre foi o explosivo do grupo e que nunca teve freio no disparo de suas palavras agora encontra-se recuado no canto da sala.

- Lúcifer apareceu para mim. – Ele diz.

- O que? – Ross coloca as mãos na cabeça, incrédulo. – Essa não.

- Lúcifer não surge para nós faz mais de seis anos. – Baby exclama com um sorriso que me causa agonia. – A última vez ele surgiu para saudar meus trabalhos perante vocês, mas, por que ele veio agora? Por causa de Morgana obviamente.

- Sim. – Teseu agora soa frio. – Ele veio para mim em instantes após a morte de Morgana. Fiquei aterrorizado, estava com os olhos em chamas, literalmente. Disse que eu ia esconder o corpo dela e que tudo estava resolvido, no entanto, Lúcifer relutou, pois, acreditava que a sociedade iria descobrir de qualquer forma afinal Morgana pertencia ao mais alto patamar. Dessa forma, me aconselhou a pegar seu celular e criar uma mentira sobre uma viagem repentina, enquanto o corpo ficaria com ele. Lúcifer falou que ela estando com ele tudo estaria resolvido.

Me sento na cadeira e minha respiração é fraca, o corpo de Morgana foi entregue a Lúcifer. Eu nunca mais vou poder vê-la, e não sabemos o que ele fará com ela, mas o que possuímos ideia é que tudo estará resolvido afinal de contas Lúcifer sabe realizar um bom trabalho de manipulação e eu temo por ter esse conhecimento.

- Ótimo. – Baby Kil dá de ombros como o esperado, depois de Teseu ele é o primeiro que merecia um corte profundo. – O corpo dela está com Lúcifer, obviamente ele vai criar toda uma cena de assassinato mais convincente do que Teseu poderia ser capaz. Agora se me dão licença estou retornando para a festa.

A frieza do garoto é algo surreal, ele apenas abre a porta e some pelo corredor.

- Lúcifer ajudar de tão bom grado assim? – Ross diz. – É estranho.

- Qual é cara, nem tanto assim. – Apolo responde. – Nós somos os seus cavalheiros, sem nós ele não terá suas vítimas todo mês. Se fossemos expostos isso poderia custar para ele também, Lúcifer é um homem inteligente.

- E por ser inteligente ele não faz nada sem receber algo em troca. – Nevasca soa cortante. – Esperem pelo chamado porque ele vai cobrar caro pela ajuda.

- Eu não me importo com isso. – Exclamo.

Levanto-me e passo no meio da sala enquanto eles me observam temerosos por uma retaliação minha. Mas, apenas paro na frente de Teseu e o olho com profundo desgosto.

- Eu fui o seu padrinho de casamento. – Lanço um riso incrédulo. – Como fui um imbecil por não perceber isso, nós não somos amigos, somente comparsas de sangue. Lúcifer pode ter lhe ajudado nisso, mas não creio que possa evitar outras ações ruins de acontecerem.

Bato a porta e saio do palácio pelos fundos. Alguns fotógrafos veem em minha direção e não consigo esconder os meus ferimentos. Em instantes os questionamentos começam, para minha sorte Qatar é rápido e abre a porta do veículo. Sem demora estamos percorrendo pelas ruas de Sodora. E tudo não poderia piorar quando paramos na sinaleira em frente a um Starbucks, aquele primeiro local que eu e Morgana visitamos quando nos mudamos. A partir daquele dia pelo menos uma vez na semana vínhamos ali, mas agora tudo está acabado. Não existe mais Morgana, ela está morta!

Capítulo IV

A vingança é uma vadia má

E meu bem, eu sou a pior de todas.

Você mexeu com uma selvagem.

“Sorry Not Sorry” Demi Lovato.^[4]

Éramos tão próximos que possuíamos as chaves do apartamento um do outro, no caso de algo ruim vir a acontecer. Julguei com inocência que nunca teria que usá-la, no entanto, cá estou eu em frente à porta branca de seu apartamento.

- Quer que eu siga com o senhor?

- Não precisa, Qatar. – O respondo. – Tenho que fazer isso. Volte amanhã, desejo somente o silêncio nesta noite.

Giro a chave com leveza e abro, prossigo com passos lentos até olhar para tudo em volta. A decoração de tons pasteis, os objetos na prateleira em forma de pequenos animais. Tudo lembra ela. Em uma das paredes com fotos a nossa está bem ao centro, de um desfile de três anos atrás quando choveu e mesmo assim fizemos o lançamento da coleção com a água. A mídia considerou um grande ato naquele ano, uma ação que foi Morgana quem soprou em meu ouvido para realizar.

Adentro na grande biblioteca que fica ao lado de seu quarto, nem todo mundo sabia dessa paixão que Mog possuía. Amava devorar livros inteiros, e me sentia um amigo um tanto inútil nesse caso, pois, ela tinha um conhecimento vasto da literatura. Os mais especiais eram os antigos que ficam em uma prateleira ao fundo separados de todos. Estão escritos em latim, e outras línguas desconhecidas que somente ela compreendia. O que sei é que são relíquias de sua família.

Acendo a lareira do ambiente, retiro uma garrafa de vinho suave, pego um dos seus livros preferidos e sento-me na cadeira de balanço. Dessa forma, eu não me sinto tão triste agora, sinto como se estivesse em sua presença. Leio inúmeras páginas do Drácula de Bram Stoker e agora entendo o motivo do seu fascínio, é esplêndido. Quando estou próximo da metade decido fechar o livro e guardá-lo, o sono já se aproxima.

A grande porta da sacada está aberta e as cortinas brancas balançam, no meio delas vejo uma figura escorada na borda do apartamento. Vou me aproximando com cautela até sob a luz do luar a sua face ficar nítida. Nunca esqueceria aquele rosto simétrico, a leve barba rente à pele e aquele sorriso tentador que lhe causa desejos e calafrios.

- Lúcifer. – Exclamo. – Quanto tempo.

- Boa noite, meu jovem Cavaleiro. – Ele fala para mim. – Sim, acredito que já faz um bom tempo que não nos vimos, mas confio que não seja tarde demais.

As luzes iluminam Sodora nesta madrugada, uma cidade noturna que nunca para. Lúcifer adentra e fecha a porta da sacada.

- Não é bom um humano pegar um resfriado. – Lúcifer sorri para mim, estala os seus dedos e a lareira da sala é acesa. – Que apartamento aconchegante da sua amiga, realmente muito agradável.

- Gostaria que ela estivesse aqui para responder aos seus elogios.

Sou direto. O senhor finge que não escuta o que eu digo e se serve de uma taça de vinho, senta-se na cadeira ao canto, cruza a sua perna e os seus olhos gélidos me encaram.

- Sinto muito pela sua amiga, Álvaro. – Lúcifer diz. – Realmente foi algo impensado da parte de Teseu. E, não quero que isso desestabilize vocês.

Apenas viro para o lado e lanço um leve riso sarcástico. Lúcifer não está preocupado com Morgana, obviamente. Tudo o que lhe interessa é as vidas que ceifamos em seu nome, mas nunca esperei que fôssemos amigos ou qualquer outra coisa.

- O que realmente veio fazer aqui? – Não tenho tempo para enrolação.

- Por que tanta presa? – Ele toma um gole do vinho e faz expressões de prazer. – Fico ofendido por ser recebido dessa maneira. – Sinto a sua ironia.

Depois que Teseu revelou que o viu com os olhos pegando fogo eu deveria o temer, mas hoje foi um dia tão péssimo que sinto que estou absorvendo tudo. Não tenho medo de falar o que penso, nem mesmo para o Diabo.

- Mas, respondendo ao seu questionamento. – Lúcifer prossegue. – Quero saber como as coisas estão entre vocês. Tenho consciência que a morte de Morgana desestabilizou a nossa sociedade, e isso não me agrada.

- Eu não posso ver Teseu na minha frente. – Controlo minha raiva, mas logo estou esbravejando. – Só penso em diversas maneiras de matá-lo.

- Ainda, não fará isso. – Lúcifer me encara. – A alma dele me pertence. Além disso, todos são parte de um grupo. Podem se odiar, mas jamais deve interferir nos negócios. Está ciente disso, Sr. Val?

Sento-me no sofá ao lado e coloco as minhas mãos sobre o colo.

- Estou ciente. – O respondo, não desejo testar sua paciência tanto assim. – Mas, isso não quer dizer que a minha raiva irá sumir.

- Então deixe que ela exploda. – Seus anéis tocam na taça e sigo os seus olhos pela borda. – Se isso vai lhe fazer sentir melhor. Porém, lembre-se que não deve matar um de seus irmãos. Há outras formas de explodir usando a tática perfeita, guie sua força em uma direção e ela explode em mil pedaços.

Observo o anjo caído atentamente, e pego nas entrelinhas o que ele deseja insinuar. Não esperava um conselho melhor do rei do inferno.

- Obrigado, usarei seu conselho. – Digo a ele. – E, se me permite perguntar. Desejo saber onde o corpo de Morgana se encontra? O que o senhor fará com ele?

Lúcifer pousa a taça em cima da mesa central e levanta-se.

- Não se preocupe garoto. – Ele soa suave. – Sua amiga está em boas mãos. Dentro de algumas semanas vocês irão receber a notícia da sua morte e irão se surpreender. Eu faço as coisas com atenção, não pode haver erros. Se considerem salvos dessa!

O homem se aproxima de mim tão próximo e sou surpreendido quando suas mãos geladas tocam a minha pele e meus olhos encontram o seu.

- Eu não lhe escolhi por acaso. – Lúcifer disse. – Avistei a grande alma obscura que carregava em seu peito e ajudei a despertá-la. Se você aprender a canalizar toda essa escuridão e guiá-la será ainda mais poderoso. Não temas quem você é, Álvaro, se entregue a escuridão como se ela fosse uma amiga.

Suas mãos deslizam pela minha face e ele sorri para mim pela última vez, caminha pelo corredor da sala se afastando quando as luzes começam a piscar até que esteja totalmente escuro. Quando elas retornam à figura não está mais ali. Não deveria, porém, devo confiar que Lúcifer está cuidando bem de Morgana. Além disso, seus conselhos foram esclarecedores, já sei como vou canalizar minha força sem atingir fisicamente um de meus irmãos, jamais almejaria isso.

Digito o número no telefone e aperto para chamar, a linha é aceita do outro lado.

- Boa noite, aqui é Álvaro. Tenho um serviço para vocês esta noite.

Reluto a todo instante quando deito na cama de Morgana, as recordações, o calor subindo a temperatura. Logo, estou suando o corpo inteiro até ficar somente de cueca em cima de seus lençóis. Mas, algumas horas depois adormeço. Quando levanto o sol já está invadindo o local. Prossigo até a cozinha e faço uma batida com as mais diversas frutas possíveis e após sento-me em frente à TV. Está passando uma reportagem na ponte de Sodora.

- No fim desta madrugada ocorreu um acidente na ponte de Sodora. O carro onde estava a reconhecida socialite Michele Pátria foi jogado no rio Sodora ao sofrer o impacto de uma grande carreta que fugiu sem prestar queixas. Infelizmente Michele não sobreviveu e morreu nesta manhã no Hospital Central.

Me sirvo uma colher de frutas e aprecio o sabor.

- Sinto muito Teseu.

Capítulo V

Quem disse que eu era um anjo?

Oh, sim. Quando você me olha, o que você vê?

“Angel” Fifth Harmony.^[5]

Desço do veículo e caminho pelo gramado esverdeado, o céu está completamente nublado fazendo de o dia parecer noite. Me aproximo dos demais indivíduos trajados de preto. No centro está o caixão de Michele perfeitamente trabalhado em ouro. Do outro lado Teseu limpa as suas lágrimas com seu lenço, mas permanece firme enquanto os pais da mulher derramam imensas cachoeiras.

- Hoje é o dia de nos despedirmos dessa bela jovem. – O padre Omar exclama. – Uma mulher que sempre esteve preocupada com o bem da comunidade, e que amava seu marido, possuíam um casamento admirável. Tudo o que Michele cultivou deve continuar a crescer, como o seu amor pelos outros. A morte um dia chega para todos nós, o que podemos fazer é sermos boas pessoas, por Michele, por nós. Que todos possam honrar a sua memória, e que hoje ela encontre a paz nos braços do senhor!

Os violinistas começam a tocar enquanto o seu caixão desce, me aproximo e jogo uma rosa na abertura. A última a cair é uma flor de Teseu, a rosa branca, me recordo quando ele falava que foi o primeiro presente que deu a Michele quando eles se conheceram em uma zona rural de Sodora. Pátria a beija e a deixa ir. Assim sendo, o tumulto é fechando e as pessoas começam a ir embora.

Passo pelo padre Omar e aceno para ele, por algum motivo sinto seus olhos escuros vidrados em mim por toda a trajetória até que encontro os demais cavalheiros.

- Eu sinto muito, Teseu. – Nevasca o conforta. – Nem imagino a sensação que deve estar sentindo nesse momento, mas saibas que estamos aqui.

- Que coisa lamentável. – Sussurra Ross. – Uma mulher tão adorável.

- Michele deixará saudades. – Digo. – Meus pêsames.

Teseu guarda o seu lenço no bolso do peito sem paciência e se aproxima de mim, vejo em seus olhos as chamas da raiva a qual ele tenta controlar.

- Não se faça de inocente, Val. – Ele cospe suas palavras. – Foi você, não foi?

- Não fui eu. – Respondo com uma vontade enorme de abrir o peito e gritar para todos ouvirem, sim fui eu, feliz agora Pátria?

- Seu mentiroso. – Pátria não acredita em minhas palavras, ele apenas mantém o dedo apontado para a minha face. – Todos ouvimos quando você disse que nem mesmo Lúcifer iria conseguir me proteger. Matar minha esposa foi sua solução? Seu perverso.

Antes que ele possa disparar um soco Apolo o segura e o leva para trás.

- Sinto muito, o sofrimento está lhe deixando fora de si. – Exclamo. – Mas, não se preocupe eu lhe entendo como é passar por uma perda. Pois, agora não há nada que possamos fazer, temos que seguir em frente. Não é mesmo Baby?

- É o que eu sempre digo.

Kil concorda comigo com um sorriso em sua face.

Teseu se desprende dos braços de Apolo e sai caminhando em outra direção, assim De Mel o acompanha. Sei o que ele está sentindo, e de alguma forma me sinto bem por saber que agora ele possui consciência do que fez a mim, do que me causou. No entanto, também acabo pensando em Michele. Uma excelente mulher, cristã, mas não pelo fato dela ser religiosa, era uma pessoa que gostava de ajudar os demais, crianças, desabrigados entre outras pessoas que necessitavam de atenção. Descanse em paz, Mich.

- Álvaro. – Os olhos azuis de Nevasca me julgam. – Foi você?

Por um instante sinto incomodo em ouvir isso vindo logo dele.

- Todas as circunstâncias e motivos levam a acreditar que foi você meu nobre cavaleiro que encomendou um assassinato. – Baby fala. – Confirma?

Pego uma das rosas e coloco em meu bolso, encaro todos eles.

- Sim, elas realmente levam. – Exclamo. – Mas, eu quero saber das evidências. Se a polícia tiver então sim fui eu, caso contrário sou apenas um inocente sendo julgado. Ultimamente nossa sociedade está executando vários julgamentos não é mesmo rapazes?

Eles ficam em silêncio, viro-me e prossigo. É claro que eles duvidariam de mim, uma vez que, tudo é muito óbvio entre nós. Vingança. Nunca tinha acontecido entre nós, mas talvez seja o começo que pode ser o nosso fim. Antes eu sentia que éramos invencíveis, porém, agora eu vejo que somos extremamente frágeis. Possuímos relações tóxicas e sabemos disso, o que é o pior.

Ao caminhar pelo meio dos túmulos avisto uma lápide e decido parar, seu nome, Gabriel, um jovem e belo homem. Foi a minha primeira vítima em Sodora, éramos jovens, logo consegui encantá-lo facilmente sendo gentil, doce e tentador, ele cedeu. O matei e chorei por um mês inteiro, todo dia que acordava lembrava da

sua face, os longos cachos loiros, a boca rosada e aquele sorriso extremamente perfeito de branco. É alguém que não consigo esquecer e marcou minha vida para sempre, talvez por ter sido o meu primeiro. Não é o que dizem? Que não nos esqueçamos com quem transamos a primeira vez, quem sabe ninguém possa esquecer o rosto do seu primeiro assassinato.

- Para alguém que se esquece rápido dos antigos amores esse está durando.

Nevasca como sempre surge de repente ao meu lado, eu olho para ele enquanto o mesmo sorri para mim o que eu não consigo retribuir.

- Amor. – Sussurro a palavra e prossigo. – Eu pensei que sabia o que era, mas cada vez duvido mais que um dia conseguirei descobrir o significado dessa palavra. Será que depois de tudo o que fizemos ainda somos capazes de amar?

Ele coloca as mãos em seu bolso e seu olhar crava na lápide.

- Eu sou. – Nevasca exclama. – Até mesmo os maiores monstros sofrem por amor, nunca assistiu Crepúsculo antes?

Olho para ele e o encaro por longos segundos, após rimos juntos. Somente Nevasca para me fazer rir no meio de tanto caos em nossas vidas.

- Eu prefiro Drácula. – Digo a ele que faz expressões de desgosto.

- Drácula não brilha. – Nevasca dá de ombros. – E ainda nem consegue viver um amor com sua amada, Edward consegue.

- Está falando sério? – O encaro.

- Sim. – Nevasca não olha nos meus olhos. – Eu gosto quando amores impossíveis se tornam realidade, acredito que sou um dos únicos que ainda crê no amor.

Cruzo os meus braços e me sinto um pouco desconfortável. Nunca entendi muito bem o motivo de nos afastarmos, estávamos saindo dias um com o outro e de repente paramos de nos falar, e posso admitir a culpa. Eu saio com diversos garotos, mas enjoa em pouco tempo da situação e logo parto para uma nova aventura. Talvez seja por isso que eu nunca dei realmente certo com alguém.

- Vai partir em breve? – O questiono.

- Sim. – Nevasca exclama. – Tenho uma conferência em Berlim sobre um novo produto que desenvolvemos. Mas, por quê?

- Nada... – Penso por longos segundos antes de prosseguir.

- Eu sabia.

Ele sorri sem me dar a chance de tentar prosseguir e após olha para mim, por algum motivo me sinto estranho.

- Até breve Álvaro, um mês passa rápido demais.

Nevasca vira de costas e prossegue.

- Ainda bem nesse caso.

O homem para com as mãos no bolso e sei que ele está sorrindo por mais que eu não consiga enxergá-lo. Somente o vejo prosseguir, adentrar no veículo e sumir pela estrada do cemitério na sua Ferrari vermelha. Nesse momento me pergunto o motivo de dizer aquilo, será que realmente fiz o certo, novamente me sinto estranho.

Caminho pela estrada lateral e avisto o padre Omar vindo na outra direção até que chegamos a um mesmo local. Ele pousa sua bíblia em frente ao corpo e acena para mim. O padre é jovem, ou é um preconceito meu associar tal palavra com um senhor de idade. O que não posso negar é que o homem é muito atraente, novamente peço mentalmente. De jeito nenhum entrarei no céu!

- Como vai, senhor Val? – Omar me questiona.

- Vou bem e você Padre? – Respondo e também o questiono.

- Seguindo os caminhos do Senhor. – Seus olhos me acompanham. – Espero que ele conforte o coração de seu amigo, perder uma esposa é uma das piores dores. Assim como qualquer pessoa que amamos.

- Sim que... – Tento proferir a palavra “Deus”, mas desde que fiz o pacto sinto um aperto no coração quanto tento. Então suspiro e sorrio. – Ele o guarde.

Suas mãos deslizam entre as páginas.

- Aprecio sua devoção. – Omar exclama. – O mundo está repleto de criaturas obscuras que só espalham o mal. Mas, com o tempo aprendi a lidar com toda essa escuridão, pois, nenhuma palavra é mais forte que a dele. Nem mesmo de Lúcifer.

Sinto um arrepio em minha nuca, o barulho das folhas balançando com o vento e encaro os olhos profundos do jovem Padre.

- Que possa continuar fazendo um ótimo trabalho. – Exclamo.

Ao passar por ele sinto-me angustiado, é como se Omar soubesse.

- Eu farei senhor Val. – Omar diz. – O mal um dia cairá.

Não olho para trás apenas prossigo pela estrada até encontrar o meu veículo, abro a porta do carro e a fecho rapidamente. Coloco minhas mãos no

volante e então consigo respirar tranquilamente, sinto como se tivesse problema de asma neste momento, respiro por longos segundos até ficar bem novamente.

- Maldito padre. – Sussurro.

Ouçó um barulho no banco traseiro, movimento minha mão no vidro da frente. O que eu vejo me causa a pior sensação.

- Morgana...

Seu rosto está todo marcado pela podridão, quando ela abre a boca solta um grito angustiante. Abaixo minha cabeça e sinto as mãos no volante tremerem. Quando volto a olhar para o reflexo não há mais nada ali. Eu estou enlouquecendo? Não sei, só sei que preciso sair de Sodora imediatamente.

TESEU PÁTRIA

A perfeição é a doença da nação

A beleza machuca

Evidenciamos o que temos de pior

“Pretty Hurts.” Beyoncé^[6]



Ando pela sala da casa, minha cabeça está quase explodindo. Acendo a lareira, pego um quadro de fotos nossa e me sento na cadeira. Passo a mão pela sua foto e então me permito deixar as lágrimas rolarem. Foi difícil me manter estável durante o velório, Michele foi uma mulher boa demais para mim, e eu sei que não merecia o seu amor.

- Me desculpe... – Exclamo, quem sabe ela possa me ouvir de algum lugar.

A verdade é que eu nunca fui um bom marido para ela, sempre que estava viajando por causa dos jogos eu saía com outras mulheres. Não entendo o motivo por fazer isso, Michele sempre me deu todo o amor e carinho que precisava, mas isso não foi o suficiente.

Me levanto e fico diante da prateleira, observo todas as bebidas. Quando eu era pequeno via meu pai bebendo e após batendo em minha mãe, aquelas cenas marcaram a minha vida para sempre. Ironicamente eu dizia que nunca iria colocar uma gota de álcool na boca por causa daquilo. Eu era alguém inocente até Lúcifer me contatar, apenas tinha grandes ambições. Mas, depois que eu conquistei o poder eu fiquei com sede e queria mais. Nunca estava satisfeito. Porém, depois que eu estava no foco do mundo todo veio a pressão e eu não fui forte o suficiente. Com o tempo tive que ser o que eles desejavam mesmo que por trás dos panos a situação era terrível.

Abro a tampa da garrafa e engulo toda a bebida.

“Não faça isso.” É como se eu ouvisse sua voz ao fundo.

Caminho pela enorme casa sozinho enquanto bebo as mais diversas bebidas que possuímos. Nesses momentos eu me pergunto do que adianta eu ter tudo isso a minha volta se não consigo compartilhar com ninguém, nem mesmo com aqueles que um dia pensei que fossem meus amigos.

Olho a imagem dos cavalheiros no meu celular e aproximo a imagem no rosto de Álvaro. Aquele homem jura que é melhor do que nós, sempre a moral acima das coisas, menos quando precisa fazer algo ruim. Eu sei que foi ele quem mandou matar a minha esposa, porém, mesmo com raiva eu consigo compreendê-lo afinal matei uma das pessoas que ele mais amava.

- Maldito. – Exclamo.

Jogo o telefone na parede e o aparelho explode, apenas rio e prossigo até chegar em meu quarto e me jogar na cama. Tudo gira, bebi pensando que seria o melhor, mas sei que é pior. Michele sempre me dizia isso tanto que passei meses em clínicas de reabilitação, porém, sempre arrumava um jeito de burlar as regras. Eu nunca mais consegui ficar sóbrio por mais de uma semana.

Observo a cortina balançar e no ponto escuro vejo a sua silhueta, os lindos cachos caindo pelos seus ombros.

- Michele. – Exclamo. – Você está aqui?

- Cuide-se, meu amor. – Ela diz.

Levanto correndo da cama, tropeço nos lençóis e caio no chão, vou me rastejando até chegar na tomada. Quando ligo a luz e olho para a região ela não está mais ali, quem sabe seja tudo coisa da minha cabeça.

Deixo minha garrafa em cima da cômoda e me sento onde ela se preparava para fazer o seu cabelo e maquiagem. Ligo o meu celular depois de ver tantas notificações, nas redes sociais só se fala nisso. Todos os meus milhões de seguidores me mandando mensagens de apoio, mas nada disso é suficiente. A verdade é que estou exausto disso tudo, ter que fingir que está tudo bem quando não está. Das vezes que estava destruído e tive que sorrir para as câmeras.

“Obrigado pelo apoio. Eu amo vocês, tudo vai ficar melhor em breve.” Escrevo a mensagem e posto afinal é isso o que todos esperam. Seja uma pessoa perfeita mesmo que isso seja uma ilusão, é isso o que todos desejam e eu já estou sacrificado há muito tempo.

Capítulo VI

Estou sendo paranoica, eu estou vendo coisas?

Estou apenas insegura?

“Perfume” Britney Spears.^[7]

Nesses últimos dias fiquei distante do grande movimento de Sodora, julguei que se estaria afastado de todo o caos ele não iria me perseguir, no entanto, estava errado. Desde aquele dia no cemitério quando avistei Morgana no banco traseiro do meu veículo algo mudou, tenho a sensação que estou sendo sempre acompanhado por algo e as vezes vejo coisas que não podem ser reais. Penso se estou a um passo da loucura, afinal aconteceram tantas coisas seguidas, poderia ser compreensível, mas sinto que não.

Encontrei um bar aconchegante no interior da cidade, por algum motivo me sinto bem aqui. As pessoas são diferentes, não se preocupam a todo momento com o que está usando, se possui muito ou pouco dinheiro, elas apenas vivem suas vidas. No canto do bar um casal idoso sorri um para o outro enquanto apreciam o som do violão de mãos dadas. Imagino que nunca terei coisa semelhante, pois, acredito que não mereço.

Sinto um forte perfume vindo atrás de mim, mas não é algo ruim, aliás o cheiro me chama atenção. Viro-me para trás e encontro um homem sentado na cadeira em frente ao pequeno bar. Ele veste uma camiseta xadrez aberta e botas de cavalaria. Encaro-o por longos segundos e vejo a reciprocidade até que então o mesmo prossegue até onde estou, no começo finjo que não percebo a sua presença até olha-o e sorrir.

- Boa noite! – Exclamo.

- Boa noite, desconhecido. – Seu sorriso é bonito assim como seu cabelo loiro, ele possui um charme de homem do interior. – Está sozinho?

- Digamos que quase abandonado. – O respondo.

- Se importaria se eu sentasse aqui?

Ele me questiona e aceno que não, então o homem senta-se do outro lado da mesa com um braço apoiado segurando a sua bebida, mas eu sei que é para enfatizar seus músculos, pois, sabe que estou olhando para isso. Após algum tempo em silêncio os seus olhos claros me fitam.

- Me chamo Andriel. – Ele diz.

- Prazer Andriel, eu sou Álvaro Val. – O respondo com simpatia.

- Acho que já lhe vi em alguns programas na TV. – Andriel fala e noto pelo seu tom que não se importa com isso, o que me atrai ainda mais. – O que uma pessoa famosa da cidade central faria por aqui?

- Há momentos em que precisamos relaxar. – Seguro o meu copo e passo meus olhos observando o local até parar nele. – E gostei muito deste lugar, é interessante.

Andriel ingere sua bebida, bate o copo na mesa e sorri para mim.

- É o que eu sempre digo. – O homem fala. – Nada melhor que a paz do interior. Tudo aqui é belo a natureza, os animais...

- Os homens.

Falo sem temer, pois, sei que algo está rolando e quando almejo algo sou direto. Noto que Andriel balança levemente a cabeça para baixo com um sorriso na face e volta a me encarar com seus perfeitos olhos azuis.

- Isso é um bom elogio. – Ele se escora na cadeira deixando seus braços abertos e me encarando com um olhar um tanto selvagem. – Tenho que admitir que possuo uma leve queda por pessoas da cidade grande, não acha que é por que somos um tanto distintos e os opostos se atraem?

- Talvez... – Encaro-o pela borda superior do copo. – Podemos descobrir.

Em instantes estamos transando na parte de trás da sua caminhonete ao ar livre, Andriel é um dos melhores que já tive, sua ferocidade é tentadora. Quando suas mãos tocam as minhas costas eu sinto meu corpo formigar e quando sua boca toca o meu ouvido apenas me deixo levar pelo prazer carnal. Não sei quantas vezes fazemos isso até que eu me atiro para o lado, respiro ofegante e observo o luar.

- Uau... – Ele sussurra. – Onde você estava esse tempo todo?

- Matando pessoas.

Encaro ele por alguns segundos e Andriel explode em um riso contagiante, após para gerar mais leveza faço o mesmo. Sua mão acaricia os meus cabelos, e neste instante me sinto ferrado, mas gosto disso.

- Vai ficar por aqui muito tempo? – Andriel me questiona.

- Talvez... – Encaro o homem. – Você gostaria?

Seus lábios tocam os meus novamente e ele se afasta.

- Creio que já respondi.

Minha estadia pelas redondezas se prossegue por alguns dias, e nesse tempo eu me encontrei com Andriel pelo menos uma vez ao dia, é claro transamos todas

às vezes. No entanto, ele é mais que um homem bom de cama, possui diálogo, sabe conversar sobre tantas coisas possíveis e é isso o que mais me atrai nas pessoas. No entanto, tudo o que é bom dura pouco. Chegou o dia de ceifar mais uma alma para Lúcifer e me sinto encurralado, a pessoa mais próxima nesse lugar de mim é Andriel, mas jamais irei matá-lo, creio que não me perdoaria.

Sua mão toca o meu pescoço.

- Por que tem que ir? – Ele me questiona.

- Não posso ficar para sempre aqui. – Respondo. – Eu tenho negócios para tratar na cidade, me desculpe.

- Eu entendo. – Andriel lança o sorriso perfeito. – Mas, promete que vai voltar? Se não voltar eu vou te sequestrar, posso ser um pouco psicopata.

Rio junto com ele e dou um último beijo.

- É claro que vou voltar. – Exclamo. – Até lá espero que essa cama não tenha recebido outro desconhecido que encontrou em um bar.

- Meu anjo... – Andriel sorri. – Ninguém é comparado ao seu calor.

- Boa resposta. – Pisco para ele. – Até qualquer hora.

Faz tempo que eu não me sentia leve dessa forma.

Estou sentado no bar a escolha da minha próxima vítima e enfim o encontro sentado quase escondido no fundo do estabelecimento. Trajado em uma jaqueta e luvas de couro, seu olhar é obscuro. Uso dos meus dons de sedução e finalmente fisgo a vítima. Se chama Felício, um motoqueiro de uma cidade distante.

- Então você gosta de aventuras. – Exclamo. – Se lhe convidasse para uma se arriscaria? Conheço um lugar perfeito, mas é um pouco distante.

- Eu possuo tesão por novas aventuras. – Felício é bruto, não como Andriel.

Subo em cima da sua moto e prosseguimos pelas estradas no meio da floresta, Felício dirige rapidamente e a adrenalina em meu corpo desperta.

- Quer que eu diminua a velocidade? – Ele pergunta.

- Não. – Rio. – Ande mais rápido.

Demora menos de uma hora para que enfim chegamos ao temível local que eu almejava nunca mais reencontrar, a Mansão Adão.

Felício para a moto e retira o seu capacete.

- Isso é insano, garoto. – Ele sorri. – Estou admirado.

Abro a porta e adentro, logo nas escadas encontro Nevasca subindo ao lado de uma mulher. Quando me avista para e acena para mim, a ruiva ao seu lado apenas encara o homem que está comigo dos pés à cabeça. Nevasca é sábio, ele retira essas garotas e garotos das ruas, logo não possuem muitas evidências quando somem afinal poderia ser qualquer que pagou um bom preço pela sua companhia.

- Seja bem-vindo irmão. – Nevasca é sarcástico. – Aproveitem a noite.

Apenas retribuo com um sorriso e aceno, assim eles prosseguem. Felício caminha até parar na minha frente após observar todo o local.

- Você e seu irmão dividem a mesma casa para fazer sexo? Legal. – Não me espanta ele achar isso “legal”. – Quem sabe depois podemos todos socializarmos.

Entendo a sua ideia.

- Não seria ruim. – Sussurro no seu ouvido.

Levo Felício diretamente para o quarto, dessa vez o mais distante da casa, não desejo ouvir os sons de Nevasca como da outra vez. Adentro com o meu parceiro e logo nos despimos, ele não é nada gentil o que torna as coisas um pouco difíceis, mas acho que no fim das costas sou eu que não estou no clima. Dessa forma, trato logo por finalizá-lo e pelas suas expressões morre de prazeres. Já fiz tanto isso na minha vida, fingir que estou no clima, olhar para a pessoa, sorrir e dizer que:

- Foi muito bom.

E deito para o lado, Felício possui um sono pesado. Logo subo em cima dele ainda sem roupa, ele se vira por alguns instantes dando indícios que irá acordar, não espero para concretizar. Levanto meu braço direito e passo minha adaga pela sua garganta. Seus olhos estancam e ele ainda possui a força para me jogar para o lado e me derrubar da cama, rolo pelo tapete. Felício caminha pelos lençóis espalhando o sangue até que cai no chão, sem vida. Levanto-me e coloco dois dedos ao lado do seu pescoço, sem respiração. Como recordação retiro um anel de caveira de seu indicador.

Ouçó o barulho nos outros quartos e sei que meus irmãos estão finalizando suas vítimas. Sento-me na borda da janela e observo a floresta lá fora por onde Morgana tentou fugir, mas acabou sendo pega pelos malditos assassinos. Ela não merecia isso. E novamente me pego pensando nela, não tem como esquecer. O luto não é uma linha reta. Quando olho mais fundo nas árvores possuo a sensação que há uma criatura grande atrás de um tronco como se fosse um homem com cifres.

- Ajude. – Ouçó a voz vindo lá debaixo no meio do som da música alta e penso ser apenas impressão, mas novamente ouçó. – Ajudem.

Abro suavemente a porta do quarto e guardo minha adaga em meio ao meu roupão. Quando chego na ponta da escada olho lá embaixo, Ross, escorado na parede com as mãos cobertas de sangue, corro imediatamente e paro a sua frente. Possui um corte profundo na testa, sua mão também. Suas vestimentas estão todas rasgadas.

- O que aconteceu Ross? – O questiono.

- Um acidente na estrada.

Ele tosse e o sangue respinga na minha roupa branca.

O seguro nos meus braços antes que ele caia no chão. Logo, outros percebem o mesmo e vem ajudar. Juntos empurramos as coisas de cima da mesa e colocamos o corpo de Ross deitado, para a nossa sorte possuímos kits médicos. Digamos que muitos dos nossos assassinatos trouxeram consequências para nós já, afinal nem todos são dóceis e fáceis de serem domados.

Apolo amarra os seus longos cabelos e veste as luvas brancas.

- O que aconteceu? – De Mel me questiona.

- Ele disse que sofreu um acidente vindo para cá.

Na escadaria surge Baby trajado em uma cinta de liga enquanto um homem alto atrás dele também aparece, ao olhar a cena Kil revira os olhos, seu companheiro estanha os olhos assustado. Sem ao menos dar a chance para questionamentos Baby se vira em sua direção e efetua um golpe derrubando o garoto da escada, só noto quando ele bate o pescoço em um dos degraus, não há mais volta.

Apenas viro a face para o lado.

- Às vezes ainda me surpreendo com a crueldade dele. – Nevasca sussurra.

- Tanto quanto a versatilidade da Lady Gaga. – Respondo.

Apolo costura a testa de Ross, não dá tempo para o medicamento de anestesia agir e por isso lhe dou uma garrafa da bebida da mais forte que ele bebe sem parar, e ainda assim grita de dor. Após um longo tempo conseguimos fazer o melhor que podemos, no entanto, é óbvio que ele necessita de um exame para verificar se não está nada quebrado ou se deu algum tipo de traumatismo.

Teseu não consegue se aproximar de mim, e confesso que também não consigo olhar dentro dos seus olhos. Mas, pelo que eu vejo ele está extremamente abalado como se não dormisse há horas. Em outra época perguntaria o que aconteceu, mas agora ficamos afastados como desconhecidos.

- Ross. – Pátria o chama. – Conte exatamente o que aconteceu.

- Eu estava na estrada. – Suas palavras são lentas. – Trazendo minha companheira quando um dos pneus se soltou e perdi o controle do veículo, tombamos morro abaixo, ela não sobreviveu. Mas, eu tive forças de vir para cá.

- Ela morreu. – Baby coloca uma mão na boca e bate seu pé. – Ela morreu. Seus olhos fitam o relógio.

- Faltam poucas horas para acabar o prazo da entrega.

Todos olhamos em sua direção.

- Escute aqui Anabelle masculina. – Apolo de Mel exclama. – Olhe o estado de Ross, acha que possui condições de matar alguém? Além disso, estamos distantes de qualquer lugar da cidade para capturar uma nova vítima.

- Além disso, ele dormiu. – Nevasca diz.

Olhamos para Ross e ele está com os olhos fechados respirando com dificuldade, finalmente o medicamento fez efeito.

- Agora não há mais nada o que fazer. – Teseu suspira.

Kil gira uma faca em sua mão e aponta para nós, não tenho dúvidas que ele mataria qualquer um dos cavaleiros se fosse mandado por Lúcifer e creio que também nem é preciso isso. O garoto age por conta própria, um perfeito psicopata.

- Só estou dizendo que Lúcifer não vai nos perdoar por isso. – Baby diz. – Não importa o que ele tenha sofrido, trato é trato. Quando todos morrermos agradeça a ele!

Por mais que Kil seja extremamente frio e uma pessoa horrível o seu pensamento não está errado. Lúcifer não quer saber o que fazemos para conseguirmos as vítimas, ele apenas deseja que ceifamos as almas na sua Mansão. Nunca um erro como esse havia acontecido, deixarmos de lhe dar o que queria e agora temo pelo que possa vir. Não seremos julgados pelos homens, e sim pelo Diabo!

**Se você sente que precisa de um pouco de companhia
Você me encontrou na hora certa.
“Levitating.” Dua Lipa.^[8]**



Jogo os dados sobre à mesa, eles rolam até parar no número dois. Do outro lado Yago me observa com um grande riso, seus olhos grandes me observam como a sua presa, logo ele emite um grande riso pela sala e já sei o que dirá.

- Perdeu, Tanaka! – Yago diz.

Aceno para o meu assessor e ele traz a maleta com um milhão de dólares, eu sou um homem que não joga por números pequenos e aliás tenho dinheiro de sobra em minha poupança. O meu oponente pega a mala com animação.

- É sempre bom fazer negócios com você. – Yago exclama.

- Quem sabe na próxima vez eu possa vencer. – Respondo. – O jogo é assim, uma hora está ao seu favor e outra contra.

- Excelentes palavras. – O dono da mesa diz.

Me levanto e pego o meu copo de bebida, prossigo pelo estabelecimento que está lotado dos rostos mais ricos de Sodora e demais cidades vizinhas. Pessoas ansiadas por fugir da realidade como eu também. Esse é um fardo que carrego por administrar uma das companhias automobilísticas mais famosas do mundo, toda a responsabilidade pesa porque se falhar eu perco tudo. Como todos os cavalheiros sou um homem de ambições e se perder o dinheiro certamente eu não tenho mais nada. Com dinheiro posso comprar tudo menos o sentimento sincero das pessoas por mim e isso eu sinto falta. Creio que a única coisa verdadeira dentro do pacto seja minha relação com Álvaro, ele é uma pessoa incrível. Já fomos até para à Disney uma vez. Mas, aos poucos fomos nos afastando quando íamos criando o nosso império.

- Por que está sorrindo, senhor? – O barmen me questiona.

- Pedro. – Respondo. – Lembranças de uma vida feliz.

- Então mais uma dose? – Ele pergunta.

- Como sempre.

Sento em frente ao bar e observo o salão enquanto bebo minha bebida, hoje é o dia que eu preciso escolher a minha vítima. Com o tempo tenho me acostumado e isso é o mais horrível. Ainda me recordo de um dia meus pais dizendo que eu nunca deveria fazer algo como isso, tirar a vida de outra pessoa afinal não temos esse direito. Eu também pensava desse jeito até Lúcifer aparecer para mim e mostrar uma nova faceta do nosso mundo.

Uma bela jovem senta ao meu lado, seus cabelos loiros deslizam pelos seus ombros enquanto sua boca vermelha se move em um gracioso sorriso. Olhá-la me faz lembrar Morgana. Nós nos divertimos muito e confesso que criei um sentimento genuíno por ela como nunca havia feito. Infelizmente a praga de Teseu assinou-a, mas o carma veio e perdeu sua esposa.

- Olá senhor Tanaka. – A moça exclama.

- Olá. – Respondo. – Como sabe o meu sobrenome?

- Digamos que você é bem conhecido por aqui. – A loira diz e emito um riso afinal quase sou o administrador daqui. – Me chamo Barbie.

- Barbie. – Encaro. – Não poderia ter escolhido um nome melhor.

Sei que não é o seu nome verdadeiro, mesmo a vendo pela primeira vez por aqui entendo que está para ganhar um bom dinheiro às custas dos homens mais ricos. A mulher não está errada porque a maioria aqui tem esposas, esposos em casa e os deixam para curtir uma vida escondida. O mínimo é que eles percam bastante dinheiro por causa disso mesmo que não faça muito efeito.

- Estava pensando em sair daqui. – Barbie fala.

Ao encará-la ainda mais me recordo de Luíza, a garota que estou saindo recentemente e creio que estou sentindo algo por ela. Mas, infelizmente no pacto nós temos que seduzir antes de ceifar. Nunca poderemos ter uma relação sincera, talvez seja por isso que eu tenha ficado tão só. Ter que trair a todo o momento a confiança da pessoa que amo não me parece certo como também arrastá-la para esse pacto de sangue.

- Penso o mesmo. – Exclamo. – Se quiser me encontrar lá fora daqui uns cinco minutos creio que estarei livre.

A mulher sai e após alguns minutos eu sigo. Subo as escadas e logo estou em uma loja de discos antigos, é claro uma boa fachada para jogos clandestinos. Prossigo e encontro a bela moça fora do estabelecimento. Por aqui não há câmeras e nem nada o que torna o ambiente perfeito.

- Me acompanhe. – Aceno para ela.

Aciono o meu Porsche 911 e as portas abrem. Geralmente quando faço esse tipo de trabalho escolho os veículos mais simples como este. A mulher adentra e ligo as chaves, logo estamos percorrendo pelas ruas de Sodora.

- Para onde estamos indo? – Barbie questiona.

- Tenho uma casa mais afastada. – Respondo. – Espero que não seja um problema, podemos curtir mais à vontade. O que acha?

- Geralmente eu não costumo gostar desse tipo de encontro. – Barbie me encara com um sorriso. – Mas, acho que posso confiar.

Seu grande erro, penso.

Lembro da minha primeira morte, uma jovem garota que andava pelas ruas. Me fiz de bom moço e ofereci para ela tudo de melhor, um banho na melhor banheira, perfume caro, tratei ela como uma refeição para depois abatê-la. Quando cortei sua garganta na mansão eu me desesperei e chorei por meia hora vendo o corpo na minha frente. A partir daquele dia não consigo mais me ver na frente do espelho porque eu sinto nojo da pessoa que me tornei. No entanto, depois daquele dia tudo ficou mais natural afinal não posso quebrar o meu trato.

- É um pouco longe. – Barbie soa desconfiada.

- Só mais alguns metros. – Exclamo com um sorriso. – Quando chegarmos você verá que a mansão é magnífica.

Subimos o barranco quando sinto algo acontecer com a roda, no mesmo instante perco o controle do veículo e Barbie é jogada para o lado.

- O que está acontecendo? – Ela grita em desespero.

De repente sinto outro impacto e perco totalmente o controle do veículo. O carro balança e somos jogados colina abaixo. Só vejo tudo girar, mas para minha sorte estou com o cinto de segurança. Sinto os cortes se abrirem pelo meu corpo até que o veículo para de rolar, estou de ponta cabeça. Solto o meu cinto e com cuidado me movo pelo carro. Chuto a porta e saio, mas logo caio na grama porque estou ferido.

- Barbie. – A chamo. – Barbie, você está bem?

Caminho por fora do veículo até a parte dela. Me abaixo e vejo o seu corpo, seu pescoço está quebrado e seu rosto todo ensanguentado.

- Não... – Sussurro. – Barbie.

Me escoro no veículo e sinto o cheiro do meu sangue e as dores. Olho pela floresta e não há ninguém por aqui. Mas, para a minha sorte estou próximo da

mansão Adão. Por Lúcifer, minha vítima morreu e agora? Certamente serei castigado. Mesmo sem forças eu prossigo me escorando pelas árvores.

Capítulo VII

Não, nada de bom começa em um carro de fuga.

“Getaway Car” Taylor Swift. ^[9]

Pedimos três cappuccinos na cafeteria leal. Ross fica com a mão pousada em cima da mesa e a todo momento toca nela com seus dedos emitindo um som irritante, costume fazer isso quando estou nervoso, aflito por algo e sei que é exatamente isso.

- O que está acontecendo? – O questiono.

Logo, a garçonete traz as xícaras e com todo o cuidado coloca em cima da mesa, aceno como agradecimento. No mesmo instante que ela parte Ross pega a bebida e bebe recuperando um pouco a estabilidade, seus olhos pequenos me fitam.

- Estou preocupado. – Ele diz.

- Nem precisa dizer o motivo. – Nevasca exclama. – Todos nós estamos preocupados. Já se passaram alguns dias do acontecido e ele ainda não entrou em contato.

- Exato. – Ross pousa a xícara com cuidado. – Já tentei contatá-lo de todas as maneiras possíveis, mas sinto que Lucífer está nos ignorando. Entretanto, todos sabemos que ele não vai nos deixar em paz, não cumpri com o combinado e isso me deixa com os nervos à flor da pele. Será que perderei tudo?

Sei como é ficar com medo de Lucífer e é uma das piores sensações, não há o que se esperar de um Anjo Caído, ele sempre nos surpreende, nem sempre positivamente. Compreendo também a aflição de Ross ao pensar em perder tudo, e talvez seja um dos únicos motivos para que eu continue no pacto. Embora me sinta péssimo por causa das mortes, mesmo assim minha ambição é maior. Não almejo ver meu império se destruir da noite para o dia, uma das únicas coisas que me fazem bem.

- Mas, eu ainda não entendi como se aconteceu. – Nevasca o encara. – É dono de uma companhia automobilística, e também um dos melhores motoristas que já vi. Como não teve cuidado ao dirigir por aquelas estradas?

Ross desliza o telefone pela mesa. Abro a imagem e observo o seu veículo extremamente ameaçado, perda total. Ainda bem que a cena aconteceu longe da cidade se não poderia chamar atenção, dessa forma, nós mesmos demos um jeito no veículo e também no corpo da mulher para que ela desaparecesse.

- A questão é que o erro não foi meu. – Seus olhos se tornam frios. – Verifiquei depois toda a cena, fiz alguns testes no veículo e cheguei à conclusão que tudo não passou de uma sabotagem no pneu traseiro e frontal.

Somos pegos de surpresa, apenas troco olhares com Nevasca e volto a fitar Ross.

- Não vou lhe perguntar se possui certeza disso, pois, é um especialista na área e jamais cometeria um erro. – Exclamo. – Mas, sendo uma sabotagem você possui ideia de quem possa ter feito isso?

- Não sei. – Ross me responde com convicção. – Vocês sabem que eu participo de alguns jogos clandestinos. – Ele sussurra. – Mas, não tenho inimigos. Tento tratar todos da melhor forma possível, por que iriam querer me matar?

- Você achava que não possuía inimigos. – Nevasca o corrige. – No entanto, a partir dessa sabotagem temos certeza que sim, possui algum.

Também não compreendo o motivo para alguém querer tirar Ross da jogada.

- Agora estou assim. – Sua voz soa nervosa. – Temo quem seja o meu inimigo e também estou aflito esperando como Lúcifer irá me castigar. Não tenho dormido desde aquela noite do acidente, toda vez que eu durmo sonho com coisas estranhas, acho que estou maluco por estar enxergando algumas criaturas...

- Demoníacas. – Complemento.

Ross em um segundo fica vidrado em mim.

- Você também os vê? – Me questiona.

- Em alguns momentos. – Respondo. – Já vi uma no cemitério, - Não ousei dizer o que. – Uma na floresta da Mansão, e mais recentemente pelas ruas de Sodora. Não são animais, nem humanos, mas sim criaturas demoníacas, sinto o poder do mal.

- Felizmente ainda não os avistei. – Nevasca fica confuso com nosso diálogo. – Mas, não é mera coincidência estarem vendo as mesmas coisas. E não podemos ser céticos quanto a sua existência afinal temos um pacto com Lúcifer.

Não sei se me sinto melhor sabendo que não estou maluco afinal Ross enxerga o mesmo. Me questiono o motivo para elas estarem aparecendo para nós, por enquanto eu não fiz nada fora do roteiro de Lúcifer, eu acho. No entanto, tudo está acontecendo por algum motivo e o que não estamos conseguindo fazer é saber ligar as pontas para chegar a uma explicação.

Observo ao fundo da cafeteria onde a TV está ligada e algo me chama atenção, é um local afastado de Sodora bem no interior. Uma repórter veste um casaco vermelho enquanto segura o seu microfone. Está posicionada em frente a uma ponte.

- Uma tragédia aconteceu nesta madrugada, um corpo foi encontrado à beira do rio Gim. – Ela conta. – O corpo da vítima foi identificado como o da grande modelo que se apresentava para a grife Val, Morgana Poy.

A imagem de minha amiga surge na tela, de quando ela fez um dos seus últimos desfiles. Do outro lado mostra a imagem do corpo sendo retirado do rio e nesse instante sinto como se levasse um soco na boca do estômago.

- Algumas horas depois de encontrado o corpo da vítima o assassino também foi localizado em um bar próximo a estrada, ainda possuía as marcas em suas mãos do assassinato. – A repórter conta. – Mas, isso não foi o mais chocante, durante a prisão ele confessou aos policiais quem havia encomendado o assassinato da modelo.

A câmera foca no rosto do homem rechonchudo.

- Sim. eu matei a garota bonita. – Ele ri sem parar antes de entrar na viatura. – Não foi por que eu queria, mas, sim uma encomenda. Imaginam quem poderia ser? Vou lhes dizer, uma figura emblemática da sociedade que vocês tanto adoram. Ross Tanaka.

Sinto os meus pés perderem o contato com o solo. Ross que estava no meio do processo de ingerir a bebida para e abaixa a xícara. Com leveza ele põe em cima da mesa enquanto escutamos o homem dizer na TV que quem mandou assassinar Morgana foi nosso irmão, Ross. Entretanto, todos sabemos que é mentira, quem a matou foi o traidor do Teseu Pátria.

- Me digam que não estou ouvindo isso. – Ross fica ainda mais nervoso. – Fui acusado de assassinato da Morgana o que não faz nenhum sentido.

Não, não faz nenhum sentido. No entanto, Ross e ela já tiveram alguns encontros, e a partir disso ele criou um sentimento verdadeiro pela mesma. Porém, quem sabe sobre isso são poucos, logo é fácil anular a verdade com algumas mentiras.

- Algo me diz que agora temos a resposta de Lúcifer. – Nevasca diz.

- Que droga! – Ross bate na mesa já descontrolado.

As pessoas no local começam a olhar em nossa direção, e não é muito difícil para nos identificar e distinguir dos demais. Assim nos levantamos e seguimos para saída, mas no mesmo instante em que colocamos os pés para fora do

ambiente uma onda de repórteres surge em todos os cantos procurando uma matéria com Ross, eles perguntam:

- Por que mandou matá-la?

- Eram amantes?

- Eu não fiz nada disso. – Tanaka levanta a sua mão para que possamos prosseguir entre a multidão. – Parem de tirar fotos, irei processá-los.

Aceno para o motorista de Ross e passamos ao seu lado no meio da multidão formada, é incrível como em menos de dez minutos eles já sabiam onde Tanaka estava e o que fez. Depois de tudo começo a duvidar se isso não foi proposital. Mas, o que importa é que abrimos a porta do carro para que ele possa passar.

- Vamos para o meu apartamento. – Digo a ele. – Precisamos conversar, as coisas não irão ficar desta forma. Tudo bem?

- Sim. – Ross concorda, vejo pelo seu olhar que está com medo. – Apenas vamos.

Seguimos logo atrás do veículo de Tanaka que segue acelerado. Sempre tivemos medo de sermos julgados pelos nossos assassinatos, qualquer hora alguma coisa poderia dar errado, no entanto, nunca pensamos em sermos julgados por aqueles crimes que não cometemos. Poderia ser uma ironia do destino se ele não fosse manipulado por Lúcifer.

Não demora muito tempo para que os repórteres vejam para onde seguimos e começam a nos perseguir, as motos tirando fotos a todo o momento, assim como os carros gravando tudo o que estamos fazendo. São como pessoas doentes, e isso é culpa da nossa sociedade. As pessoas se satisfazem ao assistir cenas desse tipo, ficam vidradas com o possível perigo, o mistério que tudo envolve.

- Essas pessoas precisam de tratamento. – Nevesca comenta já bravo.

Quando entramos no túnel escuro um grande barulho ecoa por todo o local e sinto um aperto em meu coração. Quando saímos do túnel somente avisto o veículo de Ross girar no ar e cair no asfalto ameaçando o capô e quebrando os vidros, o carro se arrasta por longos metros até parar na borda da ponta. Apenas não consigo dizer nada.

- Pelos portões do inferno. – Nevesca sussurra.

No momento em que paramos eu sigo correndo pela estrada.

- Ross. – Grito pelo seu nome e Nevesca me acompanha.

O vento gélido vindo da ponte invade nossas roupas trazendo o frio enquanto corremos pela estrada. Os repórteres continuam a tirar suas fotos, e no momento não me importo. Passamos em volta do veículo e o encontramos no banco traseiro, me abaixo no asfalto sentindo os leves cacos de vidro. Observo Ross desmaiado no teto que agora serve como solo. Sua cabeça quase para fora do vidro com um enorme corte de onde sai muito sangue, suas pálpebras estão fechadas, encontra-se inconsciente.

- Nevasca. – Digo a ele. – Chame à ambulância.

Assim ele faz e se distância. Não consigo ficar parado e vou me aproximando até conseguir encostar em Ross e o que sinto não é nada agradável. Temendo eu movimento minha mão até encontrar o pescoço de meu amigo e nada sinto. Após coloco meus dois dedos embaixo do seu nariz, não há respiração. Ele está morto.

- Ross... – Mal consigo falar.

Quase sem forças me levanto apenas observando sua imagem ali caída e controlo as lágrimas para não rolarem.

- Álvaro, eles irão chegar em alguns instantes. – Nevasca suspira. – Ele está bem?

Me viro e encontro os olhos azuis de Nevasca, neste momento apenas o abraço com toda a minha força e então deixo as lágrimas descenderem.

- Eu não aguento mais isso. – Exclamo para ele.

Não é preciso de palavras para Nevasca compreender, assim sendo, também me acompanha no choro. Mais uma pessoa que eu considerava se foi, uma seguida da outra, coincidência? Não sei se posso chamar desse jeito depois de tudo o que sei. Será que é Lúcifer que está nos castigando?

Capítulo VIII

**Às vezes o amor não é o bastante e a estrada fica
difícil, não sei o porquê.**

“Born To Die” Lana Del Rey. [\[10\]](#)

A mídia acompanha o velório de Ross e chega até ser irônico, pois, foram os mesmos que causaram tal acidente. Há muita gente espalhada pelo local, Tanaka possuía muitos amigos, era inegável a sua habilidade de se conectar com as pessoas. E elas ficaram ainda mais comovidas quando souberam que o assassino de Morgana estava blefando sobre o envolvimento de Ross em seu assassinato, sendo assim uma morte injustificável. Pelo menos isso Lúcifer não fez, destruir a boa imagem de Tanaka.

Lembro-me das férias de quatro anos atrás quando viajamos para a Disney pela primeira vez, éramos como crianças visitando o circo.

- Por que está sorrindo? – Apolo observa e me questiona.

- Lembranças. – O respondo. – São as únicas coisas que ficam não é mesmo? Nem todo o luxo, fama ou dinheiro vai nos impedir de pararmos ali, como Ross.

As minhas palavras são fortes e vejo pelas suas expressões que os fitam, até mesmo Baby se encontra em um estado de reflexão, por um momento. Aos poucos o caixão dourado vai descendo e seus amigos da companhia automobilística estendem o pano por cima, os violinistas tocando fazem o meu corpo formigar. E lá se vai mais uma alma. Reparo em uma garota ao canto chorando desesperada, pelo que Tanaka tinha me contado ele estava saindo com uma jovem, quase indo para algo sério. Mas, é isso o que se recebe quando possui um trato com Lúcifer, o amor não existe.

Somos os últimos no cemitério em frente a lápide de Tanaka.

- Todos sabemos o que aconteceu. – Apolo de Mel afirma.

- Eu havia falado. – Baby se sente bem por isso. – Obviamente Lúcifer não iria perdoar, afinal trato é trato e Ross infelizmente não cumpriu. Agora ele está nos braços de Lúcifer e não devemos esquecer que foi uma escolha sua. Viveu por muitos anos no luxo de sua vida e aproveitou o bastante.

Kil tem um jeito cortante de falar a verdade.

- Mas, isso me deixa bravo. – Nevasca é sincero conosco, vejo sua raiva. – Lúcifer simplesmente ceifou sua vida de uma maneira brutal acusando-o de

assassinato, todo o legado que Ross construiu poderia ser destruído. Se falharmos e Lúcifer fazer conosco o que não finalizou com nosso irmão?

- Não tinha pensado dessa forma. – Teseu fala baixo. – Mas, o que sabemos é que estamos vivendo um dos piores momentos de nossas vidas. Morgana, Michele, e agora Ross. Será que podemos chamar de caça às bruxas?

- Morgana e nem Michele eram bruxas. – Falo e os seus olhos me fitam. – No entanto, concordo com sua visão. – Ele arqueia suas sobrancelhas e ignoro. – Há algo errado acontecendo a nossa volta, estou sentindo isso há muito tempo. Posso afirmar que vai acontecer mais alguma coisa conosco.

Baby Kil ri enquanto passa a mão em uma das lápides.

- Todas essas teorias da conspiração. – Ele diz. – Qual é rapazes, por que Lúcifer Iria querer nos afetar sendo que lhe damos o que quer?

- Cale-se, Baby.

Finalmente falo e todos me olham, sabemos o quanto o garoto pode ser instável e no momento não me importo.

- Sim, fizemos o pacto por vontade própria e teremos que arcar com as consequências, sabemos disso. Mas, ninguém aqui nunca se questionou por que sacrificamos as vidas na Mansão Adão? O motivo de Lúcifer precisar dessas almas em seu nome? Para tudo há um motivo e nós estamos agindo apenas sem saber o porquê.

Um silêncio ecoa depois da minha fala, o vento apenas balança as árvores enquanto o frio invade pelas nossas roupas.

- E iremos perguntar isso para Lúcifer? – Teseu me questiona. – Não sei se ele vai ficar feliz em ser questionado depois de tanto tempo.

- Eu procurei em todos os arquivos da internet. – Falo. – Não há nenhum registro sobre a construção da Mansão, mas sei onde posso encontrar. Eu vou atrás de respostas, não importa onde que seja ou que me chamem de maluco. Prefiro agir antes que algo aconteça do que ficar esperando na inércia o próximo golpe.

Baby para bem na minha frente me fitando por trás daqueles óculos.

- Faça o que quiser, Val. – Ele diz. – Aconselharia abandonar a carreira de estilista e investir na escrita. – O garoto toca com sua mão em minha cabeça e sorri. – Essa mente está muito fértil para ideias. Álvaro Stephen Val.

Eu sei que a maioria deles acreditam nas minhas ideias, no entanto, é mais fácil ignorar. Não se voltar contra Lúcifer e buscar a verdade. A verdade é que já

perdi tanto que nessa etapa que nem me preocupo tanto com a morte. Talvez o meu maior medo seja morrer sem saber a resposta dos meus questionamentos.

Fico parado em frente a lápide, sozinho. Sinto um ar frio em meu pescoço e viro-me para trás. O tempo está nublado deixando o ambiente escuro, mas mesmo assim ao longe do outro lado do lago eu avisto algo. Uma garota trajada em um longo vestido branco enquanto seus cabelos loiros balançam pela força do vento. Mas, logo minha atenção é retirada quando sinto algo pousar no meu ombro e imediatamente esquivo jogando-o para trás e me afastando.

- Que susto. – Exclamo recuperando a respiração.

- Sou tão feio assim?

Andriel surge de repente com um sorriso em sua face. Depois de um momento sinto um estralo e acordo para a realidade.

- O que está fazendo aqui? – Pergunto.

- Soube que Ross era seu amigo pelas notícias na TV, estavam fugindo dos repórteres no dia de sua morte em veículos diferentes. Imaginei que seria seu amigo e desejei vir prestar os meus pêsames pessoalmente. – Andriel soa tão calmo que eu fico vidrado em seus olhos azuis. – Fiz mal?

- Não. – Respondo depois de alguns segundos e me aproximo. – É só que fiquei surpreso por isso, nunca pensei que viria até a cidade para...

- Eu me importo com meus amigos. – Andriel exclama. – Acho que podemos ser definidos como isso, não? – Ele arqueia as sobrancelhas. – Desculpa se estou sendo um pouco invasivo. É que você me causa sensações diferentes, não na forma sexual, também, mas não nesse momento.

Olho para ele e rio no mesmo instante, é engraçado a sua forma de agir sendo ele mesmo sem se preocupar, no meio de tanto caos Andriel é luz em minha vida. Quem imaginaria que aquele estranho do bar poderia ser uma das pessoas que mais se importa comigo nesse momento. Me aproximo dele e o beijo, sinto segurança quando conectado a ele. Quando seus braços se afastam eu olho firme em seus olhos. Não seria justo trazer uma pessoa tão boa para o caos que é a minha vida, seria ainda pior que já sou.

- Eu conheço esse olhar. – Andriel repara. – Pode dizer.

- Tem acontecido tanta coisa nesses últimos dias. – O respondo tentando ser o mais verdadeiro possível. – Perdi dois amigos de forma extremamente brutal, ainda estou em choque por isso. Minha vida está cercada de escuridão, menos quando estou com você. Mas, acredito que não seria um bom momento para ficar ao teu lado.

- Eu entendo todo esse seu medo. – Ele fala suavemente. – Julga que se não se aproximar mais das pessoas não sofrerá, sei porque também já fui assim, mas vou te dizer uma coisa. Estava enganado sobre isso. Todos nós merecemos ser felizes, independente do que tenhamos feito. E eu vejo que você merece ser feliz Álvaro. – Sua mão toca a minha face. – Se me deixar eu posso fazê-lo feliz.

É meio mórbido beijá-lo no cemitério, mas faço isso mais uma vez. Depois nos afastamos definitivamente. Ele me entrega um papel, viro e vejo seu número atrás.

- Não acredito que não passamos nossos contatos ainda. – Andriel sorri. – Mas, aí está o meu. Quando quiser pode me chamar, estarei no aguardo. Fique bem Álvaro, e lembre-se que você merece ser feliz como qualquer outro.

Vejo o garoto partindo e fico com suas palavras em minha cabeça, por um momento afasto totalmente os pensamentos negativos. Será que eu mereço realmente a felicidade depois de ter trazido tanta desgraça para a vida das pessoas?

- Eu não gosto dele.

Viro-me para o lado e me assusto mais uma vez, ao contrário do xadrez de Andriel, Nevasca se veste todo de preto como a morte. Com as mãos no bolso e com sua face virada para mim, seus olhos azuis me julgam.

- Há quanto tempo estava bisbilhotando? – Não sou simpático.

- Tempo suficiente para não gostar daquele sujeito. Como é mesmo o nome dele? Adriano? Adrifel? – Nevasca possui um ar debochado no ar, eu sei que ele sabe muito bem o nome de Andriel porque estava prestando atenção atentamente. - Ariano?

- Seja direto Nevasca! – Exclamo.

Ele retira as mãos do bolso e se aproxima.

- Não sei, você é estranho Álvaro. – Nevasca me encara. – Uma hora penso que está pensando em retornar para mim, e agora o vejo com esse homem. Realmente não consigo entender essa sua mente. Queria ter essa facilidade para trocar de pessoa a todo momento sem se importar com o passado. Mas, obrigado por me ensinar uma coisa. O que é do passado tem que ficar no passado.

Nevasca acena para mim, com um leve sorriso. Quando pedi para ele ser direto não pensei que Nevasca seria tão direto. Suas palavras são como um soco em meu estômago, pois, é a verdade. Por um momento estava pensando em retornar para ele, mas então conheci Andriel. Não é minha culpa ou talvez seja. A minha maneira de abandonar as pessoas pode soar cruel, no entanto, não é intencional. Novamente volto a ficar triste porque Nevasca é uma das melhores

pessoas com quem já me relacionei e vê-lo ficar mal por minha causa me deixa da mesma forma.

Quando estou indo em direção ao meu veículo um forte vento invade a estrada e paraliso quando vejo de canto uma sombra negra passar por mim levando consigo todo o calor. Meu corpo formiga dos pés à cabeça, como quando sinto uma presença. Não me viro para trás, não quero ver o que é. Apenas adentro no meu carro e acelero pelas estradas do cemitério indo em direção ao centro de Sodora. Há assuntos que precisam ser resolvidos.

Capítulo XIX

Não preciso de permissão

Tomei a decisão de testar meus limites

“Dangerous Woman” Ariana Grande. [\[1\]](#)

Como não encontro nenhuma informação sobre a Mansão Adão eu recorro ao único local possível da cidade que talvez possua a informação. A grande Igreja, o lugar que possui uma vasta biblioteca com livros antigos, sobre a religião, a cidade e os seus fundadores. É claro que seria minha última opção e infelizmente cheguei a este ponto. Me encontro na frente do grande edifício acinzentado. Muitas pessoas passam por mim enquanto adentram, hoje é o famoso dia do culto e escolhi a data perfeitamente. Quem sabe assim não chame tanta atenção.

Quando passo meu corpo e adentro na igreja sinto uma sensação estranha, minha pele formiga e fica mais difícil de se respirar. Tenho que me escorar em um dos pilares, parar e após retomar. Já julguei que algo assim aconteceria afinal não conseguimos nem proferir a palavra “Deus” ainda mais entrar em lugares dedicados a ele. Por isso sigo pelo canto do edifício e subo as grandes escadas até estar no segundo piso, as prateleiras com os livros começam do chão e vão até o topo.

- Olá.

A mulher que cuida da biblioteca se aproxima de mim, trajada em trajes típicos cristãos. Uma saia e uma blusa social branca. Carrega um sorriso encantador consigo que poderia retribuir se ainda não estivesse um tanto zonzo.

- Procurando por algo específico? – Ela me questiona.

- Gostaria de saber onde ficam os livros que contenham informações sobre as construções antigas da cidade. – Exclamo. – Vocês os têm?

- Oh! É claro. – A mulher gosta de seu emprego, responde empolgada. – Mas, conseguiria ser mais específico? Temos diversas edições desses livros, com construções urbanas, rurais, sabe de que século seria?

- Na verdade, não sei muita coisa.

Coloco uma mão atrás do pescoço e sorrio.

- Sem problemas. – Joana, pelo que leio em seu crachá responde. – Vamos ver.

Os livros nunca me encataram tanto assim, sempre tive um pouco de resistência. No entanto, para Morgana eles soavam como a melhor coisa do mundo, sempre me dizia que com eles era possível se viver mais de mil vidas antes de morrer.

Seguimos pelos corredores repletos de obras até chegarmos em algumas seções, Joana sobe as escadas e começa a retirar os livros das prateleiras. No final estou carregando pelo menos seis unidades, as capas variam do velho ao extremamente velho. Mas, não estão empoeirados, na verdade, bem cuidados. O que mais me assusta é a quantidade de páginas que cada um possui.

- Por acaso são os novos testamentos? – Questiono-a.

- Não se assuste. – Joana tem uma risada contagiante. – Muitas das páginas são com fotos e desenhos explicando à arquitetura, mas sei que encontrará o que deseja. Pode ocupar uma das mesas ao fundo para analisar. Ainda temos muito tempo até fechar. Qualquer coisa só me chamar que estarei na recepção.

- Muito obrigado, Joana! – Aceno para ela.

Prossigo com os livros para um local mais afastado onde há uma parede feita inteiramente de janela deixando a luz do luar entrar. Me sento na cadeira e ponho os livros em cima da mesa de madeira. Acendo a luz e começo a folhear a primeira obra, são mais de trezentas páginas e não encontro. Não sei quanto tempo passa, mas já estou vendo a quinta unidade, uma hora vou caindo suavemente para frente até que acordo em um susto.

- Maldição. – Sussurro.

- Acho que precisa de uma xícara de café.

Com toda a sua gentileza Joana me deixa uma xícara a minha frente, aceno para ela mais uma vez como agradecimento. A cafeína me ajuda a despertar e então parto para a última unidade, estou quase a ponto de desistir. Quando folheio a página duzentos e cinco eu encontro a residência.

- Finalmente. – Quase pulo da cadeira entusiasmado, alguns leitores que estão no ambiente olham para mim e após eu me calo.

Passo a mão pelo desenho. A Mansão era muito diferente no seu desenho original, feita inteiramente de madeira e com uma torre ao lado. Construída no século XV pelo arquiteto francês, Remy Pierre. O lugar onde está localizada pertencia a uma região povoada por povos cristãos e esse é o fato que mais me intriga. A Mansão funcionou como uma igreja por diversos séculos, vejo alguns desenhos dos cultos realizados e eram um tanto assustadores como tudo naquele século. Somente parou de pertencer aos princípios cristãos quando uma tal de

família Morrice comprou a igreja. A partir disso a igreja foi reformada e transformada em uma grande residência. Folheio e agora vejo uma imagem mais semelhante a arquitetura atual. A família Morrice então passou a usar o local como hotel para jovens estrangeiros que vinham a Sodora. Ao virar as páginas vejo que estava enganado, ela não havia parado de pertencer a religião, alguns cultos ainda eram realizados pela família Morrice.

- Droga! – Sussurro.

Fico enjoado ao ver a imagem de uma garota esquartejada ao que me parece ser o porão do local. Segundo relatos essa família fazia alguns rituais com os seus hóspedes e massacravam eles de forma impiedosa, por esse motivo a residência foi vendida para um comprador anônimo no começo do século XIX. Essas são as últimas informações que encontro.

Reflito, a Mansão Adão era um lugar religioso antes de todos os atos malignos realizados pelos Morrice. Um lugar sagrado poderia dizer, creio que isso possa ser um bom motivo para realizarmos as mortes lá. Também acredito que esse comprador anônimo seja Lúcifer ou alguém influenciado por ele, mas são só suposições.

- Álvaro. – Ouço a voz ao fundo. – Álvaro.

Desperto quando vejo o padre Omar parado na minha frente segurando sua bíblia, quase derrubo a xícara de café. Apenas tomo cuidado e pouso ela em cima da mesa.

- Padre Omar! – Exclamo. – Me desculpe. Que surpresa o ver.

- Esta é a minha igreja, filho. – Ele diz. – A surpresa é minha de o ver por aqui, pelo que recordo nunca pisou no edifício antes. – Nem digo o porquê. - O que procura?

Seus olhos percorrem pelo meu livro e ele avista a imagem da Mansão, trato logo de fechar o livro e me levantar. Observo o relógio e já é tarde da noite.

- Perdi a hora. – Recuo. – Tenho que ir.

Passo pelo padre e antes de entrar no corredor eu pauso por um instante. Ainda não compreendi o porquê de estarmos sendo usados e isso me atormenta, se não conseguir descobrir a verdade hoje não irei dormir em paz e sei que o padre possui respostas. Aquele dia no cemitério falou sobre Lúcifer, até sentia que sabia sobre nós. Dessa forma, ignoro tudo ao meu redor e desejo prosseguir. Me viro e me aproximo do padre.

- Desculpe incomodá-lo, Padre Omar. – Falo com cautela. – Mas, estou fazendo uma pesquisa sobre o mal em sua essência para a minha nova criação.

Baseada em Anjos Caídos como Lúcifer. Poderia sanar algumas dúvidas minhas sobre o assunto?

Minha fala é completamente insana e vejo pelos olhos de gavião do homem religioso que me analisa por completo, não sei se sabe que é mentira, no entanto, apenas preciso de suas respostas.

- Uma aposta obscura. – Omar fala. – O que deseja saber?

- De onde vem a força de Lúcifer? – Sou rápido no questionamento.

O padre sorri para mim e pousa sua bíblia mais próxima do peito.

- Lúcifer foi um dos anjos mais sábios do céu e caiu pela sua ganância. Depois que foi expulso a sua maior força se tornou as pessoas. Quanto mais o mal se espalha entre nós mais a sua força aumenta. Em lugares sem amor, com indivíduos fracos espiritualmente. Muitos fatores levam a sua força. – Ele me explica.

- Entendi. – Reflito e adentro mais no contexto. – Então se alguém comete um crime em seu nome isso o deixa mais forte, certo?

- Exatamente e fica mais forte quando há um pacto. – Ele diz.

Nesse instante sinto todos os pelos do meu corpo arrepiarem, tudo piora quando vejo que seus olhos estão vidrados em mim, no entanto, apenas respiro tranquilamente e não deixo nada transparecer, ou ao menos é o que eu penso que faço.

- Como funcionaria esse pacto? – Pergunto.

- Venha, é melhor visualizar.

Seguimos pelos corredores até entrarmos em uma ala contendo livros religiosos muito antigos. O padre pega um dos últimos, sua capa é inteiramente escura e com o desenho de duas asas negras na frente. Ele folheia as páginas até parar em um desenho de uma enorme criatura com extensas asas negras. Mais embaixo há humanos.

- Os pactos de Lúcifer. – Omar exclama. – São extremamente raros em nossa história, poucos casos foram registrados pelo Vaticano.

Quando ele cita o Vaticano meus pelos arrepiam, as tonturas aumentam ainda mais, fecho e abro meus olhos rapidamente retomando o controle.

- Por que são raros? – Questiono.

- Lúcifer como outros demônios conseguem influenciar as pessoas quando estão vulneráveis, mas tudo piora durante a Lua de Sangue quando tudo está em

alinhamento. Nesse momento as forças obscuras ganham mais força, e no caso de Lúcifer isso é ainda pior. Segundo alguns livros o anjo caído foi expulso durante uma Lua de Sangue e por isso aumenta sua força nesse tempo. O que acontece é que nesse momento Lúcifer pode atravessar em uma forma humana pelos portões do inferno e vagar pela terra. Por isso quando a Lua de Sangue acontece o Vaticano inteiro entra em oração a todo segundo para diminuir a sua resistência. Antigamente todas as igrejas faziam essa ação, mas a crença nisso se tornou ultrapassada e hoje em dia quando o fenômeno acontece há poucos para lutar contra o mal. O último aconteceu há...

- Dez anos. – Complemento engolindo em seco. – Como você disse houve casos que ele já conseguiu se libertar, e o que aconteceu?

- Lúcifer é traiçoeiro. – Vejo escuridão nos olhos de Omar. – Ele procura almas para fazer de seus súditos. Oferece dons, presentes as pessoas que aceitam vender suas almas para ele. Mas, o senhor das trevas sempre cobra caro por isso. Na maioria dos casos registrados ele pede outra vida em troca para que o mal se espalhe ainda mais.

Ele vira as páginas e então paraliso quando avisto um desenho do anjo negro caindo do céu. No seu corpo e asas há várias adagas prateadas presas, elas possuem o desenho de asas no punhal e eu reconheço, pois, tenho uma delas.

- Durante a guerra no céu algumas adagas foram usadas pelos Anjos para destruir suas asas. – Omar me explica. – Segundo alguns relatos ele já distribuiu essas adagas para humanos, afinal elas representam armas celestiais. Fazendo seus súditos retirarem vidas em locais sagrados com objetos também sagrados, enriquecendo ainda mais a sua força.

Coloco uma mão na prateleira e sito que vou tombar, sinto minha pressão cair, no entanto, entendo que é por passar tanto tempo neste local.

- Você está bem garoto? – Padre Omar segura a minha mão.

- Uma leve tontura. – Finjo um leve sorriso. – Mas, continuando. Como você sabe de tantas coisas? Reparei que algumas nem estavam no livro que abri.

- Filho, eu pertenço ao Vaticano.

Suas palavras soam como um disparo em minha cabeça. Ele pertence à sede da Igreja Católica, por isso que disse que sabe muito bem como identificar o mal. Ao olhar para a sua face eu creio que ele já esteve presente em um desses casos de pacto com o Lúcifer por isso possui vasto conhecimento. Também sinto que Omar sabe sobre mim.

- Posso fazer mais alguns questionamentos? – Pergunto e ele acena. – Por que Lúcifer não faz o mal com suas próprias mãos quando esse fenômeno acontece? Não teria maior poder para isso?

- Filho, quem disse que ele não é o maior responsável? Lúcifer é traiçoeiro e prefere agir corrompendo pessoas e afastando elas da luz, pois, isso é o que mais fere o plano celestial. Além disso, deixar discípulos na Terra faz com que seu legado se espalhe por anos fazendo do mundo um lugar pior. O senhor das trevas é inteligente, se agisse com suas próprias mãos os sacerdotes de Deus o encontrariam e o fariam pagar, por mais que eles tenham diminuído Lúcifer ainda os teme. Prefere usar seus peões nessa batalha!

Omar coloca uma mão no meu ombro e me encara.

- Há muitas outras coisas que eu possuo conhecimento que infelizmente não posso dividir com você porque fiz um pacto para nunca compartilhar. – Omar diz. – O que deve saber é que nunca se deve brincar com essas forças malignas, Lúcifer não é um ser confiável. Ele é a pior criatura que já caminhou pelos mundos e qualquer brecha que encontra age para espalhar o seu mal e tentar tornar a Terra em um inferno.

- Entendido. – Balanço a cabeça. – Muito obrigado por compartilhar todo o seu conhecimento, Padre. Com certeza foi de extrema importância para a minha pesquisa. Agora tenho que ir porque amanhã tenho muito trabalho no ateliê.

Me distancio dele antes que possa fazer qualquer questionamento, não espero que o Padre Omar como alguém do Vaticano acredite em minhas mentiras. Agora não me sinto tão forte para dividir com ele toda a verdade, pois, ainda temo Lúcifer. Ele se mostrou como pode ser cruel com alguém como fez com Ross.

- Volte em breve senhor Val. – Joana acena para mim.

Desço as escadas correndo e quando saio da igreja quase caio. Coloco minhas mãos no joelho e respiro ofegantemente. Passo meus dedos no nariz que sangra. Mesmo acabado eu descobri a verdade. Lúcifer está nos usando para ficar mais forte, penso no que Omar não pode revelar e talvez seja a verdadeira intuição do senhor. Nós o deixamos mais forte, agora ele consegue circular pela Terra livremente em imagem humana. Reflito se nós continuarmos matando pessoas se não daremos força suficiente para ele se libertar do inferno. Por Stefano Gabbana como eu vou lutar contra o rei do inferno?

Capítulo X

Pensei: Nem Deus pode me ajudar agora

Nada dura para sempre

Mas isso vai acabar comigo.

“Wildest Dreams” Taylor Swift. [\[12\]](#)

Abro os meus olhos e tenho dificuldades para respirar. Nem mesmo meu corpo consegue se mover, está paralisado. A minha frente como a minha volta eu só vejo escuridão, mas sinto nos meus pés que estou caminhando em cima da água. Quando meu corpo sai da paralisia eu olho para baixo e vejo que não é água, meus pés estão mergulhados em algo mais grosso e vermelho. Sangue. Eu tento percorrer por diversas direções, entretanto, neste lugar tudo parece igual, a escuridão, o sangue. Até que caio de joelhos no líquido e fico abaixado.

“Quando as luzes da meia noite tocarem nós caminharemos pelas ruas escuras da cidade iluminadas pelo nosso intenso amor, quando as luzes da meia noite tocarem seremos só você e eu, querido.” A música do mais recente sucesso de Baby Kil toca no local, mas a sua voz está um tanto distorcida.

Levanto e aos poucos vou me aproximando de um local onde uma pequena luz é imitada. Em cima do palco está Baby segurando o seu microfone enquanto olha distantemente, após alguns segundos ele me avista e seu olhar se prende no meu.

- Baby. – Exclamo.

- Desculpe por ter feito isso. – Kil fala para mim. – Mas, se eu não faço todos nós iremos pagar as consequências. De verdade, sinto muito.

Vi algumas vezes Baby se expressando dessa forma, no entanto, todas elas eram para fazer sarcasmo com alguém, mas nesse momento eu sinto que ele está sendo sincero. O assunto em questão não consigo compreender, então quando vou me aproximar dele uma criança passa correndo pela frente do palco, em seguida um grande homem rechonchudo a persegue. Com um pedaço de chicote a criança é atingida e cai no chão derrubando seus óculos no sangue, seus olhos fixam-se no meu enquanto ela apanha, noto nos seus pés sapatos femininos. Tento gritar e me mover, mas estou novamente em inércia. É angustiante. Tudo se torna nítido quando eu olho para os dois, eles são a mesma pessoa, Baby adulto e Baby criança. O seu passado que nunca ousou nos dizer.

- Fizemos o que for preciso para sobreviver. – Baby adulto exclama.

Caio de joelhos no chão e sou coberto por uma nevoa, levanto-me rapidamente e não há mais Baby e o sangue, a imagem foi substituída por uma floresta estranha onde do tronco das árvores escorre um líquido preto. Ao longe ouço gritos angustiantes. A minha frente se acende pequenas bolas de fogo no ar e quando se aproxima da pouca luz vejo que são apenas os olhos de Lúcifer. Ele olha para mim e sorri.

- Álvaro Val, meu súdito. – Não gosto do seu tom de voz. – Suponho que tenha gostado do local, para quem vive o inferno na Terra se acostumará em breve com o do Submundo. – Sua risada é cortante. – Não pensa da mesma forma?

Sinto um arrepio na coluna, então aqui é o inferno. Não imaginaria lugar mais angustiante, nem mesmo nos meus pesadelos mais terríveis.

- O que estou fazendo aqui? – Questiono-o.

- Não sei. – Lúcifer percorre ao meu lado. – Deveria saber de algo, Val?

Fecho meus punhos e tento controlar o meu nervosismo, sim ele sabe de tudo. Creio que o que aconteceu antes foi um alerta para mim, Baby me delatou, de alguma forma ele soube que eu estava indo na igreja conversar com o Padre.

- Não. – Respondo de maneira firme.

- Não. - Lúcifer alisa o seu queixo enquanto lança seu riso assustador. – Vocês humanos são tão patéticos acreditando que podem esconder a verdade de mim. Rapaz você está falando com o Rei do Inferno.

Não há para onde fugir, apenas encare, penso.

- Obviamente você já sabe que eu fui até a igreja. – Sou direto. – Mas, eu precisava de informações. O porquê de matarmos pessoas para você, além de tentar compreender o motivo de tudo isso estar acontecendo conosco, mas creio que já sabes, pois, está envolvido. Por que quer destruir nossa sociedade?

- Eu quero destruir a sociedade? Não seja patético, humano. – Ele finalmente lança seu tom de desprezo. – Vocês não conseguem enxergar o que está escondido embaixo dos seus próprios olhos. – A criatura dá um passo à frente. - Confesso que em algumas coisas estou envolvido porque vocês erraram comigo e não o contrário.

Me calo, pois, vejo um leve reflexo de chama no seu olho.

- Mas, procurar um padre? – As chamas aumentam. – Não seja patético Álvaro, você fez com que nos expusesse de forma desnecessária.

Como Omar disse Lúcifer ainda possui medo deles.

- O que queria que eu fizesse? – Pergunto. – Perguntar diretamente para você sabendo que está descontrolado pelas nossas ações?

Quando as palavras saem da minha boca eu paraliso, não pensei que tinha sido tão direto assim. Não há mais volta porque as chamas envoltas do corpo de Lúcifer explodem e em instantes uma enorme criatura está diante de mim, nada humano, enormes chifres, pele preta como de um animal. Engulo em seco quando ele se aproxima da minha face, tenho vontade de chorar, mas não faço.

- Eu ofereci tudo a vocês. – A voz grossa e animal cruza a floresta. – E assim que me retribui? Ainda julga estar certo a procurar um, um, maldito Padre. – Ele bufa. - Filhos ingratos! Vocês aprenderão a lição.

Quando ele bate as suas asas em minha direção o meu corpo é jogado para trás, somente vejo a figura desaparecer assim como a floresta. “Aquilo que você ama” Uma voz sussurra na escuridão repetidamente. Em instantes sinto o meu corpo cair em cima de algo, quando olho para o lado me vejo em um enorme buraco com corpos se rastejando pelo solo e pela parede. Diversas vezes eles caem do topo e os gritos angustiantes são disparados. Lá no topo vejo a figura de Lúcifer por um breve segundo até que uma mão ensanguentada toca a minha face e olho para o lado. Ali está ele, Ross, com diversos cortes pelo rosto sendo coberto pelo sangue. Tanaka tenta falar, mas apenas ouço gemidos. Minha respiração volta a trancar enquanto os corpos sobem em cima de mim, tapando minha visão até que quando consigo gritar abro os olhos.

- Maldição.

Coloco as mãos em cima da mesa e tento recuperar a minha respiração, observo a minha volta e estou no meu ateliê. Tomo um copo de água e tento me acalmar, era um sonho, mas um sonho extremamente real que eu posso considerar como realidade. Lúcifer sabe que fui até a igreja, Baby contou, o que significa que sou o próximo na lista a pagar por um erro. Nunca senti tanto medo na minha vida como hoje, aquele lugar horripilante, a figura animal de Lúcifer, muita coisa para se pensar.

Após um tempo eu observo o papel em cima da mesa com o número de Andriel, ele disse que eu poderia ligar a qualquer momento. Após quase cinco minutos olhando para aquilo eu decido digitar o número e acabo telefonando. Cerca de trinta segundos depois ele me atende.

- Olá. – Sua voz soa calma como sempre do outro lado da linha.

- Oi. – Exclamo. – Sou eu, Álvaro. Lembra de mim?

- Como poderia esquecer. – Ele dá uma leve risada. – O garoto que surgiu de repente na cidadezinha e simplesmente arrebatou meu coração.

Andriel consegue me fazer sorrir.

- Liguei porque precisava de uma voz confortante no momento. – Digo. – Além disso, estou com saudades de nos vermos. Já faz algum tempo.

- Que bom que é o único que acha que a minha voz não é de vaqueiro. – Ele é bem-humorado. – Também estou com saudades, dos abraços, das conversas. Creio que posso ir à cidade amanhã se assim quiser.

- Seria perfeito. – Sou rápido na resposta. – Antes eu tenho uma festa para ir de um amigo meu, se quiser pode me acompanhar, na verdade, eu adoraria não me sentir sozinho naquele lugar.

Ouçó um leve silêncio do outro lado da linha e fico aflito.

- Mas, só se você quiser. – Exclamo.

- Claro que eu quero. – Andriel responde sim e me sinto aliviado. – Vamos ver se seus amigos são pessoas extraordinárias como você. Que cor acha que eu deveria usar?

- Deixa eu ver... Dourado combina perfeitamente com sua pele. – Respondo. – E você que cor acha que eu deveria usar?

- Vermelho como está usando nesta noite.

Neste momento eu pauso e ele também. Observo a rua lá fora e não há muito movimento de veículos, apenas algumas pessoas passando na rua. Atentamente verifico cada ponto escuro externamente.

- Como sabe que eu estou usando vermelho? – Questiono.

- Palpite. – Andriel responde rápido. – Vermelho é a sua cor.

Ouçó um grande barulho vindo da frente do ateliê e me assusto, Andriel fala mais algumas coisas, mas o som volta a se repetir. Me aproximo da gaveta da prateleira e retiro de dentro um revólver, aconteceu tantas coisas nesses últimos dias que é sempre bom ficar preparado para tudo.

- Andriel. – Exclamo. – Vou ter que desligar, há algo de estranho aqui.

- O que está acontecendo, Álvaro?

O som de algo disparando eclode e em instantes depois a prateleira ao meu lado quebra e o vidro todo se estilhaça, em frente à porta uma figura desconhecida surge trajada em roupas escuras e uma máscara preta cobrindo toda a sua face. Abaixo rapidamente e outro tiro é efetuado.

- Que droga está acontecendo!

Seguro firmemente a arma na mão e vou engatilhando, uma hora ou outra o vidro corta minha palma. Aproximo-me da beirada e observo as pernas do grande homem, sem hesitar aponto a arma e disparo bem no centro da sua coxa. Ouço um grito vindo do assassino que logo ataca com um disparo, apenas me esquivo para o lado e encosto a minha cabeça na parede. Penso rapidamente em Lúcifer, será que foi ele quem enviou esse homem para me matar? Grandes chances de estar certo. Mas, após algum tempo não ouço mais nada e então levanto-me apontando a arma em direção a porta. Olho atentamente em todas as direções e não avisto ninguém.

- Quem está aí? – Grito e soa patético, como aquelas mocinhas de filme de terror que chamam o assassino para vir matar elas. Eu sou muito estúpido!

Sinto uma presença atrás de mim, e me viro. Sem hesitar empurro o braço do inimigo para cima e a arma dispara no teto abrindo um grande buraco. Empurro ele para trás, mas o homem tem força. O assassino joga o meu corpo para trás e eu tombo no solo completamente desarmado. Rastejo pelo chão enquanto ele caminha a minha frente com a arma apontada para o meu peito.

- Quem lhe mandou? – Exijo meu último questionamento.

Fecho os meus olhos e acontece o disparo, alguns segundos depois abro e vejo que não estou ferido. Mas, a minha frente o grande homem desmorona com a mão no peito ensanguentado. Ele desliza pela mesa de vidro e cai no solo, morto. Levanto rápido e sinto as minhas mãos tremerem. Me viro para trás e encontro ele parado apontando a arma em direção ao assassino, Andriel.

- O que está fazendo aqui? – Pergunto.

- Pensei em fazer uma surpresa, mas pelo visto salvei a sua vida.

Olho para o homem caído e depois para Andriel. Corro até ele e me jogo em seu peito dando o melhor abraço possível. Ele passa seus braços envolta de mim e ficamos assim por um longo tempo até eu não estar tremendo mais. Me afasto delicadamente e olho fundo nos seus olhos azuis.

- Você me salvou. – Exclamo. – Muito obrigado!

- Eu morreria por você.

Capítulo XI

Um salve para o meu ex

Você realmente é o cara.

“Shout Out To My Ex.” Little Mix. [\[13\]](#)

A festa da Chanel é um dos maiores eventos do ano. Me sento ao lado de Andriel bem em frente à piscina e logo chamamos atenção. Quando os olhares se tornam intensivos eu seguro a sua mão e tento desviar a sua atenção para mim.

- Está gostando? – O questiono.

- Sim. – Ele olha para a modelo vestindo uma peça exótica, então olha para mim e lança aquele seu sorriso encantador. – Mas, não estou entendendo nada.

- Posso te confessar. – Sussurro em seu ouvido. – A maioria das pessoas aqui não entendem o conceito, no entanto, apenas fingem para parecerem mais nobres. É assim que o mundo da moda funciona, falsas imagens.

- Correção. – Ele também sussurra. – É assim que todo o mundo funciona.

O desfile encerra e nós seguimos para a borda do ambiente, o lugar é um tanto bonito localizado fora da cidade rodeado de verde o que deixa Andriel mais à vontade. Pego uma das taças e entrego a ele.

- Sinto que as pessoas estão olhando para mim. – Andriel fala. – Será que é pelo meu modo de vestir que não é tão exótico?

Ele brinca com a palavra.

- Em partes. – Sou sincero com ele e gosto disso. – Mas, você é uma face nova neste lugar, é bonito, obviamente chama muita atenção. Além disso, agora você é conhecido na cidade por ser meu salvador. Creio que é um bom título.

Ele passa a sua mão na minha cintura e me beija. Quando algumas câmeras se voltam para Andriel noto que desvia e não se sente muito à vontade o que eu não o culpo afinal é o seu jeito e não desejo mudar isso. Ele queria vir com um estilo que não era dele para a festa, pois, pensou que eu desejava, então afirmei que não necessitava, Andriel é perfeito do jeito que é, não precisa se adaptar ao que os outros querem.

Trajado com um casaco de onça e com várias correntes de diamante Gabriell Chanel se aproxima de nós segurando uma taça de vinho. Ele nos cumprimenta com um beijo no rosto de cada um e já noto o seu olhar de canto para o meu companheiro.

- Que bom que veio Álvaro. – Gabriell exclama. – Depois de tudo o que aconteceu pensei que pudesse ficar retraído em casa, mas vejo que está superando as coisas. Isso é bom e aprecio muito a sua presença. Também do seu acompanhante, como se chama mesmo? Apenas vi um esboço da sua imagem no noticiário.

- Andriel. – Ele sorri agradavelmente. – Muito prazer!

Os olhos de Chanel percorrem dos seus pés até a sua cabeça, nenhuma sutileza.

- Não é da cidade novato. – Gabriell repara em seu sotaque. – Também reparei pela sua vestimenta um tanto rústica. – Ele solta um leve risinho.

Viro um gole do champanhe e sorrio para ele.

- Sim, Andriel é um tanto rústico. – Exclamo. – Mas, tenho que confessar que não é somente o visual dele, se você me entende.

Gabriell não esperava pela minha fala e isso o deixa recuado, ele tenta disfarçar com um leve sorriso de canto, mas o conheço há muito tempo para saber o que está pensando. Tentar humilhar meu atual não é uma solução, e confesso que não esperava uma atitude tão infantil da sua parte como dono de uma das maiores marcas da moda.

- É bom os ter aqui. – Ele diz. – Espero que aproveitem a festa, agora eu tenho que ir, pois, há muitos fotógrafos me procurando. Com licença, cavalheiros!

Assim Chanel parte.

- Simpático o seu ex... – Andriel fala.

- Como sabe que é meu ex? – Pergunto.

Apenas trocamos olhares por alguns segundos e rimos juntos afinal está óbvio. Alguns minutos depois muitos fotógrafos aparecem a minha frente com as câmeras em minha direção, Andriel esquivava-se novamente.

- Tenho que ir ao banheiro. – Ele sussurra. – Logo te encontro.

Andriel sai apressadamente sem pelo menos eu poder falar alguma coisa. Apenas aceno para ele e viro-me para as câmeras. São vários questionamentos relacionados a tentativa de assassinato em meu ateliê que foi posta como um assalto. Posiciono a taça de champanhe ao lado e exibo o meu melhor sorriso. Com o tempo isso fica fácil. Uma vida marcada pela tristeza, mas não é isso o que vende, certo? As pessoas precisam ver uma idealização perfeita, precisamos passar imagem da vida que elas sonham em ter.

Subo as escadas para o segundo piso e me aproximo dos cavalheiros.

- Eu não aguento mais ouvir questionamentos sobre Ross. – Teseu vira a bebida da sua taça e segura com agressividade. – As pessoas não respeitam nem mesmo quando alguém morre. Acredita que me perguntaram se eu achava que ele era capaz de matar alguém? Mesmo depois de todas as evidências provando o contrário.

- Certamente Tanaka não era um assassino. – Baby é sarcástico.

- Relaxe, agora as atenções serão voltadas para mim depois de ter aparecido no noticiário com o ataque em meu ateliê. – Exclamo. – Para a minha sorte Andriel estava lá no momento certo para me salvar.

Os olhos tempestuosos de Nevasca me fitam.

- Estranho, não é? – Ele diz. – Andriel estar naquele momento certo para te salvar mesmo morando quilômetros longe da cidade. Certamente estava o vigiando.

Fico em silêncio por alguns segundos e confesso que também fiquei com receio quando Andriel apareceu, mas segundo ele estava lá para me fazer uma surpresa antes mesmo de eu ter ligado, pois, estava com muita saudade. Sua justificativa é aceitável e totalmente compreensível já que me salvou.

- Que bom porque caso contrário estaria morto agora. – Digo. – E sejamos sinceros, ainda não estamos seguros. Antes de tudo aquilo eu sofri uma ameaça vinda diretamente de Lúcifer por um sonho, estava no inferno, eu sei disso. Nunca me senti tão angustiado e com medo em toda a minha vida!

- Mas, você sabe por que Lúcifer foi atrás de você. – Teseu relembra. – Pedir informações a um Padre sobre ele é um tanto arriscado não acha?

Depois de ter acontecido tudo aquilo eu mandei mensagem explicando para todos o acontecido, apenas recebi respostas como deixa isso para lá, não se meta em confusões. Tentam se enganar, no entanto, eu vejo o medo em seus olhos.

- Chega de pormos vendas em nossos olhos. – Falo firme. – Precisávamos saber a verdade. Depois que eu soube algo mudou em mim, não é possível que não tenham refletido por pelo menos um minuto. Nós estamos fortalecendo Lúcifer e abrindo as portas do Inferno para a Terra, mais desgraças poderão acontecer futuramente e será nossa culpa.

- Sim, isso é terrível. – Baby encena estar assustado. – O mundo todo já está um caos com ou sem a intenção de Lúcifer. Espera que façamos o que agora com essas informações? Se voltamos contra ele? Simplesmente vendemos as nossas almas, estamos fadados a ir para o Inferno. Então que seja pelo caos completo!

Apenas olho para Kil e me silencio, ainda me recordo da cena daquele garoto fugindo de seu pai e apanhando com um fio grosso. Por algum motivo eu sinto que era Baby que estava naquela cena, estávamos conectados no mesmo pesadelo.

- Sim, eu me sinto culpado. – Teseu é sincero o que eu estranho. – Fomos responsáveis por estragar dezenas de vidas, mas agora não tem como voltar atrás. Quando saímos da linha Lúcifer já mostrou o que acontece. Prefiro viver aqui por enquanto do que ir logo para o inferno. – Ele me fita. - Se é como relatou eu desejo prolongar a minha vida aqui.

Olho pelo reflexo e vejo Andriel subindo a escada.

- Além disso. – Nevasca diz. – Você tem outras distrações no momento, por que não aproveita elas ao invés de ficar criando conspirações?

Suas palavras soam cortante, ele é brutal.

- Vocês são todos patéticos. – Exclamo.

Pego uma nova taça no caminho e encontro Andriel.

- O que houve? – Ele me questiona e segura minha mão.

- As pessoas gostam de me irritar.

Os olhos de Andriel fitam em Nevasca e não vejo mais aquele homem doce que conheço, há uma tempestade dentro do seu olhar. Logo, minha atenção é retirada quando o meu telefone toca e atendo. Número desconhecido.

- Alô. – Digo.

- Senhor, Val. – Uma voz feminina diz. – Falo aqui do Hospital de Sodora, somente estou passando para avisar que o seu amigo Apolo de Mel foi internado nesta tarde. O seu telefone estava salvo no contato dele para casos de emergência.

Abaixo o meu telefone e viro de costas seguindo até os cavalheiros, eles já me olham com seus olhares receosos, pois, hoje em dia nenhuma notícia é boa.

- Apolo foi internado. – Exclamo. – Precisamos ir ao hospital.

Escoro a minha cabeça no veículo enquanto Andriel dirige pelas ruas da cidade, minha mente não consegue raciocinar nenhuma frase. Apenas foco no caminho quando chegamos e saio do veículo, essa hora do dia o hospital não é muito movimentado e Apolo está em uma das melhores alas como o esperado.

- Viemos ver o nosso amigo. – Falo para a recepcionista. – Me ligaram recentemente, ele se chama Apolo de Mel e....

- Você é Álvaro Val. – Ela sorri para mim. – Sei quem é, eu amo as suas coleções. Se quiserem passar ele está no quarto B666. Pelo estado que chegou aqui está bem melhor, não precisam se preocupar. Podem passar todos os amigos.

Acenamos para ela e seguimos pelo corredor, obviamente nenhum outro local deixaria mais de duas pessoas adentrarem, mas nós somos influentes na sociedade e por isso temos esses privilégios. No momento não os nego.

- B666, isso é ótimo. – Teseu sussurra atrás de nós.

Adentramos no quarto hospitalar que mais parece uma suíte, as enfermeiras estão fazendo os últimos reparos em Apolo que se encontra acordado. Logo, elas saem e nos deixam a sós. O cabelo ruivo de De Mel está todo enrolado por um pano branco, noto que foi um profundo corte na cabeça, mas ele é resistente como um touro.

- Você está péssimo. – Baby não é nada delicado. – O que aconteceu?

- Um acidente. – Ele força um sorriso, mas logo fecha os olhos, por mais que tenha tomado os remédios ainda possui dor. – Estava em estúdio gravando uma das cenas para meu novo filme quando uma das luzes do cenário despencou diretamente em minha cabeça. Todos acham que foi acidental.

Me aproximo da sua cama e olho fundo em seus olhos verdes.

- Mas, você acha que não foi. – Digo.

- Não. – Apolo soa preocupado. – Todo o cenário passa por diversas revisões, um pouco antes de eu entrar em cena foi revisado e de repente aquilo se desprende e cai em minha cabeça. Podem me falar o que quiserem, no entanto, eu sei que aquilo foi intencional. Se não era para eu morrer a intenção era causar um enorme ferimento.

- Devido aos últimos acontecimentos. – Teseu fala. – Você fez algo que poderia deixar o nosso grande amigo Lúcifer enfurecido?

Apolo balança a cabeça e vejo que seus olhos pesam. Passo pelo lado e seguro uma de suas mãos, noto ferimentos nela também.

- Descanse amigo. – Exclamo. – Amanhã conversaremos sobre o assunto. Mas, fique tranquilo que vai ficar tudo bem!

Assim, ele fecha os seus olhos e acaba adormecendo.

- Mais um “acidente”. – Falo de maneira baixa. – Isso só pode ser uma piada, obviamente todos sabemos o que aconteceu aqui.

Desta vez todos eles ficam em silêncio.

- Ótimo, esperaremos o próximo a morrer enquanto ficamos parados. Se quiserem podem ir para casa que eu ficarei cuidando de Apolo. – Sou ríspido.

Baby e Teseu se olham com receio.

- Eu também irei ficar. – Nevasca se oferece para a minha não tão surpresa.

- Eu posso te acompanhar.

Andriel que estava calado no canto do quarto a todo o momento agora se manifesta. Apenas me levanto-me e seguro as suas mãos.

- Pode ir para casa. – Digo. – Já fez muito por mim nesse tempo, também precisa descansar um pouco. Amanhã nos veremos!

Aproximo-me e lhe dou um beijo.

- Fique bem! – Ele sussurra. – Amanhã eu volto, amor.

Noto que Andriel não fica muito satisfeito, mas mesmo assim aceita o meu pedido. Após longos minutos eles vão deixando o quarto até ficar somente eu e Nevasca, o quarto é próprio para duas visitas dormirem. Escolho a cama mais próxima da janela onde no brilho do luar enxergo ao longe a grande Igreja. Sinto que logo terei que visitá-la, e sei que não posso ficar parado esperando o próximo ataque.

APOLO DE MEL

Sem cartas de amor,
sem beijos e abraços
Sem amor.

“Lovesick Girls.” Blackpink. [\[14\]](#)



Passo a escova em meus longos cabelos ruivos até soltá-lo em frente ao espelho. Por longos segundos fico observando a minha imagem, confesso que me amo, no entanto, sinto que falta algo que não consigo compreender. Eu já ganhei um Oscar, atuei ao lado de Meryl Streep, o que mais uma pessoa poderia querer?

- Apolo.

Ao fundo minha assistente surge com um telefone na mão, Laura sorri como se fosse uma criança ganhando um doce. Pego o seu celular e olho diversas notícias que ela separou dos maiores jornais do mundo que anseiam pelo meu novo filme e já me colocam até mesmo como o favorito do próximo Oscar.

- Isso é fantástico. – Sorrio.

- Eles te amam. – Laura diz. – Por isso beba bastante água antes de entrar em cena e poste um stories para os seus fãs. Vou resolver alguns assuntos da mídia, mas já volto para te acompanhar.

Laura sai do camarim. Pego o celular sem ânimo em cima da bancada. Mas, a maioria dos artistas são assim, mesmo estando em um péssimo dia sua única função é fazer alguém sorrir. Assim, ergo meu celular e ligo a câmera.

- Olá pessoal. – Soo todo alegre. – Estou aqui no set do meu novo filme, e pela minha caracterização podem ver que será fantástico. Em breve volto para contar sobre mais novidades.

Aceno para eles e desligo a câmera.

Retiro uma foto de dentro da minha calça. A pequena menina ruiva, Liza. Minha filha, ninguém sabe que eu a tenho. É o meu bem mais precioso. Sua mãe foi o meu primeiro amor, mas devido a tantos erros nós terminamos e o máximo

que consigo é vê-la a distância. Admito que estou cansado de viver longe dela, mas sei que é para o seu bem. Jamais gostaria de aproximar a escuridão do meu bem mais precioso, mesmo entendendo que um dia ela conhecerá.

- Eu te amo... – Sussurro.

- Apolo. – Eles me chamam.

Me levanto e me olho no espelho pela última vez. A roupa de fazendeiro toda suja e por fim coloco a máscara do temível assassino do acampamento de 85. É interessante me olhar interpretando um assassino, sendo que, na vida real eu sou realmente o monstro que os pais mandam seus filhos ficarem afastados. Por um momento penso que seja fascinante, mas no outro estou eu aqui pensando em desistir de tudo.

Sigo para dentro do estúdio onde eles montaram um cenário perfeito de celeiro, estamos trabalhando com os melhores produtores de Hollywood. Assim, sigo até a minha marca atrás de um pilar de madeira.

- Ação. – O cineasta diz.

A câmera grava uma menina loira adentrando no celeiro sozinha, ela se aproxima exibindo todo o seu medo. Suas mãos tremem, ela sabe que não deveria ter entrado aqui. Seguro o meu machado com força e saio de trás do pilar ficando atrás das suas costas.

- Steven. – Ela grita pelo seu amor que já está morto, mas a personagem ainda não descobriu. Um pouco clichê como todo filme.

Piso forte no chão, a menina se vira e grita em minha direção.

- Apolo. – Outra voz soa ao longe.

Olho para cima no mesmo instante em que a luz do cenário atinge a minha cabeça e eu despenco imerso em uma escuridão.

Caminho sobre uma água, observo em volta e tudo é escuro. Observo mais a frente uma garota agachada segurando um urso, toco em seus cabelos ruivos e ela vira-se para mim, neste instante lágrimas escorrem.

- Liza... – Exclamo. – É você?

- Papai.

A pequena corre e pula em meu colo, eu a abraço com toda a minha força e sinto o seu cheiro. Olho para sua face e me permito chorar.

- Por que me deixou? – Liza diz. – Por que papai?

- Eu não poderia deixar você conviver com isso. – Respondo.

- Mentira, mentira. – Vozes soam ao fundo.

Sua suave mão toca em meu rosto e então ela sorri.

- Liza? – Digo.

O rosto da minha pequena se transforma ficando vermelho e os seus dentes afiados como navalhas. Ela pula em minha garganta e grito quando sinto rasgar, por impulso a jogo para longe e minha filha some na escuridão.

- Liza. – Eu grito.

Perco todos os meus sentidos e dou um passo a frente me segurando em um pilar. O ambiente muda, estou em um teatro. Lá embaixo sou eu mais jovem logo depois de concluir minha apresentação, o público ri e começa a me chamar de todos os adjetivos ruins. Lembro-me perfeitamente do sentimento da humilhação, foi quando ele me encontrou.

- Meu cavalheiro.

Olho para trás e Lúcifer está parado me olhando, sua mão toca o meu peito e eu sou jogado do segundo piso do teatro enquanto todas as pessoas riem de mim até eu entrar na escuridão novamente.

Capítulo XII

**Você colhe o que planta,
isso é o que você plantou.**

“The Night Is Still Young.” Nicki Minaj^[15]

Não consigo dormir, fico observando Apolo em seu sono pesado, sinto que se eu fechar os olhos por alguns segundos algo de muito grave pode acontecer. Assim viro meu rosto para o lado e encaro a janela, lá fora na cidade cai uma grande chuva com pancadas e ventos que balançam as enormes árvores do Hospital.

- Durma um pouco. – Ouço Nevasca me chamar. – Você precisa.

- Eu sei o que eu preciso fazer. – Sou ríspido.

Nevasca fica me observando e então lança um sorriso de canto.

- Toda essa amargura é por causa de Andriel? – Ele me questiona.

- O que? – Fecho as minhas expressões e fico inquieto na cadeira. – Não.

Obviamente também, mas não desejo admitir.

- Pare de me encarar desse jeito.

- Desculpe se sou sincero. – Nevasca desvia o seu olhar por um segundo, sei que ele não faz isso por mal, só se deseja me atingir o que creio que foi o que aconteceu. – Não gostei desse Andriel por diversos motivos, sim e ciúmes também se aplica, mas vai além disso. E eu também sei que achou estranha a atitude dele de surgir de repente em seu ateliê sem avisar.

Observo novamente as gotas, o cavalheiro possui razão. Eu apenas disse que era um grande estilista da cidade, nunca havia lhe dado meu endereço, no entanto, não é muito difícil encontrar sendo uma pessoa notória na sociedade. Mas, mesmo com essa atitude duvidosa eu me sinto bem ao lado de Andriel e tenho que admitir que é devido ao meu momento atual, estava me sentindo meio solitário e ele veio e me complementou, decido aproveitar o momento, pois, sei que as minhas paixões são temporárias.

- Eu não fiz por mal. – Digo a ele. – Sabe que ainda possuo um grande sentimento por você, mas as coisas ultimamente estão enlouquecedoras. Não sei o que estou fazendo, apenas estou sendo guiado por essa mare de escuridão para a....

- Morte. – Nevasca me complementa. – Sim, estamos todos nos sentindo assim e por isso muitas vezes tomamos decisões sem pensar.

Seus olhos azuis me fitam.

- Devo dormir. – Sussurro.

Fecho os meus olhos e finalmente não tenho nenhum pesadelo, somente acordo quando sinto algo tocar em meu ombro. Me viro e encontro Nevasca de pé na minha frente com expressões nada agradáveis.

- O que aconteceu? – Questiono.

- Tem algo no corredor. – Ele sussurra.

- Muitas pessoas trabalham por aqui. – Falo ainda sonolento. – O Hospital não para em nenhum momento, por favor, vá dormir. Estou fazendo o que me pediu.

Meus olhos semicerram e logo despertam quando ouço um grande barulho vindo do corredor ao lado do nosso quarto. Nesse instante levanto-me e olho para Apolo que ainda encontra-se dormindo enquanto baba em seu travesseiro. Se a situação não fosse tensa estaria tirando uma foto e mandando para todos. De Mel sempre foi de nos caçar.

- O que será que é? – Nevasca sussurra para mim.

Outro barulho eclode e se assemelha a um som irritante de metal. Dou alguns passos à frente e coloco a mão na maçaneta, antes que eu possa abrir Nevasca põe sua palma em cima da minha e seus olhos me encaram com tensão.

- Ir atrás do som não é a pior alternativa? – Ele me questiona.

- Certamente. – Respondo. – Mas, prefiro ver o que é do que ficar aqui parado.

Agora eu entendo a sensação das pessoas nos filmes de terror, somos movidos por um sentimento que você necessita ver o que é. Dessa forma, giro a maçaneta e abro a porta. Com pequenos passos nós saímos do quarto no corredor, um silêncio ecoa e as luzes apresentam a meia fase.

- Onde estão as pessoas? – Nevasca novamente questiona.

Andamos mais um pouco à frente e onde fica o posto de enfermagem não tem ninguém e nesse momento descobrimos que há algo de grave acontecendo. Somente nos viramos quando a porta do quarto bate, no entanto, não dá tempo de correr, pois, nesse instante todas as luzes apagam nos deixando na escuridão. Imediatamente a minha mão e de Nevasca se encontram.

- Me diga que é um pesadelo. – Ele sussurra.

- Infelizmente não é. – Engulo em seco e respondo. – Fique perto.

A luz logo a nossa frente acende em sua meia fase e aos poucos uma criatura vai surgindo da escuridão. É uma criança, uma linda menina trajada em um vestido branco com seus cabelos cacheados jogados por cima. Ela carrega um urso rosa consigo. Quando Nevasca dá um passo à frente eu coloco a mão no seu peito e ele recua.

- Essa não é a ala das crianças. – Exclamo. – Qual é o seu nome?

- Você não pode perguntar o meu nome. – Ela diz.

Os olhos escuros da criança me fitam e em uma ação brutal todo o seu corpo curvasse para trás quebrando a sua coluna, não consigo conter um grito e recuo. Novamente as luzes voltam a se apagar, seguro forte na mão de Nevasca enquanto ouvimos o barulho dos pés e mãos da menina por todos os lugares.

- Maldição. – Nevasca grita. – Que demônio é esse?

- Cale-se cavalheiro.

É uma das vozes mais horripilantes que já ouvi em toda a minha vida, e ela vem do teto. Nevasca olha para mim, e nos calamos. Será que chegou a nossa hora? Penso se esse é o meu julgamento por ter procurado informações na igreja e por um breve momento me arrependo. As coisas só pioram quando avistamos a criatura toda deformada caminhando por cima do teto, meu corpo formiga vendo aquele sorriso, seus olhos agora são vermelhos e sua pele escureceu.

- Corra. – Sussurro.

Minha mão e a de Nevasca se desencontram. Nos viramos e corremos pelo Hospital sem saber um destino correto. Quando estamos próximos das escadas eu somente vejo com a minha visão lateral a criatura saltar em cima das costas de Nevasca, então paro e olho para trás. Ela está abaixada na sua frente e aproxima a sua boca do seu braço. Nesse instante Nevasca grita e quando me aproximo dele sou imerso na escuridão. Sinto o ar pesar e o suor escorrer pela minha face. De repente a luz retorna e estamos no meio do corredor, alguns funcionários circulam pelo local e nem mesmo se importam conosco. Observo Nevasca sentado ao lado da parede.

- Nevasca.

Me abaixo e coloco as mãos no seu rosto, seus olhos apresentam o pior dos medos. Passo a mão pelos seus cabelos branco e observo o seu braço onde a criatura estava abaixada, pego com cuidado e vejo um desenho marcado como se fosse uma queimadura. Uma estrela de cinco pontas e em sua volta como se fossem chamas.

- Você está bem? – O questiono.

- Você viu? – Suas mãos tremem quando tocam meu rosto. – Diga.

- Sim, eu vi. – Respondo.

Tento ignorar a cena, no entanto, é impossível. Aquele demônio correndo pelo teto e saltando em Nevasca, sei que ele fez alguma coisa com meu amigo. Mas, tudo se apaga quando o barulho de uma sirene toca e quando olho para o lado vejo que é no quarto de Apolo, no mesmo instante nos levantamos e corremos em sua direção. Vejo um leve vulto e paro imediatamente, no corredor ao lado avisto uma mulher com roupa de enfermeira, está de costas, mas, o que mais me chama atenção são os seus longos cabelos loiros. Por um breve momento penso que seja ela, entretanto, eu posso estar delirando devido a tudo o que está acontecendo, assim sendo, ignoro.

- Vamos Álvaro. – Nevasca me chama.

Quando adentramos eu levo um susto, quatro enfermeiros estão em volta da sua cama, uma está com um aparelho do coração dando pequenos choques nele. O corpo de nosso amigo sai da cama e volta.

- O que está acontecendo? – Questiono apavorado.

Então a maquininha emite um barulho e seus sinais vitais desaparecem. Olho para Apolo de Mel que está com a cabeça deitada e os olhos bem abertos, quando me aproximo e toco em sua pele eu sinto o frio do inverno. Apenas olho para a enfermeira.

- Sinto muito. – Ela sussurra.

Apenas me sento no banco da frente encostando a cabeça em Nevasca enquanto seguro as suas mãos que continuam a tremer. Não sei se sinto a morte de Apolo, agora estou me sentindo completamente vazio como se já fosse algo natural. Apenas olho para a face de De Mel e espero que a sua morte tenha sido rápida.

Quando o dia amanhece nós descemos e nos posicionamos na frente do Hospital. Como o esperado os repórteres surgem com as suas câmeras e gravadores apontando para nós. A notícia da morte do último ganhador do Oscar se espalhou como uma epidemia, e sei perfeitamente que foi divulgado por alguém do hospital mesmo que nós tenhamos pedido silêncio.

Apenas me mantenho firme.

- Álvaro. – Um deles chama pelo meu nome. – Como está se sentindo perdendo mais um amigo em tão pouco tempo?

- Como eu deveria me sentir? – O encaro e respondo. – Estamos todos devastados com mais uma perda, no entanto, é nosso dever permanecermos fortes.
- Olho para a câmera. – Porque nós iremos honrar as vidas dos nossos amigos.

Nem mesmo eu acredito no que estou dizendo.

Do outro lado da rua segurando um guarda-chuva está ele, trajado em seu terno escuro enquanto seus olhos quentes nos observam. Lúcifer. Já fazia ideia que isso tinha sido obra sua, a morte de meu amigo foi a minha responsabilidade, ele desejou me punir. No entanto, não irei parar. Julgou que eu ficaria com medo após as suas ações, mas elas me deixaram vazio, e uma pessoa que está neutra a sentimentos é capaz de fazer tudo!

Capítulo XIII

Me proteja e me salve

Me ilumine e me acompanhe.

“Malamente” Rosalía. [\[16\]](#)

Novamente depois de alguns dias as coisas voltam a se acalmar, como eu já havia sentido parece que houve uma barreira de sentimento em relação a morte de Apolo. Nenhum de nós chorou, apenas ficamos observando o caixão descer e trocando olhares uns com os outros imaginando quem será o próximo. Até agora não fizemos nada de errado, mas tudo é questão de tempo.

Me sento no centro da praça rodeado de árvores, muitas famílias e namorados circulam pelo local. É bom respirar um pouco de ar puro, já que, não consigo mais focar em meu trabalho, apenas estou deixando as coisas irem. Ignorei diversas entrevistas importantes, capas de revistas famosas, pois, sei que perguntas relacionadas aos meus amigos irão ser perguntadas e não desejo respondê-las.

- Uva e flocos, o seu favorito.

Andriel para a minha frente com o sorvete, apenas sorrio e pego enquanto ele se senta ao meu lado. Por um momento reflito afinal nunca conversamos sobre o meu sorvete favorito, no entanto, trato logo de afastar esses pensamentos porque lembro que é algo que Nevasca faria. Desde o velório não nos falamos mais.

- Por que gosta de sorvete no inverno? – Andriel me questiona enquanto coloca as mãos no bolso de sua jaqueta.

- Porque fica ainda melhor. – Exclamo. – Gosto de coisas frias.

Há um casal mais a nossa frente no outro banco. O garoto pega na mão da menina bem delicadamente e coloca um anel em seu dedo, ela sorri muito. Creio que não é um pedido de casamento, mas sim um gesto de amor. Gosto disso, mesmo com todos os meus defeitos creio que ainda exista o amor verdadeiro.

Andriel passa seus braços na minha cintura, ele é aconchegante.

- Bonito, não é? – Ele sorri. – Poderia lhe dar um anel, não de diamantes como está acostumado, algo mais simples. O que acha?

- Você está perguntando isso para mim? – Questiono. – Não acho que seja uma coisa que se pergunte antes de efetuar, e não, não preciso que seja de diamantes. Aliás, o mais importante você não saberia, o meu número.

Seus olhos azuis me fitam.

- 28. – As palavras saem com uma certeza que me causa calafrio. – Viu, eu acertei. Não precisa me temer, apenas consigo observar bem as coisas.

- Diria que até demais. – Sussurro.

Antes que ele possa refletir sobre a minha frase eu me aproximo e lhe beijo. Depois de alguns minutos estamos caminhando pelas ruas floridas enquanto um homem toca saxofone próximo de uma cafeteria. Fazia muito tempo que eu não tinha esses encontros ao ar livre com alguém, no entanto, sinto que algo entre mim e Andriel está diferente só que no momento não consigo compreender. Apenas tento aproveitar o máximo ao seu lado.

- Espere. – Andriel sussurra para mim.

Fico parado no meio da calçada enquanto ele segue até um homem que vende flores, dá o dinheiro ao vendedor e volta até mim. Uma de suas mãos que estava nas costas vem para frente e avisto uma rosa verdadeira. Andriel entrega a mim, e sorrio. Pego e a flor possui um ótimo cheiro.

- Você é um cavalheiro. – Exclamo. – São as minhas preferidas.

- Eu sabia. – Novamente Andriel responde com certeza.

Paro meus passos e encaro os seus olhos azuis.

- Espere. – Falo. – Andriel por acaso você é um stalker? Quase nenhuma das coisas que você fez por mim foram algo que eu lhe disse, apenas adivinhou que eu gostava das coisas. Poderia me revelar o seu segredo?

O homem fecha a sua mão com a minha.

- Claro, meu amor. – Ele diz. – Vou ter que confessar que comprei uma revista antiga na qual você deu uma entrevista com alguns fatos sobre você, isso me ajudou bastante para a minha conquista.

- Sério?

Rio, pois, acho que ele está brincando e depois que vejo que é sério apenas paro e suspiro. Me recordo dessa entrevista, no entanto, faz muito tempo já. Realmente não tenho como pedir privacidade se eu mesmo não faço, somente agora vejo o quanto minha vida está exposta as pessoas e como qualquer um poderia me conhecer, superficialmente.

– Uau, isso é.... – Diria romântico, mas não é a palavra. – Um tanto psicopático.

- O amor às vezes é isso mesmo.

Nós continuamos a caminhar e fico incomodado com a última frase sua, o amor nunca pode ser dessa maneira. Talvez seja isso que esteja acontecendo, finalmente estou notando os erros de Andriel, e se eu me acostumar com eles quer dizer que a nossa relação pode durar, caso contrário logo tudo estará acabado. Creio na segunda opção.

Meu telefone vibra, entrego minha rosa para Andriel e coloco a mão no bolso, quando retiro meu celular e avisto na tela principal escrito Nevasca sinto uma leve pontada de estranhamento. Andriel apenas me encara com expressões nada agradáveis, no entanto, para o cavalheiro estar me ligando algo de grave aconteceu.

Atendo.

- Oi, Nevasca. – Exclamo. – Como você está?

- Álvaro. – Sua voz falha seguida de uma tosse muito estranha. – Estou muito doente, será que você pode vir até o meu apartamento? – Novamente ele tosse e desta vez sinto uma falta de ar. – É a única pessoa que confio no momento.

É impressionante como nós conseguimos conquistar tantas coisas, e ao mesmo tempo ficamos tão sozinhos e presos a companhia um do outro.

- Posso sim. – Digo. – Chego rápido porque estou aqui perto. Aguarde uns quinze minutos que já chego aí, meu amigo.

Desligo o telefone e encaro Andriel.

- Deixa eu adivinhar. – Ele fala. – Você precisa sair para encontrar Nevasca porque é um assunto muito urgente que eu não posso saber o que é.

- Nevasca está doente. – Exclamo com um pouco de recuo diante da intimação feita pelo meu companheiro. – Preciso ir até ele, precisa de mim. Acho que não vai ficar brabo por isso afinal amigos ajudam uns aos outros.

- Tudo bem! – Andriel diz. – Nem mesmo vou pedir para ir junto com você porque sei que Nevasca não gosta muito da minha presença, já fez questão de enfatizar. Mas, será que conseguiremos nos ver amanhã?

- Provavelmente que sim. – Exclamo. – Não vou ficar cuidando de Nevasca o tempo inteiro, apenas estarei lá para lhe dar uma força.

Pego minha rosa e lhe dou um último beijo.

- Mantenha o telefone por perto. – Andriel pisca para mim.

Adentro no carro e peço para Qatar me levar, seguimos pelas ruas de Sodora e em poucos instantes estamos em frente ao edifício de Nevasca. Localizado bem distante dos luxuosos prédios rodeados de pontos turísticos da

cidade, aqui é uma zona mais de lazer rodeada por árvores, inclusive seu prédio é altamente sustentável. Pego o elevador e desembarco no último andar. Digito a senha na porta e adentro.

- Nevasca. - O chamo. – Onde está?

Dobro a esquerda e prossigo até chegar na porta do seu quarto. Com cautela vou me aproximando de sua cama. O homem está deitado coberto por lençóis brancos, me aproximo dele e vejo suas olheiras profundas e seu cabelo ensopado pelo suor.

- Álvaro. – Ele tenta sorrir. – Que bom que veio.

- Meu amigo. – Toco em seu braço frio como o gelo e após em sua testa que é quente como o verão. – O que aconteceu com você?

- Estava me sentindo meio doente faz alguns dias, bem após o enterro de Apolo. No entanto, tudo piorou de ontem para cá. Estou tendo apagões de memória, não me recordo de nada do que faço. Esses dias estava na empresa e me relataram que joguei todas as coisas da mesa e gritei com todos. – Ele pausa e respira. – E não me recordo, eu estou com medo do que está acontecendo Álvaro.

- Já foi à algum médico? – O questiono.

- Sim. – Ele acena para as caixas de medicamentos ao lado da cama. – Mas, não encontraram nada de grave, como se eu estivesse sadio.

Puxo o seu lençol e pego com cuidado em seu braço, viro ele em minha direção. A marca da estrela com as chamas ainda está ali e agora o ferimento está pior, um roxo se espalha em sua volta. Quando toco no local sinto como se a minha mão tocasse na brasa, apenas recuo no mesmo instante.

- Por que está me olhando assim? – Nevasca repara.

- Não se lembra no hospital? – Exclamo. – Você foi atacado por aquela coisa maligna que lhe colocou isso. Obviamente nenhum médico poderia detectar seu real sintoma porque isso é algo demoníaco.

Nevasca se mexe inquieto na sua cama, aflito.

- Infelizmente ninguém poderá fazer alguma coisa por você. Não algum especialista na área da medicina. Somente alguém religioso poderia fazer algo para lhe ajudar, eu conheço alguém. – Digo. – Mas, se entrarmos em contato com ele Lúcifer pode descobrir e pagaremos por isso.

- Se ele me ajudar eu não me importo. – Nevasca realmente está muito mal para estar dizendo isso. – Apenas desejo melhorar. É o padre Omar, não é?

- Ele mesmo, mas só podemos ir mais a noite. Assim, não corremos tantos riscos.

Eu dou um banho em Nevasca, no entanto, não ajuda muito na sua recuperação. Esperamos a noite chegar e saímos do seu apartamento. Peço para Qatar ir para o estacionamento e prosseguimos pelas ruas menos usadas de Sadora fazendo o contorno na cidade.

Olho para meu amigo e cada vez mais ele está pior, em alguns momentos apaga e retorna, bate no banco e preciso segurar as suas mãos.

- Agente firme. – Digo para ele tentando expressar um sorriso.

- Pelo menos isso foi o bom de estar doente. – Nevasca esforça um sorriso.

Finalmente chegamos atrás da igreja. Desço Nevasca e coloco o seu braço no meu ombro sustentando boa parte do seu peso.

- Tem certeza que não precisa da minha ajuda, senhor? – Qatar me questiona.

- Tenho. – Respondo baixo. – Apenas deixe o carro um pouco afastado daqui, quando tudo acabar eu lhe aviso.

Assim, Qatar obedece às minhas ordens. Nós paramos em frente aos portões de trás da igreja. Aqui não há nenhum movimento. Apenas avisto lá dentro uma pequena casa onde o Padre Omar mora, sempre achei um pouco estranho quando me contavam que ele morava atrás do local. Infelizmente tenho que bater palmas, após uns cinco minutos o ser vestindo suas roupas pretas surge no meio da luz, ele observa bem até ver que sou eu, lança expressões incrédulas.

- Padre Omar. – Lhe chamo.

O padre sai de sua residência e prossegue pelo corredor até abrir para nós os portões da igreja, nós adentramos em solo sagrado e neste momento me sinto estranho, mas quem mais sente isso é o meu amigo que lança um pequeno gemido.

- O que está acontecendo, Álvaro? – O padre questiona. – Já é de madrugada, por que estão aqui?

- Precisamos de sua ajuda. – Falo com um pouco de medo.

Os olhos de Omar fixam-se em Nevasca. Quando ele se aproxima do rapaz o meu amigo recua, mas eu o seguro. As mãos do padre vão diretamente na marca localizada no braço de Nevasca. Sem esconder ele lança expressões assustadoras.

- Precisamos entrar na igreja, imediatamente. Me aguardem.

Esperamos alguns minutos e de repente o Padre sai da sua residência carregando uma pequena maleta preta. Seguimos os seus passos apressados pelo corredor da igreja. Ele abre a porta de trás para nós e novamente Nevasca tem receio em entrar, mas eu o empurro para dentro e assim Omar fecha a porta acendendo as luzes.

- O que houve com ele? – Questiono preocupado.

- Apenas me sigam. – Ele ignora a minha pergunta.

Caminhamos por corredores desconhecidos da igreja, adentramos em uma pequena cozinha aconchegante onde no fundo o Padre abre a porta. Descemos as escadas de um porão antigo. Aqui há várias prateleiras com livros empoeirados, mas também com diversos objetos religiosos. Confesso que a minha respiração falha, ao meu lado Nevasca se contorce a todo o instante.

- Coloque-o na cadeira.

Empurro delicadamente o braço de meu amigo dos meus ombros. Coloco com cuidado ele sentado em uma cadeira bem ao fundo do porão em frente a uma cruz de madeira. De repente o Padre Omar passa por mim vestindo seus trajes formais e amarra os punhos e braços de meu amigo na cadeira.

- Padre. – Me assusto com o ato. – O que está fazendo?

- Álvaro. – Nevasca toma consciência de onde está e me olha. – O que?

Omar se distancia e abre a sua maleta que contém uma bíblia, diversos crucifixos, e alguns objetos contendo um líquido. Assim, ele enfim para e me olha.

- Seu amigo foi marcado por um poderoso demônio. – O Padre exclama. – Essa marca que ele recebeu abre um portal para que esse demônio se aposse do corpo do seu amigo e o destrua por inteiro até o levar à morte, uma morte dolorosa.

Olho para Nevasca que apresenta o pior dos medos.

- Por isso preciso exorcizar esse demônio. – Omar exclama. – Filho, peço pela alma do seu amigo que nos deixe sozinhos no porão, fique lá em cima durante o processo porque ele vai atingir as almas mais fracas que estiverem aqui. Vá!

Minhas mãos tremem e meu corpo também, observo Nevasca que suplica pela minha ficada, no entanto, eu confio plenamente nas palavras do Padre. Apenas aceno para ele e saio correndo pelo corredor, subo as escadas e fecho a porta.

Me sento em uma cadeira de madeira no fundo da cozinha e coloco as mãos na cabeça. Ouço alguns barulhos lá embaixo, o Padre fala em Latim e outras línguas desconhecidas. Em instantes barulho de objetos sendo arremessados, me sinto inteiramente angustiando. As luzes na igreja então começam a falhar.

- Álvaro.

É a voz de Nevasca vindo lá de baixo e nesse instante me levanto da cadeira e me aproximo da porta, porém, em seguida ouço os gemidos que não são de meu amigo.

- Eu sei que está aí. – Seu tom de voz fica irreconhecível.

Recuo e me sento na cadeira novamente. O tempo não passa, sinto como se fosse uma eternidade. Me sirvo um copo de água e volto a me sentar. Não sei quantos minutos passam ou se são horas, mas sei que finalmente ouço o barulho nas escadas. O Padre Omar surge a minha frente, suas expressões mudaram drasticamente. Ele está completamente exausto. Apenas se senta na cadeira do outro lado da mesa e coloca a sua bíblia em cima do local.

- Como ele está? – O questiono.

- Nevasca vai ficar bem. – Ele responde confiante. – Consegui saber o nome do demônio e o expulsei. Um dos casos mais raros que já presenciei em todos os anos que atuei. Esse demônio não é comum de atacar humanos tão diretamente, isso só revela que o véu do nosso mundo com o deles está cada vez mais fino. Tenho certeza que isso está relacionado a Lúcifer, somente ele teria o poder de deixar esse demônio ultrapassar a barreira e para ele ter toda essa força significa que alguém está contribuindo para isso.

Seus olhos me fitam e sinto a pior das angustias.

- Eu não deveria, mas vou lhe contar. – Digo. – Nós vendemos a alma para Lúcifer. Em troca ele nos abençoou com a fama, dinheiro, beleza, sensualidade. Só que ultimamente o senhor das trevas se virou contra nós.

- Eu já sentia isso. – Ele diz. - Desejo saber toda a história desde o começo.

Nunca pensei que diria isso, no entanto, sinto como se um grande peso fosse retirado das minhas costas ao contar a verdade para o Padre. Começo relatando desde o início quando Lúcifer surgiu em nossas vidas com a proposta, todos os assassinatos que cometemos, nossos erros que foram resultados dos últimos acontecimentos. Durante todo esse tempo Omar se mantém sereno apenas a observar e refletir.

Descemos as escadas e observo o meu amigo deitado em uma cama, não parece aquele ser irreconhecível de antes, agora suas expressões estão mais leves.

- Seu amigo precisa ficar comigo durante alguns dias. – O Padre exclama. – Somente para ter o controle da situação e possuímos a certeza que realmente o demônio o deixou, além disso, o ambiente vai deixá-lo mais confortável, já que lá fora pelo que você disse estão correndo perigo.

- Tudo bem. – Respondo e olho firme para o Padre. – Somente quero que tudo acabe, não desejo mais me sentir refém de Lúcifer pela eternidade. Não quero que mais pessoas sofram por nossa causa, não quero mais vê-lo ficar forte. Precisa acabar!

- Eu irei ajudá-lo. – Omar exclama. – É o meu dever sagrado proteger esse mundo do mal e quando uma ameaça desse tamanho surge é hora de agir. – Ele me encara. – Chegou a hora de solicitar a ajuda da Ordem do Vaticano.

**Não há como voltar agora
Amor, tente entender.**

“Give Your Heart a Break” Demi Lovato. [\[17\]](#)



Acordo um pouco zonzo e sigo até a cozinha da igreja, confesso que o lugar ainda me traz arrepios e angústia. Ainda sou um cavalheiro de Lúcifer e o padre já sabe disso. O encarar do outro lado e ele desliza uma xícara com chá pela mesa, pego o recipiente, tomo um gole e exibo um sorriso.

- Está muito bom. – Exclamo.

- Eu tenho minhas receitas. – O padre Omar é simpático.

Viro o meu braço com cuidado e vejo que não há mais marca de estrela, me sinto aliviado por isso.

- Fique tranquilo. – Omar exclama. – Você está livre. Ainda bem que Álvaro o trouxe para cá antes que algo pior acontecesse.

Seguro a ponta da xícara e sorrio.

- Ele é um homem especial. – Digo. – Pode ter todos os defeitos do mundo, mas ainda enxergo algo bom dentro dele. Talvez seja por isso que eu o...

- Ame? – O padre compreende. – Sim, eu também vejo isso em Álvaro e confesso que sinto que ele sente o mesmo por você.

Tomo um gole da bebida e sorrio por dentro, também sinto isso vindo de Val, no entanto, ele é um indivíduo muito confuso. Não consegue permanecer com uma pessoa por muito tempo e pode acabar se envolvendo com péssimos garotos como aquele que está com ele, Andriel. Sinto algo perverso no seu olhar, não olha para Álvaro como eu olhava com paixão ardente, há algo obscuro e ruim naquele seu olhar. Mas, sei que não importa o que eu diga no final preciso de provas e talvez eu as encontre.

- Não é estranho para você? – Pergunto.

- Relações homoafetivas? – Omar diz e eu aceno que sim. – Não cabe a mim julgar ninguém, meu filho. Mas, sei que há amor em vocês e isso é o que Deus mais preza. Aqueles que os apedrejaram por muito tempo são os verdadeiros inimigos, os que espalham o mal pelo mundo.

Expresso um leve sorriso, já que, é difícil encontrar pessoas igual a ele principalmente um pilar da igreja. Geralmente fomos sempre sacrificados e julgados por esses lugares, creio que foi por causa disso que esperei nunca pisar em um deles, no entanto, cá estou eu.

- Por que você decidiu selar o pacto? – Omar tem um questionamento intrigante. – Cada um possui uma justificativa, qual é a sua?

Olho distante por alguns segundos e finalmente respondo:

- No começo eu sofri muito pela minha aparência. Ser uma pessoa albina pode ser difícil, somos altamente suscetíveis aos danos causados pelo sol. Esse foi um dos motivos que a minha mãe me trancou dentro de casa não me deixando sair para brincar. Via da janela todas aquelas crianças se sujando e eu apenas na companhia de um computador...

Ainda sinto ao falar e tomo mais um gole do chá.

- Mas, com o tempo me tornei alguém extremamente inteligente. Tinha ambições de sair e conquistar o mundo, porém, minha mãe sempre me prendia até que um dia ela partiu. Confesso que me senti aliviado por vê-la ir. Foi o momento em que me libertei para o mundo. Comecei um grande emprego em uma empresa de tecnologia, no entanto, eu sofria preconceito por causa da minha aparência mesmo sendo o melhor da área. As piadas, as faltas de oportunidade, a minha ambição. Até que Lúcifer apareceu para mim e eu julguei que não teria outra escolha...

- Se arrepende? – Omar pergunta.

- Às vezes sim e outras não. – Sou sincero. – Eu tive tudo o que mais sonhei, uma das maiores empresas de tecnologia do mundo, fiz a diferença na vida de milhões de pessoas. Não serei esquecido, o meu maior medo era esse quando estava preso dentro daquele quarto. Ser esquecido, mas agora meu nome eternizou como Nevasca. Pelo menos por muitos anos falarão de mim.

O padre bebe seu chá e tenta compreender, mesmo sendo muito difícil. Não espero a sua compreensão afinal sei dos meus erros.

- Você pretende continuar no pacto? – Omar diz.

- Depois de tudo creio que não. – Digo. – Álvaro está abrindo nossos olhos para a grande verdade e eu quero seguir com ele. Quem sabe podemos ter um

futuro melhor juntos longe de tudo isso.

- Eu rezo para que vocês encontrem a paz. – Omar sorri e eu me sinto bem.

Seguimos pela igreja e confesso que é um belo lugar. A construção em cima do sangue de inocentes, talvez não sejamos tão diferentes assim. Paro em um banco enquanto o Padre segue para o palco em madeira onde uma enorme cruz está. Mas, logo outro homem senta ao meu lado. Quando seus olhos azuis me seguem eu digo:

- Andriel?

- É bom revê-lo, Nevasca. – O homem exhibe seu sorriso obscuro.

- O que faz aqui? – O questiono. – Procurando Álvaro?

Ele retira sua mão do bolso do grande casaco apontando uma arma em minha direção.

- Não, estava procurando por você.

Capítulo XIV

Eu fiquei tipo:

Por que você está tão obcecado por mim?

“Obsessed” Mariah Carey. [\[18\]](#)

A insônia tem sido minha companheira nesses últimos dias, e novamente os pesadelos retornaram e sempre neles encontrava-se com alguém que eu perdi recentemente, era como se estivessem tentando me falar alguma coisa, no entanto, nunca conseguiam porque acordava antes. Dias inteiros regados a um bom café, sempre visitei Nevasca assim que possível e posso dizer que está melhorando, por enquanto Lúcifer e nem mesmo os outros entraram em contato o que confio que estejamos agindo certo. Mas, as mentiras com o tempo sempre se tornam nítidas.

Sirvo minha xicara de café e caminho pelo apartamento de Nevasca, lá fora a noite já toma conta da cidade. Pouso a xícara em cima da mesa, me sento na cadeira em frente a bancada e acesso o seu notebook. Leio alguns e-mails de seus assessores e sócios. Por enquanto eles estão satisfeitos com a desculpa que Nevasca teve que realizar uma viagem inusitada e que só retorna dentro de alguns dias, no momento, quem assume a empresa é a sua sócia Ágata na qual o homem possui total confiança.

A campainha toca, observo no relógio e já passou da meia-noite. Por um instante sinto um leve calafrio. Percorro pela sala e prossigo até a porta, observo no olho o homem do outro lado e então meu medo cessa. Abro a porta e encontro o grande homem parado no corredor, a mesma barba ruiva e os cabelos pretos, trajado em suas roupas nada discretas que variam do gótico ao militar.

- Nikolai. – Exclamo. – Quanto tempo.

Ele sorri para mim. Quando eu e Nevasca ficávamos eu conheci Nikolai em uma reunião, ele é responsável por fazer alguns trabalhos que não podem ser considerados dentro da lei. Creio que nem mesmo ele se chame por esse nome.

- É um prazer revê-lo, Álvaro. – Ele diz e seus olhos seguem para dentro. – Por acaso Nevasca está em casa? Preciso entregar uma encomenda a ele.

Observo o saco preto em sua mão contendo alguns papeis. Dessa forma, meu raciocínio age rapidamente. Me escoro na borda da porta e sorrio para ele.

- No momento Nevasca não está em condições de acordar, a noite foi um tanto agitada. – Olho firme em seus olhos. – E não aconselharia acordá-lo agora, creio que já presenciou quando está de mal humor, melhor não atizar a fera.

Seus olhos vão para o elevador e após para mim, fica um pouco tenso.

- Vocês voltaram? – Nikolai me questiona.

- Sim. – Exclamo. – Mas, por favor não conte para ninguém. Faz pouco tempo, não queremos que mais ninguém saiba. Pode fazer isso por nós?

- Claro.

O homem lança um meio sorriso e após alguns segundos de pausa se aproxima.

- É a minha última noite na cidade, estou partindo ainda hoje para Moscow e preciso deixar esta encomenda para Nevasca. Poderia me fazer esse favor? Creio que ele não irá se importar, afinal tudo o que importa está aí, certamente ficará surpreso com a verdadeira identidade desse homem.

Por um momento reflito, mas não deixo transparecer insegurança. Apenas retribuo um sorriso para ele e pego o saco preto em minhas mãos.

- Uma troca de favores. – Exclamo.

- Muito obrigado, Val. – Nikolai acena para mim. – Espero que vocês continuem juntos, formam um belo casal. Avise Nevasca que quando precisar é só me mandar uma mensagem, é uma honra fazer negócios com ele.

- Pode deixar que aviso sim. – Respondo.

Claro que é uma honra, Nevasca costuma recompensar bem as pessoas pelo seu trabalho. Depois que deixa os papeis comigo o homem pega o elevador e desce. Apenas tranco a porta e caminho com os papeis em minhas mãos, é algo extremamente importante que tem dentro e por um momento penso se Nevasca irá ficar furioso se souber que eu abri antes dele, no entanto, ele não está aqui. Dessa forma decido abrir. Sento-me na cadeira e pego um estilete da gaveta, rasgo o saco e alinho todos os papeis na mesa.

- O que? – As palavras saem naturalmente.

Na primeira folha há a imagem de Andriel, no entanto, sua aparência está diferente. Os cabelos loiros substituídos pelo preto como se fossem carvão, além disso suas roupas de fazendeiro estão trocadas por uma vestimenta de motoqueiro. Nem mesmo parece ele, noto também que a foto foi tirada há cinco anos. E isso não é o mais estranho, embaixo está escrito o nome, Igor Botelho, de origem Espanhola.

- O que é isso? – Falo incrédulo comigo mesmo.

Viro a folha e encontro dados da polícia. Igor que eu achava que era Andriel possui uma vasta série de denúncias. Acusado de perseguição a três de

seus namorados, e suspeita de morte de seus dois últimos relacionamentos. Atualmente considerado como foragido pela polícia espanhola. Em sua ficha há indícios de psicopatia. Nesse momento apenas fecho os papeis e corro até a sacada esperando o vento bater em minha face, pois, me sinto sufocado. Estava sentindo Andriel estranho, sua maneira de tentar me agradar e controlar tudo o que faço, mas nunca iria imaginar isso, um louco. Parece até irônico eu o estar o julgando devido ao meu extenso currículo de mortes, no entanto, não almejo trazer mais uma desgraça para a minha vida. No final de tudo Nevasca estava certo por desconfiar de Andriel, agora Igor Botelho.

Deito-me na cama sentindo fortes dores na cabeça. Recebo uma mensagem estranha de Teseu Pátria onde diz:

“Olá Álvaro. Sei que vai soar estranho, mas preciso muito conversar com você. Amanhã às 10:00 horas se estiver livre, na praça, no local onde pedi para você ser o meu padrinho. Aguardo!”

Sinto uma estranheza, mas algo me move a responder com um:

“Okay, até amanhã.”

- Droga!

O celular vibra mais uma vez e é uma mensagem de Andriel.

“Pensei que poderíamos nos ver amanhã, tomar um café juntos.”

Sinto repulsa a saber de toda a verdade e apenas digito.

“Infelizmente não poderei, tenho uma reunião marcada às 10:00 horas, conversaremos outra hora. Estou indo dormir.”

Nem mesmo lhe dou boa noite e ele me responde com um emoji triste. Tomo diversos remédios e deito a minha cabeça no travesseiro, mergulho em uma noite de intensos pesadelos.

Caminho pelas ruas da praça de Sodora com meu copo de café na mão. Finalmente a neve veio nos presentear. Todo o local aos poucos vai sendo coberto por ela. Avisto Teseu logo à frente sentado em um banco próximo à estação da polícia. É uma sensação estranha quando me aproximo dele e sento-me ao seu lado. Mais à frente avisto as crianças patinando no lago agora congelado.

- Bom dia! – Exclamo. – Aceita um copo de café?

- Não. – Teseu responde. – Estou satisfeito, já tomei café na Molls & Bars.

Tomo um gole da minha bebida e uma leve memória percorre pela minha mente. Nós íamos muito na Molls & Bars durante as nossas férias, um dos melhores lugares da cidade para começar o seu dia bem. Confesso que sinto

saudades desses pequenos momentos, ao pensar sobre isso parece que foi há uma década.

- Então. – O encaro. – Me chamou para conversar? Espero que não seja mais nenhuma notícia ruim relacionada a Lúcifer. Estou farto disso tudo.

- Não. – Teseu é rápido na resposta. – Apenas precisava conversar com você sobre tudo o que aconteceu recentemente. – Ele finalmente consegue me olhar nos olhos depois de tanto tempo. – Lembra-se deste lugar?

A praça não mudou nada desde que nos mudamos para cá.

- Sim. – Respondo. – Neste banco que aceitei ser o seu padrinho de casamento.

Teseu coloca as mãos no bolso da jaqueta e sorri para mim.

- Que bom que lembra. – Ele diz. – Quando as coisas ainda eram boas entre nós...

Um silêncio é criado até que Teseu prossiga.

- Sinto muito que as coisas tenham acontecido dessa forma. Sabe do fundo do meu coração que nunca teria a intenção de machucar Morgana, era uma boa garota. Não sei realmente o que aconteceu naquela noite para me levar aquele estado. Posso dar mil justificativas para você, mas nenhuma chegará a passar todo o meu sentimento de culpa.

Pouso meu café ao lado do banco e sinto o ar gelado bater em minha face, as palavras de Pátria soam honestas para mim, e eu mais do que ninguém sei quando está falando a verdade. Isso está vindo do seu coração.

- Quando tudo aconteceu estávamos imersos em raiva. – Exclamo. – Nem mesmo tivemos tempo para raciocinar sobre o assunto sem que fôssemos pegos de surpresa por mais um acontecimento que nos levava a ruína. Mas, nesses últimos dias eu parei para pensar. Talvez você realmente não tenha culpa Teseu.

Seus olhos me fitam com surpresa.

- É somente refletir sobre tudo o que aconteceu. – Digo. – Todas as coisas que rondaram a nossa sociedade fortaleceram para que nos destruísse. Cada ação abalou nossas estruturas e nos taparam para enxergar a realidade. Enquanto isso Lúcifer estava rindo de nós apreciando o nosso caos. Eu creio fielmente que ele foi o responsável por tudo, pois, de um jeito ou de outro ceifou as almas de nossos amigos.

Teseu cruza seus braços e seus olhos seguem para o lago por longos segundos, depois se voltam para mim.

- Também comecei a pensar sobre o caso. – Pátria me conta. – As coisas que aconteceram não foram nenhum pouco naturais. Mas, essa pode ser a verdade. Lúcifer aquele que nos deu tudo está nos fazendo pagar pelas nossas dívidas. Infelizmente não podemos fugir. – Ele suspira. – Mas, agora preciso que seja sincero comigo.

Seus olhos não apresentam maldade.

- Foi você quem mandou matar Michele?

- Não. – Sou rápido e firme na resposta. – Na mesma madrugada do acidente de sua esposa Lúcifer veio até mim para conversar. Sua fala estava me influenciando a me vingar de você pelo que fez com Morgana. Cheguei até mesmo a ligar para assassinarem ela, mas no mesmo momento cancelei o ataque, pois, apesar de tudo Michele não merecia pagar pelos seus erros. No outro dia recebi a notícia que ela havia morrido, confesso que no primeiro momento gostei de vê-lo sofrer, mas depois tudo se tornou nítido. Era um jogo doentio provocado por Lúcifer para nos destruir.

Ele passa suas luvas pelo seu cabelo e balança a cabeça.

- Eu acredito em você, meu amigo. – É bom ouvir a palavra novamente. – Finalmente acordamos para a realidade, mas agora o que iremos fazer? Não temos como batalhar contra o Rei do Inferno.

- Na verdade, temos sim. Há uma...

- Álvaro.

Olho para trás e levo um susto. Parado no local está Andriel trajado em um grande casaco escuro, ele carrega consigo rosas em suas mãos.

- Andriel. – Exclamo. – O que você está fazendo aqui?

- Eu que pergunto, o que você está fazendo aqui? – Ele avança. – Me disse que estava em uma reunião. Passei para comprar suas flores favoritas e julguei que poderíamos nos encontrar depois para que eu pudesse entregá-las a você.

Teseu me olha com expressões estranhas, mas nada questiona, pois, os olhos azuis de Andriel estão vidrados nele. Apenas me levanto e me aproximo de Andriel. Ao olhar para a sua face a imagem dele na ficha policial retorna em minha mente.

- Andriel. – Olho firme para ele. – Minha empresa fica do outro lado da cidade. A entrada que vem de onde você mora também está localizada naquela região. Acredito que também já tenha visto uma floricultura logo na entrada

próximo ao meu ateliê. Você não veio aqui para comprar flores, estava me seguindo!

As expressões de Andriel mudam drasticamente e isso me faz recuar. No entanto, depois percebo e volto a me manter intacto sem medo de encará-lo.

- Sim, eu estava. – Ele vê que não pode mais mentir. – Mas, só queria saber se você estava bem. O amor é isso, se preocupar com o outro. Não acha?

- Como quando me perseguiu em meu apartamento? – O questiono. – Eu sei que você estava lá me observando do lado de fora e se não fosse o assaltante jamais iria me contar que se encontrava na cidade, ao lado do meu ateliê.

Suas luvas apertam as rosas e ele olha para mim com expressões de choro.

- Eu te protegi. – Ele fala. – Eu sempre quis te proteger.

- Isso não é proteção.

Dessa vez sou eu quem me irrita, levanto a voz e coloco as mãos na cabeça. Já sem paciência me aproximo bem dele.

- Está tudo acabado entre nós. – Exclamo.

- O que? – Seus olhos estancam e ele aumenta a voz. – Não pode acabar comigo, nós fomos feitos um para outro. Eu te amo!

Começo a ficar nervoso e minhas mãos tremem.

- Desapareça da minha vida. – Digo. – Igor Botelho.

As expressões de choro desaparecem de sua face, ele abaixa a cabeça e quando volta a me olhar seus olhos se tornam escuros como a noite. Apenas me afasto dele e me aproximo de Teseu que se levanta do banco. Andriel então olha para mim com raiva, quebra as rosas e as joga no chão, por último vira de costas e prossegue.

- O que está acontecendo, Álvaro? – Teseu me questiona.

- Esse maluco que estava comigo. – Conto. – Usa uma identidade falsa, está sendo perseguido pela polícia da Espanha por assassinato e perseguição aos seus antigos namorados. – Pátria arqueia as sobrancelhas. – É, as coisas não poderiam piorar.

Ouçoo um barulho de gatilho e sinto os meus pés perderem o chão, viro-me para o lado e lá está ele. Igor, parado com uma arma apontado para mim e Teseu. Seus olhos banhados em lágrimas, ele é pior do que eu imaginei.

- Que droga é essa! – Teseu exclama.

- Calado! – Andriel grita e foca em mim. – Como tem coragem de me abandonar depois de tudo o que eu fiz por você? Assassinei aquele homem que invadiu o seu santuário e acabei com a possível barreira entre nós.

Dou um passo à frente e Pátria segura a minha mão.

- O que está dizendo? – Tenho receio em perguntar. - Que possível barreira?

Ele chora e ri ao mesmo tempo.

- Ele estava tentando me afastar de você. – Andriel diz. – Colocava coisas na sua cabeça sobre eu ser uma pessoa ruim. Ele era apaixonado por você ainda, e se eu não agisse poderiam se aproximar de novo e eu não posso perdê-lo porque eu te amo. Por isso naquela noite o segui, estava tão preocupado com a doença dele que o levou a igreja. No entanto, acabei com o seu sofrimento há pouco.

Sinto uma leve tontura e Teseu me segura para não cair.

- Diga que não matou Nevasca. – Grito com ele.

- Ele poderia separar nós. - Andriel grita comigo e nesse momento vejo as lágrimas escorrerem pela minha face. – Pensei que se acabasse com ele estaríamos livres, mas aí você surge com esse homem ao seu lado e mente para mim. Ele é rico, eu sei, e pode ser que nos separe também. Você é meu Álvaro, não posso deixar acontecer.

Somente ouço quando o gatilho é disparado. Olho para o lado e as mãos de Teseu vão em direção ao seu peito. O grito vem do fundo da minha alma enquanto tento segurar Pátria em meus braços. Passo a minha mão pela sua face e a outra eu seguro a sua cabeça, aos poucos seus olhos se tornam distantes.

- Fique comigo Teseu. – Clamo para ele. – Por favor!

- Se não pode ser meu não será de mais ninguém. – O assassino fala.

Olho para o lado e avisto a polícia chegando logo atrás do homem, eles o acertam com um tiro, no entanto, antes que possa morrer Andriel dispara contra mim. Apenas sinto a bala acertar o meu peito e no mesmo instante tombo. As árvores no topo balançam enquanto a neve cai por cima do meu corpo, meus olhos começam a fechar e agora não sinto mais vontade de viver. Acolho a morte!

Capítulo XV

Então eu os manipulo como um violino

E eu faço parecer tão fácil

Porque para cada mentira que conto a eles,

eles me contam três.

“I Did Something Bad.” Taylor Swift. [\[19\]](#)

Fico sentado observando a minha frente todos os jornais que fazem um papel de parede, cada um deles com um título interessante. “Michele Tanaka morre em acidente fatal.”, “Corpo da grande modelo Morgana Poy é encontrado.”, “Carro do empresário Ross tomba ao fugir de paparazzi.”, “Apolo de Mel ganhador do último Oscar morre em consequência à acidente em estúdio de gravação.”, “Teseu Pátria é assassinado na praça de Sodora.”, “Bandido invade a igreja e assassina empresário Nevasca.”

Por pouco não estou estampado em um daqueles jornais anunciando a minha morte. Pela força de algo maior consegui sobreviver ao ataque de Igor Botelha, foram dias presos no hospital e quando sai de lá tive que lidar com toda a mídia que estava em peso em cima de mim. A partir daquele dia apenas me mantive trancado nesse quarto afastado do mundo externo sem nenhuma conexão, somente com aquilo que desejava. Nunca me senti tão sozinho, abandonado, e quando uma pessoa se sente assim nada mais faz algum sentido, cheguei até mesmo a pensar em...Anulo tal pensamento, pois, sei que tenho um dever a cumprir antes da minha morte.

Visto a melhor peça da minha última coleção. As calças pretas, assim como a camisa. Um casaco vermelho estampado em rosas, e por fim coloco meu mocassim vermelho. Passo levemente a mão pelo meu cabelo e alinho os fios, olho para o meu reflexo e nunca me senti tão ansioso por um objetivo. Olho no topo do vidro todas as imagens dos meus amigos que partiram, passo meus dedos nelas.

- Eu irei vingá-los. – Exclamo.

Desço de elevador até o estacionamento e adentro em meu veículo. Qatar acende a luz e me observa pelo retrovisor.

- Hoje é o dia, senhor. – Qatar exclama. – Deseja que passamos em algum local específico para encontrar uma encomenda?

- Não será necessário. – Sorrio para ele. – Apenas siga para a mansão.

O motorista fica me observando por alguns segundos.

- Como desejar senhor, Val.

Ele apaga a luz e nós seguimos pelas ruas de Sodora. Logo, quando saímos do prédio vejo alguns paparazzi à minha espera, só que não se dão conta que eu troquei de veículo. Quando você vive rodeado por pessoas sanguessugas precisa ser mais esperto do que elas, caso contrário acabará morto ou sem dinheiro.

Em Sodora tudo lembra meus amigos, passamos por diversos lugares que me atingem com lembranças. Então apenas desvio a minha visão da janela, mas logo estamos fora da cidade percorrendo pelas ruas da floresta. Aos poucos a velocidade do veículo vai diminuindo e noto que chegamos.

- Quer que eu o espere? – Qatar me questiona.

- Não será necessário. – Respondo. – Eu mando mensagem quando tudo estiver acabado. Tenha uma ótima noite.

- Desculpe perguntar. – Ele fica meio inquieto. – Mas, o que vai fazer?

Olho pelo retrovisor e passo confiança pelo meu olhar embora nesse momento tudo esteja em desequilíbrio na minha mente. O que estou prestes a fazer é a coisa mais arriscada que alguém já fez, é como planejar a própria morte sem intenção.

- Confie em mim, Qatar. – Sorrio para ele. – Não há nada a temer. Até breve!

Bato a porta do veículo e espero o motorista desaparecer nas ruas da floresta. Me viro e encaro a Mansão Adão que agora encontra-se coberta pela neve. Me aproximo da porta e coloco minha mão, logo quando lê a minha digital destranca e adentro. Fecho com cuidado e prossigo pela residência, como o esperado se encontra silenciosa afinal agora só restam eu e Baby da nossa grande sociedade. Noto que ele está aqui devido as taças retiradas da prateleira.

Dentre tantas opções eu escolho o vinho francês, Romanee-Conti 1945, apropriado para uma ocasião especial. Coloco ele em cima da pequena bancada ao lado de uma taça e acendo a lareira que explode em chamas. Me sento na poltrona e me sirvo uma taça de vinho enquanto aprecio ver as brasas queimarem.

- Um brinde a mim. – Sussurro ao vento.

As horas passam e aos poucos o dia vai amanhecendo lá fora. Então ele surge no topo da escada trajado em seu roupão de cetim preto. Por um momento para e eu vejo que ele reflete em seu próximo passo. Dessa forma, desce as escadas

e prossegue para onde eu estou. Seus olhos percorrem para todos os lados e enfim para em mim.

- Álvaro. – Baby exclama. – Você por aqui.

- Sim. – Finjo expressões contentes. – Nós ainda temos um trato, podemos ser só eu e você agora, mas acredito que ainda somos uma sociedade. Quando se tem um pacto com Lúcifer é impossível fugir, não é o que dizia, ou pensava?

Ele coloca os braços para trás demonstrando estar tenso, o conheço.

- Está mais que certo. – Novamente os seus olhos investigam. – Mas, passei pelos quartos e nenhum deles está ocupado. Onde está sua vítima?

Bebo mais um pouco do vinho, e espero longos segundos para respondê-lo o que o deixa ainda mais tenso. Apenas pouso a taça em cima da mesa e levanto-me.

- Não há vítima. – Exclamo com potência.

- Como assim não há vítima? – Baby repete.

- É exatamente isso o que você ouviu. – Enfatizo. – Pela primeira vez não assassinei nenhum inocente pelo nome do grande Lúcifer.

Kil passa a mão em seu queixo e me encara com raiva.

- Está louco? Sabe que todos os outros morreram porque desobedeceram a uma de suas ordens. Agora vai ter o mesmo destino e quem sabe eu também pague.

Ele dá um passo à frente e ri.

- Mas, vejo em seus olhos que você almeja isso. No final o mais louco nunca fui eu, sempre foi você.

Caminho pela sala e vejo a escuridão da floresta sendo iluminada pelas frestas do sol que já invade o local. Paro um pouco distante de Baby bem em frente a um quadro onde tem a foto de todos os cavalheiros de Lúcifer.

- Faço isso pelos meus amigos. – Exclamo. – Não importa as consequências.

- Esse foi sempre o seu erro. – Baby fala. – Querendo proteger a todos do mal do mundo enquanto ninguém fazia o mesmo por você. Pensa que vale a pena, Val?

- Sim, vale. – Respondo sem hesitar.

As luzes dentro da residência começam a atingir a primeira fase e nesse momento sorrio para Baby voltando a pegar a minha taça.

- Acho que temos companhia. – Sussurro.

Quando as luzes se apagam as chamas da lareira explodem para frente quase atingindo Baby que esquiva para o lado, como ondas do mar elas se movimentam até o fundo da sala quando descem do teto atingindo o solo e se dissipando. No meio da nuvem negra surge ele com os seus olhos rodeados pelas chamas.

- Lúcifer. – Exclamo. – É um prazer revê-lo.

O ser me encara e lança um sorriso de ódio puro. Ele caminha pela sala.

- Olá cavalheiros. – Educado como sempre. – Não nos encontramos já faz algum tempo e creio que já sabem o porquê me desloquei até aqui. – Seus olhos fixam-se no meu e eu não sedo ao medo. – Onde está a sua vítima, Álvaro Val?

Tomo um gole da taça e me aproximo das cortinas da janela.

- Não estava com vontade de matar alguém hoje. – Explico. – Sabe, as coisas têm sido um pouco frustrantes ultimamente. Creio que seja isso.

Lúcifer lança um riso sombrio que se espalha pela mansão.

- Não estava com vontade? – Ele fala e volta a ficar sério. – Por acaso isso é uma brincadeira para você, cavalheiro? O que pensa que está fazendo?

- Álvaro. – Baby sussurra amedrontado.

Seguro firme a taça e ao olhar para o homem todas as memórias atingem minha mente e neste momento perco o controle e atiro a taça na parede que se estilhaça.

- O que penso que estou fazendo? – Exclamo. – Você acabou conosco, com toda a nossa sociedade. No primeiro momento julguei que fosse apenas o acaso todos os acontecimentos, mas depois enxerguei a realidade. Todas as ações estavam sendo influenciadas para nos abalar e você ceifar todas as nossas almas. Também não cumpriu parte do seu acordo, as coisas deveriam acontecer naturalmente. Mas, é claro quem manda confiar no Diabo.

Ele não gosta de ser chamado por esse nome e noto que o deixa irritado, apenas cerra o punho e caminha em minha direção.

- Diga que estou mentindo. – Olho firme para Lúcifer. – Diga que isso não passa apenas de uma alucinação da minha cabeça e tudo o que aconteceu não foi influenciado. Estou esperando.

- Não está errado. – Ele diz. – E nem certo. Mas, nada disso importa porque nós temos um trato e você descumpriu. Agora vai ter que pagar o preço final.

Lúcifer vem como um animal para cima de mim, e quando sua mão toca na minha sai um vapor da sua pele como se estivesse tocando no próprio fogo. Seu rosto se desfigura por um momento e ele recua, do outro lado da sala suas expressões mostram a surpresa. Apenas arregaço a minha manga e lhe mostro o crucifixo amarrado.

- Doí um pouco em mim. – Lhe conto. – Mas, eles me disseram que doeria mais em você. Sabe onde isso foi abençoado?

Espero alguns segundos e respondo.

- No Vaticano.

- Você não fez isso cavalheiro. – Lúcifer demonstra todo seu espanto e olha para Baby em fúria, o cavalheiro apenas recua. – Eu não disse que era para vigiá-lo?

- Eu o vigiei. – Baby responde com convicção.

- Não o culpe. – Mesmo tenso e com medo exibio um riso. – Eu sabia que Baby tentaria me vigiar novamente e por isso fui mais esperto do que ele. Sinto muito Kil, mas o mundo é um lugar para os mais espertos.

Baby semicerra seus olhos em minha direção.

- O que você pretende?

Lúcifer grita para mim, ele dá um passo à frente, mas então observa a minha proteção e volta a recuar, isso o atormenta. Já Baby fica ao canto sem dizer nenhuma palavra com medo de agir e ser morto pelo senhor.

- Você não vai ter mais forças graças a nós. – Exclamo. – Perderá sua influência na Terra, eu quero que apodreça no inferno onde é o seu lugar.

- Não se esqueça que é para onde você vai. – Lúcifer ri de mim.

Os sons das vozes começam a soar no meio da floresta e cada vez mais vão se aproximando. Os dois a minha frente trocam olhares. Baby é o primeiro a se movimentar, ele segue até onde eu estou e abre as cortinas da janela. Lá fora em volta da casa eles avistam uma multidão de homens trajados em seus mantos vermelho e branco carregando seus objetos sagrados enquanto recitam palavras em latim. No mesmo momento Lúcifer coloca as mãos na cabeça e sente a dor.

- Quem são eles? – Baby me questiona.

- A ordem do vaticano. – Respondo. – Um grupo de padres que se propôs a agir diante as ameaças de Lúcifer à Terra, a ordem tem centenas de anos quase tão antiga quanto o próprio Anjo Caído. E como pode ver ainda resistem.

Lúcifer solta um grito ensurdecedor e se transforma em uma enorme criatura a nossa frente com os grandes chifres e as extensas asas negras que quebram algumas partições da Mansão. Recuo, mas quem fica com mais medo é Baby. As vozes lá fora soam mais alto e então aos poucos o Anjo se retrai e volta a sua forma humana. Por fim o senhor volta a ficar em pé a minha frente.

- Você se julgou muito inteligente. – Lúcifer ri para mim. – Mas, nunca descobriu a parte mais interessante do jogo. Quer vê-la?

Não sei se ele apenas está tentando me desconcentrar ou falando a verdade. Logo, apenas o ignoro, pois, sei que está fraco. Lúcifer levanta uma de suas mãos e fala algo tão baixo que não é possível escutar. Novamente a lareira explode em chamas mais fracas, quando elas abaixam a fumaça preta revela o ser a minha frente. No mesmo momento sinto as minhas pernas falharem e me seguro na cortina.

- Morgana? – Baby fala o que não consigo dizer.

Lá está ela parada no centro da sala. Seus longos cabelos loiros deslizam pelos seus ombros, trajada em um longo vestido preto que realça a sua pele branca. Os lábios mais avermelhados do que nunca, não parece nenhum pouco morta.

- Olá rapazes. – Ela fala para nós. – Estou surpresa por ser chamada.

Dou alguns passos à frente, mas evito tocá-la.

- Morgana. – Enfim falo. – Você está viva?

Ela abre os seus braços e sorri para mim.

- Mais viva do que nunca, meu amigo!

Novamente perco a sensação das minhas pernas e me escoro atrás da poltrona. Morgana caminha pela sala e se aproxima de Lúcifer, o jeito que ela olha para o ser é uma forma que eu nunca tinha visto antes. Não é a mulher que eu conheci um dia.

- O que está acontecendo? – Questiono. – Como está viva?

Lúcifer mesmo fraco consegue apontar e caçoar de mim.

- Vá, diga. – Ele sussurra para Morgana mostrando toda sua empolgação.

Minha antiga amiga sentasse na borda da poltrona, cruza suas pernas e me encara.

- Creio que devemos começar do início. – Morgana ri e prossegue. – Há alguns anos eu estava na casa de Apolo durante uma festa de comemoração por seu prêmio de atuação. Notei que tinha sumido e precisava falar com você porque

deseja contar do homem que estava flertando comigo naquela festa. – Algo normal entre nós, penso. – Então eu subi até o segundo piso da residência, em silêncio, e foi quando ouvi toda a conversa. Notei que estavam um pouco exaustados e me escondi atrás da porta apenas observando pela fresta, todos os cavalheiros. Na conversa vocês falavam sobre os assassinatos que cometeram em nome de Lúcifer. Confesso que no primeiro momento fiquei em choque porque nunca pensei que você poderia matar nem mesmo um animal, Álvaro. Para mim, foi como o fim de tudo até que ele surgiu...

É como se tudo à minha volta girasse, como podemos ter sido tão irresponsáveis?

- Quando estava prestes a recuar um homem projetou-se atrás de mim, trajado em um belíssimo terno preto e naquele instante esqueci do outro com quem estava flertando. Mas, confesso que me assustei naquela hora.

- Eu me lembro. – Baby exclama. – Ainda comentei com vocês que havia escutado um barulho, até mesmo fui até o corredor, no entanto, nada encontrei. Somente depois fechei a porta, mas fiquei com uma sensação estranha.

- Lúcifer me transportou para outro lugar, fiquei assustada. – Morgana conta. – Tivemos uma longa conversa onde eu tirei todas as minhas dúvidas sobre o pacto que vocês haviam feito. Estava possessa pelas suas mentiras Álvaro, mas Lúcifer me mostrou que esse não era o melhor caminho a seguir. Revelou para mim que alguns dos meus antepassados já haviam entrado em contato com ele para troca de algo. Sempre soube que aqueles livros obscuros em minha prateleira significavam algo além da nossa realidade.

Fico apenas paralisado ouvindo a história.

- Não contei a verdade a você depois de tudo isso porque algo muito bom aconteceu a mim. – Morgana conta. – Eu comecei a ter diversas conversas com Lúcifer e o sentimento de interesse foi sendo construído entre nós dois, até que começamos a nos envolver como um homem e uma mulher. – Poderia não ter ouvido isso. – Até que mais recentemente ouvi uma proposta sua me perguntando se desejava ser a sua rainha na Terra, obviamente respondi que sim, no entanto, eu teria que provar algo. Teria prova maior da minha competência do que destruir sua sociedade através de um plano? Sim, isso era prova suficiente do que eu seria capaz.

- Foi você? – A raiva explode em meu corpo, eu avanço, mas me controlo.

- Você é insana. – Baby fala quase admirado.

Morgana levanta-se e caminha pela sala enquanto Lúcifer observa a história com um dos piores sorrisos no rosto enquanto se contorce em dor.

- Pensei, por que não começar com Teseu? – Ela diz. – Sempre soube da sua recaída para bebidas. Dessa forma, arrumei uma forma de embebedar ele propositalmente naquela balada fazendo Pátria esquecer que me conhecia. Vim com ele até esta residência e armei todo o plano fingindo minha morte, é claro com a ajuda de Lúcifer. Pedi apenas sua colaboração nesse momento.

- E eu ajudei porque queria ver como vocês iriam se comportar diante de tamanha tragédia. – Lúcifer nos encara agora sério.

- Para fingir minha morte tive que matar uma garota no interior e armar toda uma cena do crime para todos pensarem que eu estava morta. Julguei que essa seria a melhor forma de desestabilizar a sociedade de vocês, afinal Álvaro era o meu melhor amigo e faria de tudo para vingar minha morte. Eu esperei sua reação Val, até mesmo Lúcifer tentou ajudá-lo, mas recuou depois de um momento de reflexão. Decepcionante. Assim me forçou a agir e encomendei a morte de Michele para que todos pensassem que foi você quem havia feito, gerando mais desestabilização.

Não sei se desejo mais ouvir toda a sua crueldade.

- Depois em um posto no meio da estrada, o mais próximo da Mansão eu me disfarcei de frentista. Esperei Ross se distrair e sabotei o seu pneu o fazendo cair no barranco e perder a sua vítima, logo descumprindo o seu trato com Lúcifer. Ainda paguei um assassino para mentir que foi Tanaka quem havia me matado, e após outros homens para prosseguir-lo pela estrada até que então ele tivesse morto. Também não posso esquecer que contratei um assassino para te matar, mas tudo deu errado por causa daquele psicopata que estava envolvido, Andriel? Igor? Oh, você sempre foi péssimo para relacionamentos.

Aos poucos as suas palavras me destroem e não consigo dizer nada.

- Então eu contratei um homem para sabotar os equipamentos do estúdio onde Apolo estava gravando, infelizmente ele não fez um ótimo trabalho e De Mel ainda se encontrava vivo. No entanto, você acabou me ajudando Álvaro. Quem diria que iria até a igreja procurar informações sobre Lúcifer, obviamente ele ficou possesso e eu sabia que você iria pagar. Dessa forma, naquela noite no hospital Lúcifer mandou um demônio para marcar Nevasca e matá-lo aos poucos, afinal era uma das coisas que você mais amava mesmo que não admitisse.

Ela tem razão, de uma forma estranha, mas eu amava Nevasca.

- Naquele momento eu vi a possível abertura e então tive que agir com as minhas próprias mãos. Fui até o hospital e finalizei Apolo.

- Eu te avistei. – Relembro. – No corredor do hospital, mas julguei apenas ser um delírio da minha mente devido ao ataque que havíamos sofrido.

Seguro na borda da poltrona e olho para ela com ódio, tristeza, raiva.

- Você é uma das piores pessoas que eu já conheci em toda a minha vida. Toda essa armação para ser considerada rainha de Lúcifer na Terra? Nunca pensei que poderia ser tão burra Morgana. Ele apenas vai usá-la e descartar depois que conseguir o que deseja. Não consegue enxergar isso?

Morgana tenta avançar, mas Lúcifer coloca um braço à sua frente e a para.

- Agora sabe toda a verdade. – Ela sorri para mim, insana. – O que eu não entendi foi por que eu fui chamada agora. Pode me explicar Lucífer? Havia prometido que acabaria com todos, ainda restam dois na minha frente.

Lúcifer se afasta dela e caminha se contorcendo enquanto ri.

- Quando Morgana veio com essa proposta eu fiquei interessadíssimo. Sabia da solidez que havia na sociedade que tinha construído e por isso decidi testar sua resistência. Será mesmo que aquela que escolhi seria capaz de destruí-los? Ajudei em alguns momentos, mas só depois vi a verdade.

Nesse momento Morgana vira sua face e o encara.

- A resposta é não. – Ele soa cortante. – Ela não é capaz.

Morgana estanha seus olhos para o lorde.

- O que está dizendo? – Ela questiona eufórica.

- Você cometeu tantos erros no caminho, Morgana. – Lúcifer exclama. – Em diversos momentos tive que reparar seus erros e entrar no jogo para influenciar meus rapazes para ver se conseguia chegar ao seu objetivo, pois, por algum momento eu desejei que você fosse minha rainha. Porém, tudo chegou ao fim quando cometeu aquele deslize com Apolo e deixou marcas pelo caminho que fizeram que alguém mais esperto que você reparasse.

Seus olhos fixam-se nos meus. Lúcifer está me elogiando? Penso, creio que não.

- Agora olhe para fora.

Ele grita para Morgana que estava tão entretida no seu conto que não havia reparado na Ordem dos padres do lado de fora. A mulher abaixa a cabeça.

- Por eu ter acreditado em você foi o motivo da minha ruína. Nunca foi capaz de ser a minha rainha e nunca será, minha querida!

- Lúcifer, eu suplico. – Os olhos dela lagrimejam, ela o ama. – Mais uma chance.

Lúcifer levanta sua mão em direção a parede e uma fumaça preta toma conta do local, apenas recuo quando enxergo alguns olhos no meio daquela escuridão. De repente uma corrente vinda do portal se enrola no pescoço de Morgana, e após uma atinge a sua cintura. Ela estica o seu braço em minha direção, no entanto, não possuo piedade.

- Álvaro, me ajude! – Morgana grita.

Apenas ouço seus gritos enquanto ela é arrastada e mergulhada nas centenas de mãos que cobrem o seu corpo. Minha ex amiga então desaparece e a fumaça evapora. O Anjo caído relaxa as suas mãos e a porta da frente é arrombada. Em questão de instantes o padre Omar surge carregando o seu crucifixo. A minha frente Lúcifer já perde suas forças e cai em frente a lareira, seus olhos fixam-se em mim e não vejo dor, arrependimento ou outro sentimento.

- Foi um prazer jogar com você, Álvaro. – Ele sorri para mim. – Se esse jogo pudesse ter um vencedor você teria sido coroado rei, mas acredito que foi o que mais perdeu nele. Estou certo?

Não o respondo, porém, ele está certo.

- Vocês dois, meus últimos cavaleiros. – Lúcifer olha para mim e Baby. – Possuem um potencial gigantesco pela frente, por onde seguirem a escuridão os acompanhará. Nos encontraremos um dia!

Agora ele olha para Omar e lança o seu melhor sorriso.

- O destino sempre nos une Mig...

- Vos es adhæsit in nomine Christi. – O padre profere.

Na testa de Lúcifer uma cruz queima. Sua coluna quebra para trás e seu corpo se desfigura sendo rodeado por chamas e fumaça negra, até que ouvimos um último suspiro e a fumaça se espalha cobrindo as paredes e o solo da mansão. Apenas coloca a mão no rosto cobrindo a minha visão. Quando eu descubro vejo somente a marca no solo de uma cruz invertida. Lúcifer não está mais entre nós!

BABY KIL

**Fui aquela vadia,
ainda sou aquela vadia.
Eu sempre vou ser aquela vadia.
“Savage.” Megan The Stallion. [\[20\]](#)**



Desço às escadas enquanto carrego a minha garrafa de bebida, talvez a única que tenha sobrado na residência. Percorro até parar em frente ao meu mural na sala de estar onde tenho um lugar só para os meus Grammys. Álbum do ano, música do ano, videoclipe do ano. Tudo o que eu pensei em conquistar eu conquistei.

- As vadias comandam o jogo. – Exclamo.

Olho para o monte de cobranças em cima da mesa, papéis que nem mesmo consigo contar. Depois que o maldito Álvaro Val intimidou Lúcifer o nosso pacto foi quebrado, mesmo com toda as mortes ele nunca retornou e eu sinto que estou definhando. Ninguém mais fala de mim, um novo rosto mais jovem e bonito apareceu na mídia para eles idolatrarem. Como se o meu legado fosse apagado por essas barbies projetadas. Há aquelas que nunca vão ser substituídas como Beyoncé, Lady Gaga, Nicki Minaj, Rihanna e Baby Kil.

- Lúcifer seu maldito. – Grito com toda a minha força.

Atiro a garrafa que se quebra no quadro que é uma pintura minha. Pego uma faca da cozinha e rasgo ele de cima a baixo mesmo que tenha me custado milhões. Eu apenas não quero vê-lo.

Subo as escadas e entro em meu quarto, deito ao lado do corpo de Rafael. Passo a mão pelos seus músculos definidos como obras de arte grega, sua pele fica perfeita estendida sobre o lençol branco enquanto o seu sangue está espalhado.

- Eu te amo! – Sinto que é amor verdadeiro.

Me viro para o outro lado e encaro Hércules. Passo a mão pela sua pele escura, seu abdômen. Vou sentir saudades de senti-lo todo por dentro, mas eu o

amo ver parado olhando em minha direção. Há um silêncio entre nós que ninguém mais poderia compreender.

- Eu também te amo. – Digo a Hércules.

Tomo um banho e visto minha roupa que deixavam todos eles loucos. O couro, as partes nuas do meu corpo. Por fim coloco os sapatos altos e desfilo pelo quarto, meu pai odiaria me ver assim. Ainda me recordo da sua cinta chocando-se contra a minha pele, mas ele não está mais aqui. Acabei com ele e dei para os meus cães comerem, uma carne de segunda, mas ainda rechonchuda.

- Rafael, Hércules. – Grito. – Estou fabulosa!

Quando ouço o som das sirenes lá fora eu desço as escadas com sutileza. Eles gritam pelo meu nome no lado de fora.

- Já estou indo. – Sussurro.

De repente a porta é derrubada e os policiais entram.

- Mãos para cima.

O mais alto fala com sua arma apontada para mim.

- Nem precisa pedir por isso. – O respondo rindo.

O com bigode rústico toma a frente e me prende com uma algema, encaro os seus olhos profundos e sinto o cheiro de nicotina.

- Você vai se divertir muito na cadeia. – O homem me diz.

- Se for com você eu posso ter certeza que sim. – Mordo meu lábio inferior e pisco para ele. – Podem me levar, quem está me esperando? Amy Winehouse? Droga! Está morta, certamente estarei em breve.

- Se não calar a boca vai. – Um deles é ríspido.

- Ele é um psicopata. – Outro diz e eu rio.

Sou levado até a viatura que está fora da minha residência, abano para alguns repórteres que estão distantes. Minha última glória da fama.

- Obrigado meus fãs. – Aceno pela última vez.

Antes que eu entre na viatura sinto uma mão grossa apertar por baixo da minha nádega, olho para o policial rústico ao lado e sorrio para ele. Talvez eu consiga me divertir mais do que pensei na cadeia e sem precisar pagar as minhas dívidas. Assim me sento na viatura e observo a minha mansão ser deixada para trás para todo o sempre.

EPÍLOGO

Já faz cinco anos da tragédia que me assolou e exterminou com a vida daqueles mais próximos de mim. A cada dia foi uma batalha para superar tal sentimento, confesso que aos poucos as coisas foram melhorando afinal nós somos humanos e nos adaptamos as situações. No entanto, ainda sou assombrado por pesadelos, há noites em que acordo no meio da madrugada com meu travesseiro ensopado de suor, então respiro por longos dez segundos e volto a me acalmar. O padre Omar me ensinou algumas estratégias para me livrar desses maus espíritos, mas creio que no meu caso vá além disso, a minha consciência pesa quando reflito sobre tudo o que fiz. Por isso que estou tentando fazer o meu melhor agora, Omar me falou que quem sabe Deus possa perdoar os meus pecados se seguir no caminho correto, pois, ninguém sabe as suas vontades e decisões, apenas preciso ter fé. Gostaria de crer nesse ponto de vista, porém, a verdade é que o pouco de fé que eu tinha evaporou cinco anos atrás. O que não me deixou perder a cabeça foi algo que descobri com o tempo, a escrita.

A garçonete Barbará se aproxima da minha mesa, seu longo cabelo loiro amarrado em um coque, vestida com o avental cinza com verde da cafeteria. Por um momento me recordo de Morgana. Mas, só em questão de aparência afinal Barb não possui escuridão, depois de tanto tempo vivendo com ela consigo identificar nas pessoas.

- Bom dia, Dionatan. – Ela sorri para mim. - O de sempre!

- Um Caffè Doppio. – Sorrio de volta para ela. – Muito obrigado, minha amiga.

Deixo o copo ao lado do meu notebook e volto a escrever. Oh! Esqueci de mencionar, agora me chamo Dionatan Lexa. Depois de aprisionarmos Lúcifer notei que não me encontrava mais naquela vida, o grande estilista chamado Álvaro. Em conversa com o padre lhe contei que deseja mudar e me afastar da escuridão, sendo sincero me disse que se continuasse a viver por ali estaria a todo o momento propício a cair em tentação ainda mais com a vida que vivia. Dessa forma,

manipulei minha morte e deixei toda uma vida para trás da qual não sinto nenhuma saudade. Assumi a identidade de Dionatan e me mudei para à Itália. Ao olhar para o reflexo no espelho nem mesmo vejo o antigo Val, agora estou com o cabelo platinado e uso lentes azuis como a cor dos olhos de Nevasca. Novamente me vejo pensando nele, realmente não há como esquecer.

- Esse livro é insano.

Duas garotas não muito afastadas da minha mesa comentam segurando o livro preto chamado “A face do mal”, uma obra que explora os dois lados das pessoas, aquelas que elas mostram a sociedade e a outra obscura que existe dentro de suas almas. Como sei de tudo isso? Digamos que eu sou o autor do último best-seller do new york times. Depois que abandonei tudo me senti acuado e solitário e precisava me encontrar, percebi que enquanto escrevia todos esses sentimentos passavam. Ao escrever sobre histórias terríveis sentia minha alma cada vez mais leve, pois, joguei tudo nas páginas o que já fiz ou tive vontade, não me deixando mais cometer qualquer ato ruim. É como um refúgio para os meus sentimentos ruins. Acabei postando na internet e as histórias se tornaram um sucesso, é claro que não pude assumir a minha identidade e isso é o que atrai ainda mais os leitores. Não sabem quem é o autor e nunca saberão, apenas vai ficar na sua imaginação quem é o famoso escritor de horror chamado Hades.

- Quem escreveu isso tinha uma mente perturbada. – A outra garota responde.

Lanço um riso abafado e as garotas olham em minha direção.

- Talvez ele tenha vivido tudo isso. – Digo a elas.

- Uma melhor amiga assassinar seus melhores amigos? – A ruiva diz. – Qual é, são apenas histórias de terror.

- História ou não nunca confie demais nas pessoas. – Pisco para ela.

A de cabelos pretos me observa.

- Mais algum conselho, estranho? – A leitora pergunta para mim.

- Nunca faça um trato com Lúcifer.

As garotas riem de mim e eu as acompanho, viro para o lado e deixo elas comentarem sozinhas sobre a terrível história. Fecho o meu notebook e lanço um riso abafado, tomo meu café e leio as últimas mensagens em meu telefone. Uma das primeiras é de Padre Omar, havia perguntado a ele como estava a expedição no México e agora me respondeu com um “Estamos bem na medida do possível, conseguimos deter três deles.” Mais um motivo para eu estar tentando me tornar uma pessoa melhor. Depois da sociedade ter ajudado Lúcifer ele conseguiu poder

suficiente para livrar alguns demônios do inferno e mandá-los para à Terra com o intuito de espalhar o mal. A Ordem do Vaticano está se virando como pode para acabar com todos eles e creio que está funcionando, a cada ano as ocorrências diminuem e isso é bom. Por isso fico em contato com o Padre afinal eu me sinto responsável por tudo, e realmente sou. Apenas respondo ele com um emoji sorrindo.

Guardo as minhas coisas em minha sacola e aceno para Barb que do outro lado do balcão abana para mim. Quando saio da cafeteria já é noite, as ruas da cidade iluminadas e hoje poucas pessoas circulam pelo local. É um ambiente tranquilo para se viver, as pessoas também são bem gentis comigo. Me adaptei rápido e nunca estive tão melhor.

Passo por uma banca de jornais e me aproximo, pois, algo me chama atenção. Abro o jornal e leio a notícia intitulada “Ex popstar Baby Bil é assassinado na prisão.” Ao lado uma imagem sua, aquele garoto irreconhecível, olheiras profundas e marcas causadas pelo cigarro em sua pele. Depois que tudo acabou Baby insistiu em continuar vivendo sua vida fajuta, no entanto, não éramos mais uma sociedade, Kil não podia mais contar com Lúcifer. Aos poucos a sua carreira foi desabando e ele se afundou nas drogas, e é claro não parou de assassinar. Após aquele tempo da guerra contra Lúcifer ele matou cerca de dez pessoas até ser preso e agora está morto. Baby era um psicopata!

- Vai comprar o jornal ou apenas ler a notícia sem pagar? – O velho dono da banca olha para mim com seus olhos semicerrados.

- Desculpe. – Exclamo. – Tenha uma boa noite!

Prossigo pelas ruas da cidade, não desejo me prender no passado. Baby fez a sua escolha e agora pagou por isso. Por mais que ele tenha sido uma das piores pessoas que eu já conheci em toda a minha vida ainda sim eu não o odeio, talvez por eu ter entrado e vivenciado sua luta na infância. No entanto, creio que isso não justifica todos os seus atos cruéis. Agora está nos braços de Lúcifer onde espero um dia não estar. Obviamente tenho plena consciência que mereço sofrer pelos meus crimes, mas querer pagar é outra história.

As ruas vão ficando mais escuras enquanto me aproximo do meu apartamento. Então algo estranho acontece, começo a ouvir alguns sons como se estivesse ocorrendo uma discussão. Olho para o lado no escuro no meio dos prédios e há um homem agarrando uma jovem menina, ele prende suas mãos e coloca ela contra a parede. A vítima tenta gritar, no entanto é abafada pela mão do agressor. De repente seus olhos verdes me fitam clamando por socorro, todo o meu corpo dói.

- Você. – O chamo. – Largue ela.

Será que eu devo estar fazendo isso? Por um momento reflito e respondo imediatamente com um sim. O agressor olha para o lado e me avista, enxergo no seu olhar seus desejos obscuros pela menina e a ânsia pela morte, e algo além disso, perverso.

- Saia daqui garoto, é um assunto apenas entre eu e ela.

A garota balança a cabeça tentando fugir e ele pressiona com mais força. Não posso me conter diante disso e apenas parto para cima do homem. Com minhas duas mãos empurro seu corpo e ele acaba se desvinculando da menina que apenas corre para o lado e tomba no chão ao tropeçar nas pedras. Vejo o pior do medo no seu olhar como acontecia com algumas das minhas vítimas.

- Você quer morrer? – O agressor ri para mim.

Sem poder me defender ele vem em minha direção e dispara um soco em minha face, somente sinto o sangue escorrer pela minha boca.

- Socorro. – A menina grita do corredor, porém, creio que ninguém vai escutá-la, esta região não é muito movimentada, e moram pessoas com idade mais avançada.

Quando tento ficar estável recebo outro golpe no outro lado, cerca de cinco socos na barriga e por fim sou finalizado no queixo. Apenas tombo para trás e caio no meio da calçada, tento passar os dedos em minha face, mas os cortes ardem e sinto o sangue escorrer. Ouço o riso de contentamento do homem ao passar por mim, a garota quando vê que ele está liberto corre em direção à praça. Penso, rapidamente. Ele irá atrás dela ou vai voltar com mais ódio de mim e me finalizar, não posso deixar nenhuma das opções acontecer. Avisto um bastão de ferro ao lado do lixo e uso toda a minha força para pegá-lo, quando eu o tenho em minhas mãos o agressor grita de raiva.

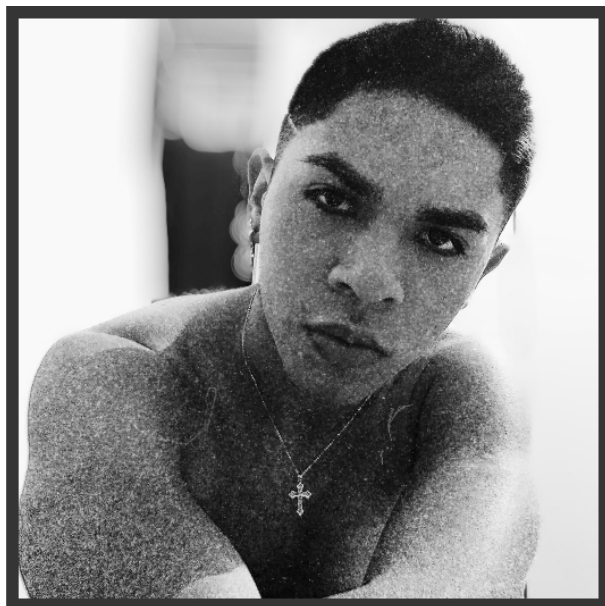
- Você me fez perder ela. – Ele diz. – Vai pagar!

O homem se vira em minha direção e vejo dentro dos seus olhos que a sua intenção é me matar. Dessa forma, eu não espero. Seguro com força o bastão e o levanto acertando diretamente em sua cabeça. Sem nem mesmo poder reagir o homem tomba a minha frente, seu corpo fica estirado no meio da calçada enquanto uma poça de sangue começa a ocupar o lugar. Minhas mãos tremem e deixo o bastão cair, me ajoelho diante do corpo e coloco as mãos na cabeça.

- Pelos céus. – Sussurro.

Meu corpo congela e ao longe sentado no banco da praça eu o vejo. De pernas cruzadas, trajado em seu terno preto esbanjando um sorriso. Abaixo a minha

cabeça e deixo às lágrimas rolarem. Por mais que eu tente ou lute contra a escuridão ela sempre me encontra porque eu preciso pagar pelo que fiz. Não posso ser salvo, desde o momento em que fiz o pacto a minha vida foi traçada, minha alma pertence a Lúcifer.



NASCIDO NO RIO GRANDE DO SUL, em 1999. Jovem amante da arte. Fascinado pelo Cinema, Música, Literatura e a Dança. O mundo da literatura sempre foi o seu refúgio, e agora como fio condutor deseja que seus leitores mergulhem nos seus universos e se desconectem da realidade.

“Olá meus queridos leitores, espero que tenham gostado da obra. Como escritor independente ficarei muito contente em receber uma review sobre o livro. Podem entrar em contato pelas minhas redes sociais ou avaliar na plataforma em que você está lendo. Um abraço, Cris...”



@crisruanc



\CCOUTOESTANTE



@bookcris (Use #OsCavalheirosDeLucifer)

Playlist com todas as músicas usadas como títulos dos capítulos do livro:

Usuário: ALERTCRIS | Playlist: Livro OCDL

[1]. “The Fame” Canção escrita por Lady Gaga e Martin Kierszenbaum; Streamline, Cherrytree.

[2]. “Man Down” Shama Joseph, Timothy Thomas, Theron Thomas, Shontelle Layne, Robyn Fenty; Def Jam, 2011.

[3]. “Real Friends” Cabello, William Walsh, Louis Bell, Brian Lee, Frank Dukes; Electric Fell, 2017.

- [4] “Sorry Not Sorry” Demi Lovato, Warren “Oak” Felder, Sean Douglas, Trevor Brown, William Zaire Simmons; Island, Republic, Hollywood, Safehouse, 2017.
- [5] “Angel” Dinah Jane, Jason Boyd; Epic, Syco, 2017.
- [6] “Pretty Hurts” Kings Landing, Jungle City Studios, Oven Studios; Parkwood 2014.
- [7] “Perfume” Britney Spears, Sia Furler, Chris Braide; RCA, 2013.
- [8] “Levitating.” Dua Lipa, Clarence Coffee, Sarah Hudson, Stephen Kozmeniuk, DaBaby ; Warner 2018.
- [9] “Getaway Car” Taylor Swift, Jack Antonoff; Big Machine, 2017.
- [10] “Born To Die” Lana Del Rey, Justin Parker; Polydor, Interscope, 2011.
- [11] “Dangerous Woman” Johan Carlsson, Ross Golan, Max Martin; Republic, 2011.
- [12] “Wildest Dreams” Taylor Swift, Max Martin, Shellback; Big Machine, Republic, 2015.
- [13] “Shout Out To My Ex” Edvard Førre Erfjord, Henrik Michelsen, Camille Purcell, Iain James e Little Mix; Syco, 2016.
- [14] “Lovesick Girls” Teddy Park, Jisso, Jennie, Danny Chung; YG 2020.
- [15] “The Night Is Still Young.” Nicki Minaj; Young Money, Cash Money, Republic, 2014.
- [16] “Malamente” Rosalía, Pablo Diaz Reixa, Antón Alfaro; Sony, 2018.
- [17] “Give Your Heart a Break.” Josh Alexander, Billy Steinberg; Hollywood 2012.
- [18] “Obsessed” Mariah Carey, Terius Nash, Christopher Stewart; Island, 2009.
- [19] “I Did Something Bad” Taylor Swift, Max Martin, Shellback; Big Machine, 2017.
- [20] “Savage” Megan Pete, Anthony White, Bobby Session; Warner 2020.